

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
Programa de Pós-Graduação em Língua e Literatura Alemã

PATRÍCIA CRISTINA BIAZÃO MANZATO MOISES

**KUNST DES BRIEFES – ARTE DA CARTA:
UM ESTUDO SOBRE CARTAS DE STEFAN ZWEIG NO EXÍLIO**
(Versão corrigida)

SÃO PAULO
2013

PATRÍCIA CRISTINA BIAZÃO MANZATO MOISES

**KUNST DES BRIEFES – ARTE DA CARTA:
UM ESTUDO SOBRE CARTAS DE STEFAN ZWEIG NO EXÍLIO**
(Versão corrigida)

Dissertação apresentada à Faculdade de
Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo para obtenção do
título de Mestre em Língua e Literatura Alemã

Área de Concentração: Literatura Alemã

Orientadora: Prof^a Dr^a Juliana Pasquarelli
Perez

SÃO PAULO

2013

FOLHA DE APROVAÇÃO

Nome: MOISES, Patrícia Cristina Biazão Manzato

Título: *Kunst des Briefes* – Arte da Carta: Um estudo sobre cartas de Stefan Zweig no exílio

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Literatura Alemã.

Aprovado em: 30 de Agosto de 2013

Banca Examinadora

Profª Drª Juliana Perez Pasquarelli. Instituição: USP – Universidade de São Paulo

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Profª Drª Celeste Ribeiro de Souza Instituição: USP – Universidade de São Paulo

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. Paulo A. Soethe_ Instituição: UFPR – Universidade Federal do Paraná

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Aos meus pais, Marcos e Cristina, e ao meu esposo, Rafael, que sempre me apoiaram e me encorajaram na trajetória deste trabalho

AGRADECIMENTOS

A Deus

Aos meus pais, Cristina e Marcos, que sempre me apoiaram e me serviram de exemplo para seguir uma carreira acadêmica, com determinação.

Ao meu esposo, Rafael, que durante todo o processo me apoiou e se fez presente, sempre ao meu lado, com muita paciência e compreensão.

À minha orientadora, Juliana, que me mostrou os caminhos da pesquisa e me conduziu ao longo de todo trabalho com muita dedicação.

À FAPESP – Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de São Paulo, que fomentou durante um ano esta pesquisa, permitindo que fosse possível o estudo em campo no Brasil e a maior dedicação ao trabalho.

Ao DLA – *Deutsches Literaturarchiv Marbach* – pela bolsa de estudos do Programa Hilde-Domin para alunos de Mestrado, que fomentou minha pesquisa em campo, no arquivo alemão, e contribuiu imensamente para que a pesquisa fosse realizada.

Ao Sr. Alberto Dines, que gentilmente me concedeu uma entrevista sobre seus estudos e amplo conhecimento sobre Stefan Zweig, permitindo um maior aprofundamento no trabalho historiográfico da pesquisa.

A todos, amigos e familiares, que direta e indiretamente colaboraram para que esta pesquisa se concretizasse.

*Kennst du das Land, wo die Zitronen blühn,
Im dunkeln Land die Gold-Orangem glühn,
Kennst du es wohl?
- Dahin, dahin!
Möch ich... ziehn.*

Wolfgang von Goethe

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo apresentar, analisar e discutir as relações estabelecidas de Stefan Zweig no período de exílio, utilizando sua correspondência entre 1940 e 1942. Grande escritor de cartas, Zweig possui uma vasta correspondência com escritores, intelectuais, editores, amigos e familiares; existem cartas já publicadas, em edições desde a década de 1960, mas muitas ainda encontram-se inéditas em arquivos na Europa, na América do Sul e na América do Norte. Nesse sentido, o presente trabalho se dividiu em três partes: primeira parte de coleta documental, *in loco*, em dois arquivos, a citar o *Deutsches Literaturarchiv Marbach*, DLA, localizado na cidade de Marbach a. N., na Alemanha e o Arquivo da Biblioteca Nacional, BN, no Rio de Janeiro, Brasil; a segunda parte foi a leitura das cartas e separação de um primeiro corpus, o qual foi traduzido. Na primeira seleção, foram levados em conta aspectos que pudessem ressaltar as relações de Zweig com escritores e personalidades da época, europeus, norte-americanos e brasileiros, e cujo conteúdo pudesse trazer elementos para posterior análise; e a terceira parte do trabalho constituiu no desenvolvimento da dissertação e a análise em si das cartas, as quais puderam ser separadas em três núcleos temáticos em comum: (i) Zweig entre o Mundo de Ontem e o País do Futuro; (ii) Zweig e a literatura; e (iii) Zweig em seu isolamento. Como base teórica do trabalho foi utilizado um texto escrito por Zweig, *Kunst des Briefes*, no qual ele discute as características pertinentes ao gênero epistolar e o estatuto literário da carta. Textos teóricos de epistolografia também foram utilizados para dar suporte à base teórica do trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Stefan Zweig; *Kunst des Briefes*; Cartas; Pesquisa documental; DLA; BN;

ABSTRACT

This work aims to present, analyze and discuss relations established by Stefan Zweig during this exile time, by using his letters between 1940 and 1942. A great letter writer, Zweig has a great number of letters with intellectuals, editors, friends, relatives; there are some letters which have already been published, in editions since 1960's, but there are many that are still unpublished and are kept in archives in Europa, South America and North America. Therefore this work was divided in three parts: the first part was the *in loco* documental research in two archives e.g. *Deutsches Literaturarchiv Marbach*, DLA, located in Marbach a. N. city, in Germany and Arquivo da Biblioteca Nacional, BN, in Rio de Janeiro, Brazil; the second part was to read and separate the letters from a first *corpus*, which was totally translated to Portuguese. On this first selection aspects were taken into account, that could show the relations between Zweig and European, American and Brazilian writers and intellectuals from his epoch, and that had a content which could have brought elements for the afterward analysis; and the third part was composed by the letters analysis itself, which could be separated in three different thematic groups: (i) Zweig between the World of Yesterday and the Land of the Future; (ii) Zweig and the literature; e (iii) Zweig in his own isolation. As theoretical basis a Stefan Zweig's text was used, called *Kunst des Briefes*, in which he discusses mainly characteristics about the letter genre and the literary status of the letter. Epistolography theoretical texts were also used to support this work.

KEY-WORDS: Stefan Zweig; *Kunst des Briefes*; Letters; Documental Research; DLA; BN;

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABL	Academia Brasileira de Letras
AC	Alfredo Cahn
AD	Alberto Dines
AK	Abrahão Koogan
AR	Afonso Arinos de Melo Franco
BN	Biblioteca Nacional
BV	Berthold Viertel
DLA	Deustches Literaturarchiv Marbach
DWW	DeWitt Wallace
FAPESP	Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de São Paulo
FB	Ferdinand Bürger
FZ	Friderike Zweig
HE	Hans Elsaas
JBSF	J. B. Souza Filho
MA	Manfred Altmann
RR	Romain Rolland
SZ	Stefan Zweig
TM	Thomas Mann
USP	Universidade de São Paulo
VD'A	D'Almeida Vitor
VF	Viktor Fleischer
VW	Viktor Wittkowski
ZN	Zorán Ninitch

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. A ARTE DA CARTA	18
1.1 <i>Die Kunst des Briefes</i> e A Arte da Carta	18
1.2 A Carta: uma nobre e valiosa Arte	22
2 STEFAN ZWEIG E O BRASIL	42
2.1 Três momentos	43
2.1.1 Primeiro Momento (1932-1933)	43
2.1.2 Segundo Momento (1936)	44
2.1.3 Terceiro Momento (1940-1942)	49
2.2 Publicações e correspondência no exílio	57
3 AS CARTAS DE STEFAN ZWEIG.....	59
3.1 O corpus	59
3.1.1 Deutsches Literaturarchiv Marbach	59
3.1.2 Biblioteca Nacional	60
3.2 Ritmo da Correspondência	61
4 ZWEIG E O EXÍLIO: três aspectos do exílio	66
4.1 Zweig entre o mundo de ontem e o país do futuro	68
4.2 Zweig e a literatura	89
4.3 Zweig em seu isolamento	102
CONSIDERAÇÕES FINAIS	122
REFERÊNCIAS	126
ANEXOS	133
INTRODUÇÃO	

Stefan Zweig (1881-1942) foi considerado grande autor de novelas e biógrafo, em especial na década de 1920 e meados da década de 1930, por obras como *Amok*, *Schachnovelle* e as biografias de importantes figuras da história europeia, dentre elas Maria Antonieta, Balzac, Hölderlin, Romain Rolland e Freud, com quem teve um relacionamento de grande amizade. Após a ascensão de Hitler ao poder, Zweig, por sua ascendência judaica, não possui alternativa senão deixar Salzburg, sua terra natal, onde vivia na época. Refugia-se na Inglaterra, ainda não oficialmente como exilado, e lá permanece. Em 1939, a Inglaterra é bombardeada e os cidadãos alemães e austríacos passam a ser vigiados. Por esse motivo, Zweig decide realizar uma viagem pelas Américas, em especial para os Estados Unidos e para o Brasil, onde já havia estado anos antes.

Entre 1936 e 1942, Zweig escreveu três textos sobre o Brasil. O primeiro, intitulado *Dank an Brasilien* [Agradecimento ao Brasil], é uma conferência pronunciada no Rio de Janeiro, em 25 de agosto de 1936, e foi posteriormente publicada em *Zeit und Welt* (1946), em Estocolmo. Em outubro do mesmo ano, Zweig publica o artigo *Kleine Reise nach Brasilien* [Pequena viagem ao Brasil] na revista de Peter Loyd, em Budapeste, texto que é re-editado no livro *Begegnung mit Menschen, Büchern, Städten* (1955) e que relata suas observações nos poucos dias em que permaneceu no Brasil. Por fim, em 1941, publica o ensaio *Brasilien, ein Land der Zukunft* [Brasil, um país do futuro] (2009), com tradução para vários idiomas, que relata sua estada no Rio de Janeiro, sua viagem pela costa brasileira, descreve aspectos socioeconômicos da época e apresenta também um estudo sobre a história e a situação financeira do país.

A trajetória pelos países da América do Sul e alguns eventos dessa mesma época tornam o período de exílio de Zweig intrigante. O primeiro aspecto é o fato de sua obra mais famosa sobre o Brasil, *Brasilien, ein Land der Zukunft*, não ter sido escrita em sua totalidade no país. Zweig viaja para Nova Iorque logo após ter coletado os dados, ao percorrer várias regiões brasileiras ao longo do ano de 1940; contudo, apenas quando chega à cidade de New Haven e pode utilizar a Biblioteca da Universidade de Yale é que o autor dá continuidade a seus estudos sobre a história do Brasil e sobre obras que seriam de seu interesse para escrever o ensaio. Assim, o único texto escrito por Zweig sobre o Brasil enquanto ele aqui se encontrava foi *Dank an Brasilien*, proferido na Academia Brasileira de Letras, em 1936. Em

segundo lugar, impressiona a grande repercussão mundial das obras de Zweig, em especial de *Brasilien, ein Land der Zukunft*, que foi escrito em alemão e traduzido simultaneamente para o inglês, francês, espanhol, sueco e português.

Dentre os aspectos acima citados, a trajetória da redação até a publicação de seu livro sobre o Brasil pode ser acompanhada na leitura de cartas trocadas com Abrahão Koogan¹, enquanto o escritor estava nos Estados Unidos. Além disso, observam-se nessas cartas os contatos que Zweig mantinha na época, dentre eles exilados norte-americanos, latino-americanos e brasileiros. Tal correspondência encontra-se na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, tendo tido algumas cartas publicadas na última década (cf. BECK & BERLIN, 2005).

Vários foram os estudos acerca da obra de Stefan Zweig, em especial após o lançamento de *Brasilien, ein Land der Zukunft* (1997), os quais abordam, sobretudo, os aspectos políticos relacionados ao governo Vargas (Cf. DINES, s/d, 1981; ECKL, 2008; SILVA, 2008). Alguns afirmam que o ensaio seria uma apologia ao governo do Estado Novo ou até mesmo que o autor fora obrigado a escrever tal texto para conseguir seu visto de permanência no Brasil; outros mantêm-se neutros com relação ao aspecto político. Sobre o tema, Dines (1981, p. 271) entende que: “[...] ainda que [*Brasilien, ein Land der Zukunft*] tenha sido considerado, no Brasil, pelos intelectuais da oposição, como louvação desenfreada à sociedade e ao regime que esta engendrou, leitores mais atentos perceberam discretas restrições”. Tal percepção dos leitores não chegou aos ouvidos de Zweig, que conviveu com as críticas dos círculos intelectuais, algumas vezes comentadas por ele próprio em suas cartas, como em uma correspondência enviada à sua primeira esposa, Friderike Zweig, com quem manteve contato até seus últimos dias:

Algumas pessoas daqui não o consideram [o livro] bastante positivo, [porque] elas dão mais importância às suas máquinas e às suas construções novas e tendem a se envergonhar do pitoresco – vai ser preciso esperar a próxima geração para descobri-lo [o Brasil], do mesmo jeito que nós, que derrubamos o velho *Burgtheater* e a casa mortuária de Beethoven para depois nos lamentarmos. (SZ – FZ, Petrópolis, 1941; in: DIMAS, 2003, p.106).

¹ Abrahao Koogan (1912, Rússia – 2000, Rio de Janeiro), editor dos livros de Stefan Zweig no Brasil pela Livraria Guanabara e Editora Delta.

Após esse período de crítica e repercussão das obras de Zweig no Brasil, que durou entre dois ou três anos, muitos anos se passaram sem que seus escritos fossem relidos, o que resultou em um período sem pesquisas aprofundadas sobre o autor e até mesmo em seu esquecimento pela crítica brasileira.

Considerando a importância das relações da obra do escritor com o Brasil, bem como o grande acervo documental, ainda não suficientemente pesquisado, entendeu-se como necessária uma nova pesquisa sobre a figura de Zweig e seu período de exílio no país. Para tanto, escolheu-se pesquisar a correspondência de Zweig presente em arquivos literários a fim de esclarecer aspectos da relação que o escritor manteve com o Brasil, relação marcada pela reflexão sobre o passado e o futuro, pelos debates literários mantidos com escritores exilados e latino-americanos e também por seu isolamento ao final da vida.

As reflexões que pretendíamos fazer no presente trabalho eram possíveis por meio da coleta e análise da rica correspondência entre Zweig e personalidades norte-americanas, europeias e sul-americanas da época. Zweig foi um grande escritor de cartas e sua vasta correspondência foi compilada e descrita por Klawitter (1991, pp. 468-557). Na correspondência de Zweig, aparecem tanto autores famosos, como Rainer Maria Rilke, Arthur Schnitzler, Romain Rolland, Thomas Mann quanto amigos próximos, como Abraão Koogan, e familiares, Friderike Zweig (sua primeira esposa), Siegfried Bürger (seu cunhado) e Alfred Zweig (seu irmão).

Em um de seus textos, escrito em 1924, Stefan Zweig chama a troca de correspondência de “Kunst des Briefes” [arte da carta], e reflete sobre o estatuto da carta na época e sobre meios de comunicação que surgiram depois da carta e contribuíram para destruir ou diminuir a arte de escrever cartas:

Aber diese edle, diese reine Kunst des Briefes scheint zu Ende zu gehen. Ihr erster Vernichter war die Zeitung, in der alles für alle geschrieben ist, in der die Nachrichten, die sonst abgetönt dem einzelnen zugesprochen waren, in sachlicher und kalter Form dem Massengebrauch dargeboten werden. Der zweite Vernichter war die Schreibmaschine, die das Wort entseelt und jenes geheime Bildnis, das jeder Mensch in seiner Schrift von sich gibt, wie hinter einem kalten Spiegel verschwinden läßt; die dritte Vernichtung kam von Telephon, wo die Menschen nun mit der ihnen zugemessenen Hast alles einander berichten können, ehe es noch warm in das Innere, in das lebendige Blut gedrungen ist.² (ZWEIG, 1963, p. 8).

² “Contudo, esta arte da carta, nobre e pura, parece estar chegando ao fim. Seu primeiro destrutor foi o jornal, no qual tudo é escrito para todos, no qual as notícias, que antes eram dadas a cada pessoa de forma nuançada e singular, agora são apresentadas de forma objetiva e fria para uso das massas. O segundo destrutor foi a máquina

O jornal, o telefone e a máquina de escrever ascenderam em termos de popularidade nas décadas de 1920 e 1930, mas Zweig preferiu apresentar suas percepções de mundo e receber notícias por meio das cartas, em especial durante o período em que ficou exilado nos EUA e no Brasil, quando a correspondência era a única forma de manter contato com amigos e conhecidos europeus.

As cartas de Stefan Zweig constituem um material denso de pesquisa, que oferece a possibilidade de reconstituição da rede de relações que Zweig estabeleceu no país e de núcleos temáticos recorrentes. Para a compreensão das relações, ainda pouco estudadas, entre Zweig e o Brasil, tais cartas são de extrema importância, pois revelam as impressões do autor a respeito do país e os contatos aqui estabelecidos. A pesquisa das cartas de Stefan Zweig em arquivos literários talvez ofereça também subsídios para novas interpretações de sua obra literária, por apresentar elementos de seu contexto social e discursivo.

Optou-se por utilizar como base teórica deste estudo o próprio texto de Zweig intitulado *Die Kunst des Briefes* (1963) uma reflexão bastante interessante sobre sua própria concepção do que seria uma carta, seu estatuto literário e sua trajetória até a década de 1920. Além da análise do texto *Die Kunst des Briefes*, foi necessário apresentar, no capítulo teórico, algumas questões referentes aos atuais estudos de epistolografia e estabelecer um paralelo entre as reflexões de Zweig e outros autores – desde os anos 1980 – sobre os elementos constituintes da carta.

A pesquisa procurou responder questões pontuais a respeito das cartas de Zweig, em especial:

- Quais são as cartas escritas por Zweig no período de exílio (1939-1942)?
- A quem se dirigem? Entre os destinatários encontram-se personalidades políticas ou intelectuais brasileiras? Há cartas de intelectuais brasileiros ou europeus a Zweig?
- Quais os principais temas abordados nas cartas e de que forma contribuem para a compreensão do período de exílio de Stefan Zweig no país?

Para analisar tais questões, foi necessário coletar as cartas escritas por Zweig ou a ele enviadas entre o período de 1939 a 1942, por meio de levantamento do acervo de cartas do

de escrever, que mata a palavra e faz desaparecer, como por trás de um espelho frio, aquela imagem secreta de si que cada pessoa revela em sua letra; a terceira destruição vem do telefone, em que as pessoas, com uma pressa que lhes foi sobreposta, podem contar tudo umas às outras, antes que isso entre no seu sangue, no seu interior, de forma intensa.”

autor no período citado, na Alemanha e no Brasil, descrever seu conteúdo e selecionar as cartas que traziam um conteúdo pertinente ao trabalho.

Sendo assim, o *corpus* de análise é composto pela seleção de 316 documentos encontrados e coletados pela pesquisadora nos arquivos, sendo privilegiada sua correspondência do período de 1940 a 1942, período de exílio em que viveu nos EUA e no Brasil.

A pesquisa constituiu-se, efetivamente, de duas fases: pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo, no Brasil e na Alemanha. Devido ao tempo de pesquisa proporcionado pelo mestrado, não foi possível pesquisar todo o acervo referente ao autor austríaco, que possui um vasto acervo documental disperso por vários locais: *Casa Stefan Zweig*, localizada na cidade de Petrópolis-RJ; *Deutsches Literaturarchiv Marbach*, arquivo literário de Marbach am Neckar, na Alemanha; o arquivo da *Biblioteca Nacional*, localizado na cidade do Rio de Janeiro; *Museo del Holocausto de Buenos Aires*, situado na capital argentina; *Deutsches Exilarchiv 1933-1945*, localizado na *Die Deutsche Bibliothek*, em Frankfurt am Main; *Stefan Zweig Center*, localizado em Salzburg, local onde o escritor viveu a maior parte de sua vida ao lado de Friederike Zweig. Contudo, pretendeu-se recolher o maior número possível de cartas e documentos no *Deutsches Literaturarchiv Marbach* (DLA - Arquivo Literário Alemão de Marbach) e na *Biblioteca Nacional* (BN), no Rio de Janeiro.

A pesquisa para levantamento dos documentos e dos acervos onde se encontrava a produção de Zweig – cartas, obras, artigos, dentre outros – iniciou em 2010, no desenvolvimento do projeto para ingresso no Programa de Pós-Graduação em Língua e Literatura Alemã da Universidade de São Paulo. Dentre os listados acima, destacaram-se três arquivos: A Casa Stefan Zweig, em Petrópolis; o DLA – *Deutsches Literaturarchiv* em Marbach, na Alemanha; e a Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro.

Em 2010, a Casa Stefan Zweig ainda estava fechada; o acesso foi liberado ao público apenas em 2012, o que inviabilizou a pesquisa naquele local. Para a pesquisa no DLA foi solicitada uma bolsa junto ao Programa Hilde-Domin de Bolsas de Pesquisa para alunos de mestrado nas áreas de Literatura Alemã e Literatura Comparada, que consiste em uma parceria entre o DLA em Marbach e o Centro de Cooperação Brasil-Alemanha da Universidade Federal do Paraná. A pesquisa, com o auxílio dessa bolsa, teve duração de 30 dias, entre 10 de janeiro e 10 de fevereiro de 2011. No DLA, foi possível não apenas a coleta de documentos inéditos de Zweig, bem como o acesso a uma vasta bibliografia sobre o autor,

com estudos desde a década de 1940 sobre suas cartas e sua trajetória no exílio; além disso, foi possível selecionar textos teóricos sobre estudos de cartas de linha francesa e alemã, e sobre a Segunda Guerra Mundial e exílio de judeus. Todo o material coletado em Marbach – cerca de 300 documentos, dentre cartas e artigos – foi fotocopiado e os documentos inéditos, transcritos, e estão em posse da pesquisadora. Uma listagem do material encontrado, com a descrição geral dos documentos, encontra-se no Anexo deste trabalho.

A pesquisa na BN – Biblioteca Nacional – foi realizada com recursos da Reserva Técnica da bolsa de mestrado da FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – em julho de 2011. O material que se encontra na BN está em dois fundos distintos: o Fundo Alberto Dines, onde estão fotos, entrevistas e pesquisas que este fez para redigir a biografia de Zweig – *Morte no Paraíso* (1981) – e ainda algumas cartas de autores brasileiros comentando a biografia e o trabalho de Stefan Zweig no Brasil. No Fundo Abraão Koogan, encontra-se o acervo de cartas trocadas entre o editor e o escritor; a correspondência passiva e ativa é um material muito rico, que por si só forma um *corpus* de análise interessante por revelar a trajetória de Zweig e de sua produção. Além das cartas entre o autor e Koogan, há também cartas formais, convites entre diversos destinatários e uma coletânea sobre a repercussão da morte de Stefan Zweig na mídia. A BN não permite que o material da Seção de Manuscritos seja fotocopiado, por isso todas as cartas foram transcritas *in loco*. Esse material também está em posse da pesquisadora.

Para a pesquisa na BN também foi necessária uma autorização por escrito do curador do fundo, Alberto Dines³, que concedeu gentilmente uma entrevista sobre sua pesquisa sobre Stefan Zweig no Brasil. A entrevista com Alberto Dines ocorreu no dia 09 de junho de 2011, em seu escritório na cidade de São Paulo; o jornalista respondeu a perguntas sobre Zweig e sua relação com o Brasil e contribuiu com referências bibliográficas e biográficas que foram imprescindíveis para o desenvolvimento da pesquisa.

O presente trabalho é dividido em quatro capítulos. O primeiro capítulo é dedicado à apresentação e discussão sobre o texto *Die Kunst des Briefes*; texto inédito no Brasil, publicado como posfácio da obra *Briefe aus Einsamkeiten* (1924), de Otto Heuschele. Apresenta-se o texto alemão na íntegra, sua tradução e em seguida a análise, que busca

³ Alberto Dines (1932, Rio de Janeiro – até o presente): é escritor e jornalista, redator-chefe do Observatório da Imprensa e o maior especialista de Stefan Zweig no Brasil atualmente.

identificar a visão de Stefan Zweig sobre as cartas. No final do primeiro capítulo, é realizado um paralelo entre as teorias atuais de correspondência e a visão do autor.

O segundo capítulo constitui uma apresentação da relação de Stefan Zweig com o Brasil, analisada em três momentos: 1932, quando ele se interessa pela primeira vez pelo Brasil, por meio de suas leituras; 1936, em sua primeira e breve visita ao país, em consequência de sua participação na Conferência do PEN Club na Argentina; e o período entre 1941 e 1942, já em condição de exilado.

No terceiro capítulo, é apresentado o conjunto de cartas coletadas nos dois arquivos; nele é realizada uma descrição detalhada das cartas, separando-as por data e destinatário, como forma de constituir o ritmo da correspondência. É feita também uma breve descrição do conjunto de cartas do período entre 1940 e 1942, apontando aspectos decisivos para a seleção do corpus de análise. O quarto e último capítulo é dedicado à análise das cartas selecionadas, a partir de três grandes grupos temáticos: i) a relação entre o passado e o futuro; ii) as discussões literárias com autores contemporâneos a Zweig e iii) o isolamento no exílio. Ao final deste trabalho é apresentado o anexo com o detalhamento de todas as cartas coletadas nos dois arquivos, como se mencionou acima.

1 A ARTE DA CARTA

Die Kunst des Briefes [A arte da carta] foi publicado em 1924 como posfácio do livro *Briefe aus Eisamkeiten*, de Otto Heuschele, na época, um jovem escritor⁴. Quase quarenta anos depois, em 1963, foi publicado novamente na revista da fundação Stefan Zweig Gesellschaft, *Blätter der Internationalen Stefan-Zweig-Gesellschaft*.

O texto é inédito no Brasil. Apresentamos o texto original na íntegra e sua tradução⁵, seguidos da análise e discussão do texto.

1.1 *Die Kunst des Briefes* e a Arte da Carta

<i>Die Kunst des Briefes</i>	<i>A Arte da Carta</i>
Stefan Zweig	Stefan Zweig
<p><i>Eine edle und kostbare Kunst scheint ihrem Ende entgegenzugehen: die Kunst des Briefes. Was sie so wundervoll machte und ihr ein so weit verbundenes Leben, einen so einzigen Reichtum verliehen hat, war, daß diese Kunst nicht wie alle andern allein an die Künstler gebunden blieb: jedem einzelnen Menschen war es gegeben, seinen Augenblicken inneren Aufschwungs und einer nur vorübergehend in ihn eingebrochenen Beseelung im Briefe Ausdruck zu verleihen. Man gab einem Freunde, einem Fremden,</i></p>	<p><i>Uma nobre e preciosa arte parece encaminhar-se a seu fim: a arte da carta. O que a tornou tão maravilhosa e lhe brindou uma vida tão ampla e uma riqueza única foi o fato de essa arte, ao contrário das outras, não ter permanecido ligada exclusivamente aos artistas: a cada um dos homens foi dado expressar na carta seus momentos de voo interior e a animação efêmera que o invade. A pessoa entregava a um amigo, a um estranho, aquilo que recebia do dia: um acontecimento, um livro, um</i></p>

⁴ Otto Heuschele (8/5/1900 – 16/9/1996): foi escritor, editor e professor da Tübingen Universität e da Freie Universität Berlim, além de membro do P.E.N Club de Berlim, onde provavelmente conheceu Stefan Zweig.

⁵ Todas as traduções deste trabalho foram realizadas pela própria pesquisadora.

was man vom Tage empfing, ein Geschehnis, ein Buch, ein Gefühl, gab es weiter mit leichter Hand, ohne die Prätension eines Geschenks, ohne die gefährliche Anspannung, für ein Kunstwerk verantwortlich zu sein. So entstanden in vergangenen Zeiten zahllose kleine Wunder der Wahrheit in einer stillen Welt, in der noch der Brief bindende Kraft und die Botschaft von Mensch zu Mensch still beschwörende Gewalt hatte.

Aber diese edle, diese reine Kunst des Briefes scheint zu Ende zu gehen. Ihr erster Vernichter war die Zeitung, in der alles für alle geschrieben ist, in der die Nachrichten, die sonst abgetönt dem einzelnen zugesprochen waren, in sachlicher und kalter Form dem Massengebrauch dargeboten werden. Der zweite Vernichter war die Schreibmaschine, die das Wort entseelt und jenes geheime Bildnis, das jeder Mensch in seiner Schrift von sich gibt, wie hinter einem kalten Spiegel verschwinden läßt; die dritte Vernichtung kam von Telephon, wo die Menschen nun mit der ihnen zugemessenen Hast alles einander berichten können, ehe es noch warm in das Innere, in das lebendige Blut gedrungen ist. So sind in den Millionen Briefblättern, die jeder Tag in schweren Säcken, in Karren durch die Städte schleppt, kaum mehr ein Dutzend lebendiger und gestalteter Worte, und ganz schon verloren jene einsame Anstrengung, jene für uns schon

sentimento; transmitia-o sem nenhum esforço, sem a pretensão de dar um presente, de forma leve, sem a perigosa tensão de ser responsável por uma obra de arte. Assim, em tempos passados, surgiram inúmeros pequenos milagres da verdade em um mundo silencioso, no qual a carta ainda tinha força vinculativa e a mensagem de pessoa a pessoa, um manso poder evocatório.

Contudo, esta arte da carta, nobre e pura, parece estar chegando ao fim. Seu primeiro destrutor foi o jornal, no qual tudo é escrito para todos, no qual as notícias, que antes eram dadas a cada pessoa de forma nuançada e singular, agora são apresentadas de forma objetiva e fria para uso das massas. O segundo destrutor foi a máquina de escrever, que mata a palavra e faz desaparecer, como por trás de um espelho frio, aquela imagem secreta de si que cada pessoa revela em sua letra; a terceira destruição vem do telefone, em que as pessoas, com uma pressa que lhes foi sobreposta, podem contar tudo umas às outras, antes que isso entre no seu sangue, no seu interior, de forma intensa. E assim, nos milhões de papéis de carta que são carregados pela cidade todos os dias, em sacos pesados, nos carrinhos do correio, há apenas uma dúzia de palavras vivas e bem modeladas; e já se perdeu inteiramente aquele esforço solitário, aquele amor, a nós hoje totalmente incompreensível,

ganz unfaßliche Liebe, mit denen die Vorfahren unseres Blutes und unseres Geistes einstens ihre Briefe schrieben. Ich weiß nicht, ob auch andere die gleiche Beschämung empfinden; aber jedesmal, wenn ich im Goethehaus stehe und dort sehe, wie der erlauchteste Meister des deutschen Wortes, dem die Feder wie unter Magie in der Hand gehorchte, wichtige und sogar belanglose Briefe zwei- oder dreimal konzipierte und korrigierte, ehe er sie der Absendung für reif erachtet, oder wie Nietzsche Entwürfe fast jedes Schreiben mit eigener Hand anfertigte – dann überfällt mich immer die Frage, wieviel von uns unendlich Ärmeren des Wortes, unendlich weniger sicheren Menschen noch den Fleiß und die sittliche Geduld haben, einem zufälligen Brief so viel Liebe und Ehrfurcht zu widmen. Wir haben alle, oder fast alle, den Brief neben die Kunst gestellt: er dient bei den Künstlern heute noch manchmal im Kunstgeschäft, manchmal in der Kunstpolitik, fast niemals aber mehr gewähren wir ihm den Anspruch, selber ein Kunstwerk zu werden oder zu sein.

Aber ein wie Geheimnisvolles ist damit von uns gegangen, daß wir dem Brief unsere Liebe nahmen! Dadurch, daß jeder Brief sich immer an einen Einzelnen wendet, an einen bestimmten, dem Gefühl gegenwärtigen Menschen, wurde er unwillkürlich zum Doppelbildnis des Sprechenden. Unbewußt

com o qual nossos antepassados de sangue e espírito outrora escreviam suas cartas. Não sei se mais alguém também sente a mesma vergonha; mas todas as vezes que visito a casa de Goethe e vejo como o mestre mais ilustre da palavra alemã, ao qual a pena obedecia como sob mágica, concebia e corrigia duas ou três vezes as cartas importantes, e até as irrelevantes, antes de considerá-las prontas para o envio; ou como Nietzsche redigia de próprio punho os rascunhos de quase todas as missivas – então sempre me assalta a pergunta sobre quantos de nós, pessoas infinitamente mais pobres de palavras, e infinitamente menos seguras, ainda têm o empenho e a paciência moral de dedicar a uma carta tanto amor e veneração. Nós todos, ou quase todos, apartamos a carta da arte: para os artistas, hoje ela só serve aos negócios ou à política da arte, mas quase nunca concedemos à carta o direito de se tornar ou de ser, ela mesma, uma obra de arte.

Contudo, como é grande o mistério que perdemos por termos desprovido a carta do nosso amor! Pelo fato de cada carta se dirigir sempre a uma pessoa singular, a uma pessoa específica, presente ao sentimento, a carta se tornou involuntariamente um retrato duplo de quem fala. Inconscientemente, a voz

antwortete die Stimme des Angesprochenen, und dieses Fluidum von Gemeinsamkeit strahlte eine Vertrautheit aus, die offen war und intim zugleich, beredt und verschwiegen, vertraulich und verbergend in einem. Manche Dinge vermochten überhaupt nur in diesem unbeschreiblichen Tonfall ausgesprochen zu werden, den die Rede zu zweien hat, und vielleicht sind manche der seelenvollsten Mitteilungen unserer Zeit nur darum verloren, weil wir diese Kunst des Briefes verlernt zu haben scheinen.

Dieses Verlorene zu erwecken, geistigen Dingen den Zwiegesprächston der seelischen Intimität wiederzugeben, versucht nun hier ein junger Dichter mit seinen „Briefe aus Einsamkeiten“. Er wohnt in einer kleinen deutschen Stadt, aber sein Herz lehnt an dem Herzen der ganzen Welt, wo es am lautesten schlägt. So möchte er versuchen, daß, war von außen hinein in seine Stille dringt, in dieser Sprache der Stille wieder auszusprechen: dafür schien ihm die Form des Essay, die Kunstbildung der anspruchsvollen Studie zu anmaßend und kalt. So fand er sich eine Form, in der er das, was ihn an einzelnen Erscheinungen bewegt, in einem Brief an irgend jemand schreibt, an Einen, irgendeinen in der Ferne, von dem man meint, daß ihn eine seelische Bruderschaft für seine eigene Stunde empfänglich finden könnte. Und er schreibt

do destinatário respondia, e essa aura de comunhão irradiava uma familiaridade que era, ao mesmo tempo, aberta e íntima, eloquente e discreta, familiar e secreta. Algumas coisas só podem ser ditas nesse tom indescritível que a conversa a dois possui, e talvez as mensagens mais plenas de alma de nosso tempo tenham se perdido porque parece que desaprendemos essa arte da carta.

Despertar o que foi perdido, devolver às coisas espirituais o tom do diálogo da intimidade da alma, é o que procura agora um jovem poeta com suas “Cartas da solidão”. Ele mora em uma pequena cidade alemã, mas seu coração se apoia ali onde o coração do mundo inteiro bate mais forte. Assim ele gostaria de voltar a expressar o que invade seu silêncio, vindo de fora, na linguagem do silêncio: para isso, a forma do ensaio, a construção artística do estudo erudito pareceu-lhe muito arrogante e fria. Então ele encontrou para si uma forma na qual ele descreve o que o comove em certos acontecimentos numa carta a uma pessoa qualquer, a um alguém, uma pessoa num lugar longínquo que ele imagina ter uma fraternidade espiritual que a faça receptiva para seu momento particular. E agora escreve sobre livros que se abriram a ele, sobre grandes figuras humanas que o comoveram,

nun über Bücher, die sich ihm aufgetan, über große Gestalten, die ihn bewegten, über Erscheinungen der Kunst und des Lebens, die ihn beschäftigen, aus einer vollen Expansion des Gefühls, die sich nicht durch literarische Hemmungen enthalten und entfremden läßt. Diese Briefe an Unbekannte binden nun ein Buch und wandern in das Unbekannte hinein. Möge es die Freunde finden, deren Stille auf seine Stille antwortet und so sich ein reines und volles Gefühl belohnt sehen, das ohne Eitelkeit und nur aus innerem Bedürfnis sich in die Ferne mitteilt und die Lust am geheimen Lauschen in unserer laut gewordenen Welt vermehrt.

[Erstmals gedruckt als Nachwort des Buches von Otto Heuschele „Briefe aus Einsamkeiten“, Berlin (1924)]

sobre os fenômenos da arte e da vida que o intrigaram, em uma completa expansão do sentimento que não se permite deter nem se alienar por escrúpulos literários. Essas cartas a desconhecidos formam agora um livro e se encaminham ao desconhecido. Que este livro encontre amigos cujo silêncio responde ao seu silêncio, e então veja recompensado um sentimento puro e pleno que, sem vaidade, se comunica à distância apenas a partir de uma exigência interior, e que aumente o prazer do escutar em segredo, num mundo que se tornou tão barulhento.

[Publicado pela primeira vez como Epílogo do livro de autoria de Otto Heuschele “Briefe aus Einsamkeiten”, Berlin (1924)]

1.2 A carta: uma nobre e valiosa arte

Na década de 1920, Stefan Zweig escreve o posfácio ao livro de Otto Heuschele, *Briefe aus Einsamkeiten: drei Kreise* [Cartas das Solidões: três círculos] (1924). A obra, a primeira de Heuschele, acabou se tornando conhecida em virtude do posfácio escrito por Stefan Zweig, que na época já era um autor renomado. O posfácio foi intitulado *Die Kunst des Briefes*; nele, Zweig tece considerações sobre a tradição da epistolografia, que segundo o autor se dilui face aos avanços tecnológicos da comunicação de seu tempo.

O texto, que discute – antes de apresentar a obra de Heuschele – o estatuto da carta para a sociedade e para os artistas, foi escrito quinze anos antes das cartas a serem analisadas neste trabalho. Contudo, entende-se que os aspectos apontados por Zweig poderão auxiliar no entendimento de questões que aparecem no *corpus* de suas cartas do exílio. Por esse motivo, é necessário analisar e refletir sobre tal texto, que é – pela própria tradição de escrita de Zweig – conciso, mas denso e complexo.

O escritor austríaco, no posfácio, defende a ideia de que a carta possui um estatuto de “arte”. Sabe-se que o conceito de arte não é único, a depender da época na qual um autor ou grupo está inserido e das reflexões que um autor ou um grupo levanta. Para Zweig, a arte possui um aspecto universal porque poderia se tornar para qualquer pessoa um instrumento de autoconhecimento: diante da arte, a pessoa se reconheceria, olharia para si, para suas fraquezas e sucessos e encontraria ou reencontraria um rumo para si mesma (cf. BROD, 1968, pp. 80-81).

Nesse sentido, Zweig entende a carta – gênero de caráter particular – como uma arte em si e não apenas como um meio de comunicação. Na visão de Zweig, a carta exigiria cuidado estilístico, mas não possuiria a mesma tensão de uma obra literária; o estatuto de arte consistiria em sua universalidade: a carta seria mais espontânea e mais livre e permitiria à pessoa que escreve doar a seu interlocutor sua percepção do mundo ao seu redor, de acontecimentos, livros e sentimentos. Em uma carta, segundo Zweig:

[...] Man gab einem Freunde, einem Fremden, was man vom Tage empfang, ein Geschehnis, ein Buch, ein Gefühl, gab es weiter mit leichter Hand, ohne die Prätension eines Geschenks, ohne die gefährliche Anspannung, für ein Kunstwerk verantwortlich zu sein.⁶ (ZWEIG, 1963, p. 8).

Se a carta, para Zweig, apresenta as características de doação e de universalidade, o que lhe forneceria um estatuto de obra de arte, é necessário refletir sobre como Stefan Zweig, ele próprio, estabelece uma relação entre tais aspectos. Para isso, é importante perceber as mudanças na trajetória do escritor, seu ideal de concisão e brevidade para a constituição da obra de arte e compreender a relação entre renúncia e busca pela “essência”.

⁶ “A pessoa entregava a um amigo, a um estranho, aquilo que recebia do dia: um acontecimento, um livro, um sentimento; transmitia-o sem nenhum esforço, sem a pretensão de dar um presente, de forma leve, sem a perigosa tensão de ser responsável por uma obra de arte.”

Stefan Zweig publica *Die Kunst des Briefes* em 1924. A década de vinte foi uma época de intensa transformação em sua trajetória como escritor, pois entre 1921 e 1926 suas obras são publicadas em milhões de tiragens e traduzidas para 30 idiomas, em especial nos EUA e Europa, como afirmam Davis e Marshall (2010, pp. 3-5):

During the 1920s and 1930s Stefan Zweig became firmly established as the German language's most translated of authors and one of the twentieth century's most respected literary figures, receiving praise from his contemporaries in Europe and in the Americas. Zweig's elegant and supremely readable works of newly psychoanalytical-inspired fiction, biography and other writings had been translated into English, French, Portuguese, Spanish, Chinese and numerous languages.⁷.

No caso da publicação de *Die Kunst des Briefes*, o autor pontua sua forma de pensar a carta como obra de arte. Em carta a Arthur Schnitzler, Zweig explica sua visão sobre a obra de arte:

Si je suis consciente de quelque forme d'art, dirá-t-il, ce ne peut pas être que l'art du renoncement, car je ne me plains pas si de mille pages écrits, huit cents prennent le chemin de la corbeille à papier, et seules deux cents subsistent, qui en sont l'essence filtrée⁸. (*apud* BONA, 2010, p. 227).

Como dito pelo próprio Zweig em carta, sua arte possui duas vertentes: a arte da renúncia e a busca por uma “essência”. A ideia de renúncia, para o escritor austríaco, parece estar ligada ao conceito de reescrita e escolhas a serem feitas ao longo do processo pelo qual o texto passa antes de se tornar obra de arte. Zweig reforça a ideia da reescrita em sua autobiografia, ao comentar sobre autores por ele respeitados e sobre seu trabalho para transformar um texto em uma obra de arte:

⁷ “Durantes as décadas de 1920 e 1930, Stefan Zweig estabeleceu-se como um dos autores de língua alemã mais traduzido e uma das figuras literárias mais respeitadas do século XX, sendo consagrado por seus contemporâneos na Europa e nas Américas. Redigidas com elegância e supremacia, suas obras de ficção da nova vertente psicanalítica, biografias e outros escritos foram traduzidas para o inglês, francês, português, espanhol, chinês e muitos outros idiomas.”

⁸ “Se sou consciente de qualquer forma de arte, digo-lhe, não será de outra que não a da arte da renúncia, pois não me queixo se, de mil páginas escritas, oitocentas tomam o caminho da lixeira e apenas duzentas subsistem, que contêm a essência filtrada.”

[...] Não sei o bastante de um artista se só conheço sua obra acabada, e confirmo a palavra de Goethe, de que para entender bem as grandes criações não podemos ver apenas sua finalização, precisamos também espreitar o seu vir-a-ser. [...] Uma folha corrigida de Balzac, onde quase todas as frases são desfeitas, cada linha lavrada, a margem branca borrada de preto por estar coberta de traços, sinais e palavras, representa concretamente para mim a irrupção de um Vesúvio humano [...]. (ZWEIG, 1999, p. 201).

O processo de escrita, de modificação, de renúncia ou de escolhas traça um caminho da obra de arte, intrínseco à obra finalizada que chega ao conhecimento dos leitores. E é por meio desse caminho de renúncias e escolhas, segundo Zweig, que se poderia encontrar o que ele chama de “essência”⁹.

De fato, Zweig preocupava-se tanto com a renúncia que fazia parte da composição da obra como também em escrever obras breves, como afirma Bona: “il est, dit-il, un écrivain concis et efficace. Tous ses ouvrages – même les biographies – sont brefs.”¹⁰ (2010, pp. 226-227). A ideia de que a obra de arte e a literatura devem ser concisas acompanha Zweig em toda sua carreira, a começar pela escolha de gêneros. Enquanto seus contemporâneos, a citar, por exemplo, Döblin, Thomas Mann e Musil, se preocupariam em escrever romances e grandes tratados que se caracterizam por uma grande complexidade estrutural, Zweig privilegiava uma forma mais clara e concisa do texto. Assim explica Mortreuil as características do texto de Zweig:

En choisant le souffle court de la nouvelle, vous avez opté, cher Stefan Zweig, pour “l’art du renoncement”, cet acte de sabotage qui consiste à soustraire, raccourcir : “De tous mes travaux celui de supprimer m’est en somme la agréable [...] dès que la première rédaction approximative d’un ouvrage a été mise au net, le travail véritable débute pour moi, celui de la condensation”. “Tout d’un coup”, “soudain”, “bref”, “aussitôt”, autant de petits mots pour favoriser la rapidité des transitions et me propulser en avant dans ma lecture.¹¹ (1995, p. 56).

⁹ A partir de leituras realizadas, entende-se que o Zweig utiliza o termo “essência” sem uma preocupação em encaixá-lo em correntes filosóficas específicas.

¹⁰ “Ele é, como diz, um escritor conciso e eficaz. Todas as suas obras – mesmo as biografias – são breves.”

¹¹ “Ao escolher o sopro curto da novela, o senhor optou, meu caro Stefan Zweig, pela “arte da renúncia”, esse ato de sabotagem que consiste em remover, encurtar: “De todos os meus trabalhos, o de suprimir, em resumo, é o agradável [...] desde a primeira redação aproximada de uma obra, ela estava ligada, o trabalho começa verdadeiramente para mim com a condensação”. “De repente”, “subitamente”, “breve”, “imediatamente”, palavras pequenas que favorecem a rapidez das transições e me impulsionam em minha leitura.”

O texto de Mortreuil foi escrito em forma de carta, como se Zweig fosse seu destinatário. As observações de Mortreuil permitem afirmar que a ideia de concisão e brevidade defendida por Zweig surge a partir de uma reflexão sobre a forma de escrita – observada tanto nas obras de Zweig quanto nas obras literárias contemporâneas a ele – e sobre o trabalho dedicado às obras de arte. Para Zweig, portanto, quanto mais as obras fossem trabalhadas e suas formas pensadas e reestruturadas, mais forneceriam uma leitura breve e concisa, de forma que o leitor pudesse atingir a essência da obra.

Assim, a produção literária de Zweig procura evitar as construções prolixas e redundantes e se caracteriza pela proximidade da realidade na qual viviam seus leitores, levando-os a se envolverem com o enredo e com as personagens. (Cf. STOSS- HERBERTZ, 2007, pp. 3-5)

A busca incessante pela melhor estrutura, organização e a escolha minuciosa de vocabulário são características dos trabalhos de Zweig, que desde sua juventude trabalha constantemente em sua obra, revisando muitas vezes seus manuscritos, antes de permitir sua publicação. Esse trabalho árduo que envolve a renúncia revela a busca pelo que o autor chama de “essência”. Além disso, Zweig parece separar a busca pela “essência” da obra de seu volume de páginas, ou seja, haveria autores que necessitam de quinhentas páginas para extraírem de seu texto a sua melhor forma, mas também os escritores, como o próprio Zweig, que com textos breves e concisos transmitem seu sentido pleno. Assim, a renúncia e a busca pela essência, pela perfeição na obra, parecem caracterizar a concepção de arte de Zweig. Tal aspecto, já claramente pontuado no texto de Zweig em 1924, é retomado em sua autobiografia: “[...] cada peça literária tinha por um milagre único sempre a medida certa, nada a menos ou a mais [...]” (Cf. ZWEIG, 1999, p. 70).

Além de Zweig entender a carta em seu processo de escrita, também a percebe como uma obra constituída a partir de um discurso a dois, que existe, por um lado, pela necessidade de se compartilhar ou doar algo e por outro lado, pela recepção e compreensão do destinatário:

Dadurch, daß jeder Brief sich immer an einen Einzelnen wendet, an einen bestimmten, dem Gefühl gegenwärtigen Menschen, wurde er unwillkürlich zum Doppelbildnis des Sprechenden. Unbewußt antwortete die Stimme des Angesprochenen, und dieses Fluidum von Gemeinsamkeit strahlte eine Vertrautheit aus, die offen war und intim zugleich, beredt und verschwiegen, vertraulich und verbergend in einem. Manche Dinge vermochten überhaupt

nur in diesem unbeschreiblichen Tonfall ausgesprochen zu werden, den die Rede zu zweien hat¹². (ZWEIG, 1963, p. 8).

Segundo Zweig, o discurso da carta seria constituído a partir do momento em que ela se dirige a uma pessoa específica e que poderia apresentar detalhes que apenas os dois indivíduos envolvidos no discurso seriam capazes de desvendar. Assim, é constituído um tom particular, no qual o destinatário estaria apto a compreender e absorver aquilo que lhe é doado de forma única.

Zweig ressalta ainda que, na carta, o discurso seria estabelecido não apenas por aquele que a escreve, mas sim entre remetente e destinatário, já que cada carta seria uma entrega ao outro dos acontecimentos daquele dia, como o próprio Zweig afirma no início de seu ensaio, em trecho já mencionado acima: “Man gab einem Freunde, einem Fremden, was man vom Tage empfing, ein Geschehnis, ein Buch, ein Gefühl, gab es weiter mit leichter Hand”¹³ (ZWEIG, 1963, p. 8). Pode-se entender, dessa maneira, que a carta se caracteriza por um gesto de entrega de quem a escreve àquele que a recebe.

Diversos aspectos tornam a carta um fenômeno singular, a citar, sua época, situação e contexto¹⁴, contudo não se pode considerar uma carta um evento isolado, já que ela só pode ser entendida quando são reconstruídas as relações entre remetente e destinatário, contexto social político e cultural da época em que foi escrita e os meios nos quais foi produzida.

Em se tratando dos assuntos pertinentes à carta, Zweig compreende-a como um lugar onde seria possível abarcar questões, sensações e sentimentos que o remetente experimentou e que pretende dividir com seu destinatário, mas – como já enfatizado – de forma espontânea e livre de preocupações literárias. Dessa forma, a carta relatava situações cotidianas vividas pelo seu remetente, sem a preocupação de uma narrativa linear, já que o remetente estaria

¹² “Pelo fato de cada carta se dirigir sempre a uma pessoa singular, a uma pessoa específica, presente ao sentimento, a carta se tornou involuntariamente um retrato duplo de quem fala. Inconscientemente, a voz do destinatário respondia, e essa aura de comunhão irradiava uma familiaridade que era, ao mesmo tempo, aberta e íntima, eloquente e discreta, familiar e secreta. Algumas coisas só podem ser ditas nesse tom indescritível que a conversa a dois possui”.

¹³ “A pessoa entregava a um amigo, a um estranho, aquilo que recebia do dia: um acontecimento, um livro, um sentimento; transmitia-o sem nenhum esforço, sem a pretensão de dar um presente, de forma leve”.

¹⁴ Uma abordagem recente e ainda em constituição no campo da epistolografia foi designada como “fenomenologia da carta” e tem sido desenvolvida no Brasil por Marcos Antonio de Moraes, do Instituto de Estudos Brasileiros IEB-USP. A fenomenologia da carta busca entender os diferentes aspectos – materialidade, contexto, condições de produção, dentre outros – que fazem da carta uma produção textual tão singular.

preocupado em revelar percepções e experiências. Ao comentar a forma escolhida por Heuschele, Zweig afirma a importância de a carta ser um gênero mais livre e espontâneo:

So fand er [Otto Heuschele] sich eine Form, in der er das, was ihn an einzelnen Erscheinungen bewegt, in einem Brief an irgend jemand schreibt, an Einen, irgendeinen in der Ferne, von dem man meint, daß ihn eine seelische Bruderschaft für seine eigene Stunde empfänglich finden könnte. Und er schreibt nun über Bücher, die sich ihm aufgetan, über große Gestalten, die ihn bewegten, über Erscheinungen der Kunst und des Lebens, die ihn beschäftigten, aus einer vollen Expansion des Gefühls, die sich nicht durch literarische Hemmungen enthalten und entfremden läßt.¹⁵ (ZWEIG, 1963, p. 9).

Na passagem acima, Zweig afirma que o sujeito que escreve a carta escolhe um gênero em que é permitido falar com espontaneidade e liberdade sobre algo que o comove e o marca: livros, personagens, fenômenos em um dado momento e lugar. O remetente não escreveria a pessoas ao seu redor, mas a alguém à distância – situação esta recorrente dos exilados e refugiados, por exemplo.

A própria leitura das cartas de Zweig remete à necessidade de se descrever os contextos distintos que se referem às fases na vida do escritor. Ao observar a correspondência publicada do autor, percebe-se que, enquanto ele está na Europa, entre 1910 e 1930, suas cartas são agradecimentos a convites e debates intelectuais com Sigmund Freud, Romain Rolland e Émile Verhaeren, principalmente. Tais cartas são de cunho literário, apresentam em sua maioria pontos de reflexão sobre o mundo e a época, sobre obras literárias que os intrigavam e sobre suas próprias obras. As cartas da década de 40, que foram escritas no exílio, demonstram uma menor reflexão sobre questões filosóficas e literárias; nelas predominam assuntos de ordem prática, além de serem mais sucintas e objetivas.

Nesse sentido, pela possibilidade de conter desde situações cotidianas até reflexões mais complexas e pelo autor poder doar-se por completo ou apenas narrar imparcialmente uma notícia a seu destinatário, a carta passeia entre limites textuais: ela pode conter elementos narrativos, argumentativos ou ensaísticos, a depender da intenção de quem escreve. Passear entre o que é velado e o que é revelado, entre o que se conta e o que se oculta é quase um

¹⁵ “Então ele encontrou para si uma forma na qual ele descreve o que o comove em certos acontecimentos numa carta a uma pessoa qualquer, a um alguém, uma pessoa num lugar longínquo que ele imagina ter uma fraternidade espiritual que a faça receptiva para seu momento particular. E agora escreve sobre livros que se abriram a ele, sobre grandes figuras humanas que o comoveram, sobre os fenômenos da arte e da vida que o intrigaram, em uma completa expansão do sentimento que não se permite deter nem se alienar por escrúpulos literários.”

pacto estabelecido entre remetente e destinatário, como afirma Zweig: “Unbewußt antwortete die Stimme des Angesprochenen, und dieses Fluidum von Gemeinsamkeit strahlte eine Vertrautheit aus, die offen war und intim zugleich, beredt und verschwiegen, vertraulich und verbergend in einem.”¹⁶ (ZWEIG, 1963, p. 9).

O escritor entende ainda que é a partir do modo como a carta é pensada e produzida que ela pode passear por esses limites, ou seja, a carta se torna um local privado, ao mesmo tempo, de segredos e notícias pessoais e de crítica e reflexão sobre o mundo público e acontecimentos da sociedade.

Os limites entre o público e o privado que constituem a carta remetem a uma situação singular da carta: a constituição de ausências e silêncios. Zweig apresenta o primeiro aspecto da ausência: a ideia de que a linguagem da carta é a linguagem do silêncio – “Sprache der Stille” –, que teria a capacidade de criar vínculos fortes entre as pessoas a partir das “verdades” que ela transmite. A carta, nesse sentido, apresentaria uma “força vinculativa”, quase mágica. Zweig afirma: “So entstanden in vergangenen Zeiten zahllose kleine Wunder der Wahrheit in einer stillen Welt, in der noch der Brief bindende Kraft und die Botschaft von Mensch zu Mensch still beschwörende Gewalt hatte”.¹⁷ (ZWEIG, 1963, p. 8).

A força vinculativa à qual Zweig se refere permite que o sujeito que não se encontra em seu ambiente possa expressar em suas cartas o sentimento de estar deslocado e a par da realidade de sua época. A carta, nesse sentido, se tornaria a única forma de aproximação ou de contato com outras pessoas. Esse aspecto, presente na correspondência de exílio de Zweig, já havia sido abordado pelo autor em 1924, ao redigir seu posfácio à obra de Heuschele. Nesse sentido, *Die Kunst des Briefes* (1963) apresenta o segundo aspecto da ausência: pode-se perceber que a materialização da ausência, mais especificamente da ausência do outro, é analisada a partir da ideia de que a carta é composta por “pequenos milagres da verdade” em um mundo silencioso, onde pode ser ouvida por aqueles que ainda não fazem parte do mundo que se tornou barulhento e insensível a esses milagres. Nesse ponto, Zweig apresenta mais um aspecto da carta que a torna, no seu entender, tão singular e mágica, uma verdadeira obra de arte.

¹⁶ “Inconscientemente, a voz do destinatário respondia, e essa aura de comunhão irradiava uma familiaridade que era, ao mesmo tempo, aberta e íntima, eloquente e discreta, familiar e secreta.”

¹⁷ “Assim, em tempos passados, surgiram inúmeros pequenos milagres da verdade em um mundo silencioso, no qual a carta ainda tinha força vinculativa e a mensagem de pessoa a pessoa, um manso poder evocatório.”

Zweig observa ainda um terceiro aspecto da ausência: a mensagem de pessoa para pessoa, contida na carta, se constitui a partir de um discurso da ausência – ou seja, são os silêncios, as pausas e os cortes do discurso elementos constituem a carta. E essas lacunas – pausas, silêncios – são compreendidas pelo destinatário a partir da fala do remetente; assim, remetente e destinatário se fazem presentes no discurso constituinte da carta. Em comparação a textos em que tudo deve ser dito explicitamente, a carta possui a liberdade – assim como os textos literários – de deixar uma mensagem implícita, de forma que só seu destinatário pode preencher as lacunas obscuras. Ao explicar a escolha de Heuschele pela forma da carta, Zweig aponta também para a diferença entre um texto academicista, que seria engessado, frio, preocupado com a estrutura e a carta, mais livre e espontânea, na qual o remetente poderia transmitir o que o comove. Zweig afirma:

So möchte er [der Schreiber] versuchen, das, was von außen hinein in seine Stille dringt, in dieser Sprache der Stille wieder auszusprechen: dafür schien ihm [Heuschele] die Form des Essays, die Kunstbildung der anspruchsvollen Studie zu anmaßend und kalt. So fand er sich eine Form, in der er das, was ihn an einzelnen Erscheinungen bewegt, in einem Brief an irgend jemand schreibt, an Einen, irgendeinen in der Ferne, von dem man meint, daß ihn eine seelische Bruderschaft für seine eigene Stunde empfänglich finden könnte.¹⁸ (ZWEIG, 1963, p. 9).

Zweig afirma, pois, que foi perdido o sentimento de liberdade e aproximação que a carta proporciona ao sujeito que a escreve, já que a geração da época teria esquecido a verdadeira forma de se escrever uma carta: refletir sobre a notícia a ser dada, escrever e reescrever, de próprio punho, suas impressões sobre o que aconteceu. A reflexão profunda e o cuidado dariam à carta o seu caráter de obra de arte. Além disso, a seu ver, o mundo silencioso teria dado lugar ao barulho da modernidade e tecnologia: o século XX é palco de descobertas e transformações que o intelectual, cuja formação remonta ao século XIX, tende a observar sem participar ativamente das mesmas. Zweig observa e acompanha o desenvolvimento de fatores que envolvem a comunicação humana, mas os acusa de terem destruído a arte da carta.

¹⁸ “Assim ele gostaria de voltar a expressar o que invade seu silêncio, vindo de fora, na linguagem do silêncio: para isso, a forma do ensaio, a construção artística do estudo erudito pareceu-lhe muito arrogante e fria. Então ele encontrou para si uma forma na qual ele descreve o que o comove em certos acontecimentos numa carta a uma pessoa qualquer, a um alguém, uma pessoa num lugar longínquo que ele imagina ter uma fraternidade espiritual que a faça receptiva para seu momento particular.”

No posfácio, Zweig aponta três meios de comunicação que podem ser considerados destruidores da arte da carta. O primeiro seria o jornal, já que a visão pessoal de cada notícia teria se perdido, uma vez que ela seria transmitida à população em geral, de forma objetiva e fria. Assim diz Zweig: “Ihr [der Kunst des Briefes] erster Vernichter war die Zeitung, in der alles für alle geschrieben ist, in der die Nachrichten, die sonst abgetönt dem einzelnen zugesprochen waren, in sachlicher und kalter Form dem Massengebrauch dargeboten werden.”¹⁹ (ZWEIG, 1963, p. 8).

Zweig critica o jornal como meio de divulgação de notícias em massa, pois qualquer notícia nele publicada se tornaria acessível de forma imparcial a qualquer leitor. Assim, não haveria mais a possibilidade de se narrar o mesmo acontecimento de distintas formas a destinatários diferentes. Por sua vez, a carta, na qual se relata um acontecimento da vida particular ou social não a todos, mas a uma pessoa determinada, ofereceria ao remetente o tempo necessário para refletir sobre os acontecimentos e, ao destinatário, uma visão pessoal e humanizada dos fatos.

De fato, o desenvolvimento da imprensa no início do século XX acentuou o imediatismo e a massificação de informações, deixando de lado impressões parciais e pessoais. As informações, que antes demoravam para serem publicadas e eram comunicadas primeiramente por meio de cartas particulares, passam rapidamente à esfera pública, por meio da mídia impressa:

O impacto tecnológico marcou o jornalismo do século XIX como iria marcar toda a história do jornalismo ao longo do século XX até o presente, apertando cada vez mais a pressão das horas-de-fechamento, permitindo a realização de um valor central da cultura jornalística – o imediatismo. De novas edições dos jornais no mesmo dia à quebra da programação televisiva anunciada como boletins, novos avanços tecnológicos nas últimas décadas do século XX tornaram possível, de longa distância, atingir o cúmulo do imediatismo – “a transmissão direta do acontecimento”. (TRAQUINA, 2005, p. 53).

Na perspectiva de Zweig, a velocidade da imprensa não permitiria que o sujeito apresentasse os acontecimentos a outra pessoa de forma única e singular, característica fundamental da carta, já que o jornal passa a cumprir essa tarefa. A massificação à qual Zweig

¹⁹ “Seu primeiro destrutor foi o jornal, no qual tudo é escrito para todos, no qual as notícias, que antes eram dadas a cada pessoa de forma nuançada e singular, agora são apresentadas de forma objetiva e fria para uso das massas.”

se refere tem início ainda no século XIX, em virtude da Revolução Industrial, com a invenção de equipamentos que permitem a impressão de jornais em grande escala. No início do século XX, tal situação intensifica-se com a evolução tecnológica, em especial com a invenção do telégrafo, telefone e rádio, acelerando ainda mais a transmissão de informações (Cf. NEVEU, 2006, pp. 34-40).

Após a crítica ao jornal, Zweig menciona a máquina de escrever como objeto que distancia a palavra e a pessoa: “Der zweite Vernichter war die Schreibmaschine, die das Wort entseelt und jenes geheime Bildnis, das jeder Mensch in seiner Schrift von sich gibt, wie hinter einem kalten Spiegel verschwinden läßt”²⁰ (ZWEIG, 1963, p. 8). Para o escritor austríaco, a escrita de próprio punho traz consigo nuances pessoais, perceptíveis apenas nesse tipo de escrita, já que a letra de forma da máquina de escrever apresentaria um molde de letra idêntico para todos, que apagaria qualquer vestígio particular daquele que escreve.

O jornal e a máquina de escrever, na visão de Zweig, retiram do texto sua singularidade e parcialidade. Assim, o autor reforça, em seu texto, a necessidade de o remetente pedir a atenção do destinatário, de forma que este, por meio da subjetividade, possa ter a atenção do destinatário para os detalhes que foram a ele escolhidos e doados. Na carta, portanto, o sujeito constitui-se de forma singular projetando-se no outro, no destinatário:

Si intime soit-elle, le sujet s'énonce et s'annonce sur le mode du pour autrui, en relation avec un Tu ou un Vous. La présence de l'autre, auquel les écritures sont dédiées, introduit une disposition existentielle différente; il s'agit de solliciter l'attention, de capter la bienveillance d'une autre personne, dont la présence absente irradie tout le champ de la parole. (GUSDORF, 1991. p.152).²¹

Como último fator que teria aniquilado a arte da carta Zweig cita o telefone, “[...] wo die Menschen nun mit der ihnen zugemessenen Hast alles einander berichten können, ehe es noch warm in das Innere, in das lebendige Blut gedrungen ist.”²² (ZWEIG, 1963, p. 8). A

²⁰ “O segundo destrutor foi a máquina de escrever, que mata a palavra e faz desaparecer, como por trás de um espelho frio, aquela imagem secreta de si que cada pessoa revela em sua letra”.

²¹ “Se ela [a carta] for íntima, o sujeito enuncia a si próprio e se anuncia para o outro, em relação a um “você” ou um “senhor”. A presença do outro, a quem os escritos são dedicados, introduz uma disposição existencial diferente; é necessário pedir a atenção, captar a benevolência de uma outra pessoa, cuja presença ausente irradia em todo o campo da palavra.”

²² “[...] em que as pessoas, com uma pressa que lhes foi sobreposta, podem contar tudo umas às outras, antes que isso entre no seu sangue, no seu interior, de forma intensa.”

ideia de rapidez e velocidade do mundo moderno é novamente tratada, reforça-se a crítica à falta de reflexão ao se transmitir uma mensagem ou notícia. O telefone não permitiria a reflexão sobre a informação a ser comunicada, as notícias seriam transmitidas sem serem absorvidas, pensadas e refletidas.

Outra mudança que Zweig percebe seria uma mudança na função da carta, já que, segundo o escritor, ela passaria a exercer um só papel – quase que burocrático – aos artistas: “[...] er dient bei den Künstlern heute noch manchmal im Kunstgeschäft, manchmal in der Kunstpolitik”²³ (ZWEIG, 1963, p. 8-9). Zweig reforça que o estatuto de obra de arte, que poderia ser dado à carta, lhe tem sido recusado. (Existe atualmente, nessa mesma linha de pensamento, uma reflexão na crítica alemã (Cf. ANZ, 2007; SCHMID, 1988; MANN, 1975; RINSER, 1975) sobre a carta como meio que não possui função exclusivamente comunicativa, mas que acolhe em seu espaço a discussão de questões literárias, filosóficas ou ainda pode ser um laboratório de experimentação de obra de arte.)

Assim, a imprensa, a máquina de escrever, o telefone e a utilização da correspondência para funções burocráticas são, na visão de Zweig, os fatores do mundo moderno que conduziriam ao fim da “arte da carta”. As críticas feitas por Zweig aos novos meios de comunicação demonstram que sua percepção das mudanças sociais ocorridas nas primeiras décadas do século XX liga-se à visão de boa parte dos intelectuais do século XIX.

A idealização das cartas por Zweig, o desejo de uma comunicação profunda entre as pessoas – ao invés da mera troca de informações –, a escolha de evitar temas políticos na correspondência pessoal, bem como a crítica às novas formas de comunicação também permitem caracterizar Zweig como um intelectual que se orienta por ideais do século XIX.

Benda (2007) trata com profundidade a questão de como os intelectuais do século XIX veem sua situação na virada do século frente a mudanças sociais e políticas. Para o teórico francês, o intelectual do XIX buscaria três valores: “justiça abstrata, a verdade abstrata, a razão abstrata” (BENDA, 2007, p. 105). Além disso, o intelectual possuiria um comprometimento com a busca da verdade e defesa da justiça e é por meio da razão que essa busca pode ser efetivamente alcançada. Os “intelectuais [clercs]” seriam, segundo Benda:

[...] todos aqueles cuja atividade, por essência, não persegue fins práticos, e que, obtendo sua alegria do exercício da arte ou da ciência ou da especulação metafísica, em suma, da posse de um bem não temporal, dizem de certa

²³ “[...] para os artistas, hoje ela só serve aos negócios ou à política da arte”.

maneira: “Meu reino não é deste mundo”. De fato, desde mais de dois mil anos até estes últimos tempos, percebo através da história uma série ininterrupta de filósofos, de religiosos, de literatos, de artistas, de cientistas – pode-se dizer quase todos ao longo deste período – cujo movimento é uma oposição formal ao realismo das multidões. (BENDA, 2007, p. 144).

O autor sugere ainda que o único compromisso do intelectual é com a justiça, a verdade e a razão. Qualquer outro comprometimento do intelectual poderia ser considerado uma traição. Por isso, Benda denuncia a traição da intelectualidade do início do século XX, já que esses intelectuais – diferentemente daqueles que nutriam os ideais do século XIX – teriam assumido um papel político ideológico, defendendo posturas políticas de direita ou de esquerda que, para Benda – e até mesmo para Zweig –, não lhes caberiam, já que a busca pela verdade e justiça se diluiria em discursos panfletários políticos. Benda entende que

[...] no final do século XIX produz-se uma mudança capital: *os intelectuais passam a fazer o jogo das paixões políticas*; os que formavam um obstáculo ao realismo dos povos tornam-se seus estimuladores. [...] O intelectual moderno deixou completamente de permitir que o leigo desça sozinho à praça pública; ele entende possuir uma alma de cidadão e quer exercê-la com vigor; orgulha-se dessa alma; sua literatura está cheia de desprezo por quem se encerra na arte ou na ciência e se desenterra pelas paixões da cidade [...] (id., pp. 144-146).

Nesse sentido, o ideal ao qual Zweig servia não se concretizava no “jogo das paixões políticas”, mas estava relacionado a uma “paixão interior”, à busca de valores que lhe pareciam justos. Seu ideal de intelectual também é intensificado, no pós-fácio, pela tentativa de aproximação com a tradição alemã do século XIX: Zweig compara a sociedade de sua época e a sociedade do século anterior; no que diz respeito a uma tradição de escrita da carta, o escritor austríaco tece comparações entre o trabalho realizado por escritores de tradição alemã dos séculos XVIII e XIX e as primeiras décadas do século XX. Zweig cita o trabalho de escrita e reescrita dos documentos de Goethe e Nietzsche, no sentido de que até mesmo essas personagens da história cultural de língua alemã – que se dispunham a trabalhar arduamente em seus textos, por meio da reescrita, e que já tinham prestígio por suas obras – tratavam suas cartas de forma especial, como parte de suas obras de arte e de filosofia. A diferença consistiria no fato de as cartas não serem publicadas para leitores em geral e sim para um único leitor, seu destinatário.

Ao comparar o esforço e o amor que grandes nomes da literatura alemã dedicavam às suas cartas, equiparando-as às obras literárias, Zweig mostra quase um inconformismo com a situação da carta no início do século XX:

So sind in den Millionen Briefblättern, die jeder Tag in schweren Säcken, in Karren durch die Städte schleppt, kaum mehr ein Dutzend lebendiger und gestalteter Worte, und ganz schon verloren jene einsame Anstrengung, jene für uns schon ganz unfaßliche Liebe, mit denen die Vorfahren unseres Blutes und unseres Geistes einstens ihre Briefe schreiben.²⁴ (ZWEIG, 1963, p. 8).

Zweig parece lamentar o descaso das pessoas perante o trabalho de se escrever uma carta. O lamento de Zweig com relação à forma das cartas em sua época relaciona-se ao modelo de escrita que surge no século XIX, quando a imprensa ainda não estava totalmente desenvolvida e o telefone acabara de ser inventado. A tradição mostrava, segundo Zweig, uma preocupação em se elaborar uma carta, em contraposição à tendência de sua época, fato que o escritor comenta da seguinte forma: “[...] wieviel von uns unendlich Ärmeren des Wortes, unendlich weniger sicheren Menschen noch den Fleiß und die sittliche Geduld haben, einem zufälligen Brief so viel Liebe und Ehrfurcht zu widmen.”²⁵ (ZWEIG, 1963, p. 8). O final do ensaio de Zweig parece ser uma tentativa de retomar a tradição da “arte da carta” por meio do livro de Heuschele: depois de tempos esquecida e diminuída pelos seus “destruidores”, a carta é resgatada ao mundo literário por um jovem escritor. Zweig expressa então o desejo de que as cartas encontrem seu destinatário para que a comunicação seja plenamente realizada:

Möge es die Freunde finden, deren Stille auf seine Stille antwortet und so sich ein reines und volles Gefühl belohnt sehen, das ohne Eitelkeit und nur aus innerem Bedürfnis sich in die Ferne mitteilt und die Lust am geheimen Lauschen in unserer laut gewordenen Welt vermehrt.²⁶ (ZWEIG, 1963, p. 9).

A busca por destinatários compreensivos, que as “cartas a desconhecidos” do livro de Heuschele pretendem alcançar, torna-se uma constante na vida de Zweig anos depois, quando

²⁴ “E assim, nos milhões de papéis de carta que são carregados pela cidade todos os dias, em sacos pesados, nos carrinhos do correio, há apenas uma dúzia de palavras vivas e bem modeladas”.

²⁵ “[...] quantos de nós, pessoas infinitamente mais pobres de palavras, e infinitamente menos seguras, ainda têm o empenho e a paciência moral de dedicar a uma carta tanto amor e veneração.”

²⁶ “Que encontre amigos cujo silêncio responde ao seu silêncio, e então veja recompensado um sentimento puro e pleno que, sem vaidade, se comunica à distância apenas a partir de uma exigência interior, e que aumente o prazer do escutar em segredo, num mundo que se tornou tão barulhento.”

o intelectual se refugia nos EUA e perde a maior parte de seus contatos. Para Zweig, esses amigos seriam pessoas dispostas a ouvir o silêncio da carta, pois o barulho e a aceleração do tempo no dia-a-dia teriam feito com que as pessoas não conseguissem mais ouvir tal silêncio; o mundo barulhento teria abafado o discurso silencioso da carta.

O texto escrito por Zweig quinze anos antes das cartas a serem analisadas neste trabalho pode auxiliar a compreensão de algumas questões presentes em sua correspondência de exílio. Nas cartas de Zweig, são recorrentes os temas da ausência e do “mundo de ontem”. A ausência refere-se tanto ao próprio Zweig quanto ao destinatário; muitas vezes é por meio de sua correspondência que ele reencontra o mundo ao qual não pertence mais. Além disso, a preocupação estilística que o autor tem ao escrever suas cartas continua presente em sua correspondência de exílio, o que se mostra nas cartas a Berthold Viertel, Viktor Wittkovisk e até mesmo Friderike Zweig, sua primeira esposa, com quem ele trocava correspondência de cunho pessoal, com reflexões sobre o mundo literário e os acontecimentos europeus.

As características da carta sintetizadas até aqui a partir do texto de Zweig são discutidas até hoje. Teóricos, a citar Gusdorf (1991), Kaufmann (1990), Baêta Neves (1988), Haroche-Bouzinac (1995), Lejeune (1998), Rocha (1992) dentre outros, discutem questões latentes no texto de Zweig, tais como: i) a carta como estabelecadora de um discurso a dois (cf. BAÊTA NEVES, 1988); ii) o retrato daquele que fala na carta (cf. ROCHA, 1992); iii) a carta como gênero em trânsito (cf. DIAZ, 2002); iv) a materialidade da carta (cf. FRÜHWALD, 1977) e v) o discurso da ausência na carta (cf. DIAZ, 2002; KAUFMANN, 1990).

Quanto ao primeiro tema, o da carta como discurso a dois, há, nos atuais estudos de epistolografia, diversas formas de se compreender a relação entre remetente e destinatário. Para Zweig, como já mencionado, o discurso estabelecido entre aquele que escreve e aquele que recebe a carta é entendido quase como uma doação do que o remetente recebe de seu dia. Para Luiz Felipe Baêta Neves (1988), a carta como doação “transcende” o ambiente em que foi escrita. Para esse autor, a carta pode ser compreendida em sua existência atemporal, pois, a partir do momento em que a carta é escrita e enviada, não faz mais parte unicamente do ambiente daquele que escreve, mas “transcende por sua própria materialidade, a 'vontade' de quem a escreveu e passa a circular em uma 'área' que pode escapar - inteira ou parcialmente - do universo do remetente” (NEVES, 1988, p. 192). Baêta Neves – seguindo uma vertente de

pensamento semelhante à de Zweig, em relação à carta como doação – entende que o remetente escreve a carta e esta só se completa inteiramente em seu destinatário.

Contudo existe ainda uma segunda vertente, na qual a carta está, desde sua concepção, focada em conquistar seu destinatário, sem revelar por completo concepções e intenções do remetente (cf. ROCHA, 1992). A carta seria, assim, um autorretrato ou uma encenação de quem escreve. Nessa vertente, os estudos de Clara Rocha (1992) apresentam a relação entre o mito de Narciso e os vários “eus” assumidos em obras autobiográficas e também em cartas. O mito de Narciso carrega uma duplicidade: ele é ao mesmo tempo sujeito e objeto de desejo, o que se reflete em seu final trágico. Assim seria o sujeito que escreve a carta: quem a redige também é o foco do assunto e, por isso, muitas vezes acaba por construir diferentes máscaras ao pensar em seu destinatário. Nesse sentido, pode-se pensar na ideia de encenação na carta, ou seja, é no processo de escritura da carta, por meio de um discurso de sedução, de convencimento, que o sujeito se produz, levando em consideração aquele que irá recebê-la, ou seja, seu destinatário. (cf. ROCHA, 1992).

Tal encenação não se aplica nem à concepção de carta de Zweig, nem à correspondência de Zweig, por dois motivos. Primeiro, por esta ter sido escrita em uma situação ímpar, a de exílio, onde se preza muito mais a tentativa de manter o contato com os destinatários, já que muitas vezes o contato vai se tornando cada vez mais difícil. Em segundo lugar, para Zweig a escrita da carta é entendida como uma doação, uma entrega do pouco que ainda lhe resta. Em virtude desses dois pontos apresentados – a situação do exílio e a noção de entrega – seria pouco plausível pensar que exista uma encenação ou até mesmo um discurso de sedução na concepção de carta de Zweig.

Zweig também apresenta em seu ensaio a ideia da carta como uma forma singular, que passeia entre limites textuais. Tal percepção permite abrir espaço para a discussão da carta como “gênero em trânsito”, tema abordado em profundidade por Brigitte Diaz (2002). Para a autora, a carta pode ser considerada como “gênero em trânsito” graças à sua proximidade, por um lado, com gêneros autobiográficos, nos quais o sujeito que fala se expõe e relata suas experiências e sua vida ao outro que o lê; por outro lado, pode ser comparada aos gêneros ensaísticos, por apresentar reflexões e críticas literárias e filosóficas.

Zweig aborda rapidamente a diferença entre uma carta manuscrita, que poderia mostrar a letra do remetente, e a carta datilografada, que apresentaria apenas a frieza da máquina de escrever. Nesse sentido, há de se pensar também nos elementos que compõem a

materialidade da carta: letra, escrita, papel, envelope, selo, dentre outros. Esses elementos fazem parte da construção da relação entre quem escreve e quem lê a carta, pois se supõe que o destinatário conseguiria identificar aspectos de seu interlocutor nos elementos singulares da letra, do tipo de papel e do envelope. Wolfgang Frühwald (1977) discute de forma clara o papel da materialidade nas cartas:

Beim Papier gibt es die Wahl zwischen Formaten und Sorten, sie sich nach Qualität, Dicke, Tönung usw. unterscheiden. Kann ein Liebesbrief ein warmes Chamois wählen, so wird eine würdige Institution eher ein blasses Grüngrau bevorzugen. [...] Der gute Ton erfordert zum Papier den passenden Umschlag. [...] Zu bestimmten Zeiten wurden Typoskriptblätter beidseitig beschrieben, heute pflegt man die Rückseite seltener zu benutzen. Zweckmäßigkeit und Mode beeinflussen selbst die Art, wie ein Briefbogen gefaltet und eingelegt wird.²⁷ (FRÜHWALD, 1977, p. 42).

Segundo Frühwald, a escolha de elementos que compõem a materialidade da carta depende do remetente, já que qualidade e espessura do papel e a sua utilização – escrita à mão ou à máquina e a utilização de um ou ambos os lados da folha – é uma escolha exclusiva daquele que escreve. Sabe-se, contudo, da existência de contextos ímpares, nos quais a escolha é impossibilitada por questões do meio; o exílio é uma dessas situações – muitas vezes não há outro papel senão o bloco de anotações do hotel, por exemplo.

Nesse sentido, as cartas revelam a situação de vida do remetente não apenas em seu conteúdo, mas também em sua materialidade. As cartas de Stefan Zweig dão indícios, por exemplo, do itinerário do autor: até 1938, suas cartas eram, em sua maioria, manuscritas – com exceção daquelas de caráter comercial e profissional ; o papel de carta utilizado tinha gramatura de 180mm a 200mm, contendo as iniciais e o endereço fixo do escritor. A partir de 1939, quando é oficialmente considerado refugiado, suas cartas são escritas em uma grande diversidade de papeis: folhas de caderno, folhas que restaram de Londres, papeis de carta de hotéis, dentre outros. Em uma descrição superficial da correspondência do escritor é possível considerar que o fato de ele se refugiar e se deslocar constantemente, em um contexto de guerra, reflete-se na materialidade de suas cartas: não há mais endereço fixo e não é mais possível imprimir papeis com iniciais e informações pessoais.

²⁷ “Quanto ao papel há a escolha entre formatos e tipos, que se diferenciam em qualidade, espessura, coloração etc. Uma carta de amor pode escolher um papel cor de camurça, assim como uma instituição digna privilegia um cinza pálido esverdeado. [...] O bom tom exige um envelope que combine com o papel. [...] Em certas épocas, as páginas eram datilografadas em ambos os lados da folha, hoje mais raramente se usa verso. Conveniência e moda influenciam a forma como uma folha de papel é dobrada e colocada no envelope.”

A reflexão de Frühwald ainda pode ser relacionada ao pensamento de Gursdorf (1991), pois ambos ressaltam que escrita, papel, envelope, tipo de letra entre outros elementos marcam, de certa forma, a identidade do sujeito que escreve a carta.

Por sua vez, a percepção de Zweig de que a carta possui ausências e lacunas que são preenchidas e entendidas apenas pelo destinatário específico da carta é bastante interessante e leva à discussão realizada atualmente por Diaz (2002) e Kaufmann (1990). Os autores afirmam que a carta significa a presença de uma ausência, um afastamento e distanciamento entre remetente e destinatário, já que aquele escreve para não falar, mostra-se quando não é possível estar presente fisicamente e deixa implícitas informações que não podem ou não precisam ser explicitadas: “Rien n’est plus insoutenable pour l’épistolier que la présence de l’autre. Il faudrait que celui-ci soit toujours absent qu’il ne se presente jamais, qu’il ne prenne jamais corps.”²⁸ (KAUFMANN, 1990, p. 21). Dessa forma, o interlocutor que recebe a carta tem em mãos um sinal físico, material, de alguém que está ausente, distante.

A correspondência de exílio apresenta esse aspecto muito forte e recorrente: a presença de destinatários que estão nas mais diversas localidades, alguns também exilados como o próprio remetente. Tal aspecto foi discutido por Kaufmann (1990), em estudo sobre “o equívoco epistolar”, no qual o autor apresenta diversas situações da dialética entre presença e ausência. Para o autor, o equívoco epistolar reside no fato de que o artista, estando distante de seus destinatários, cria um vínculo muito significativo com a carta que escreve, como se a carta fosse a materialização do destinatário. A presença do destinatário é delineada na ausência produzida ao se escrever a carta e, assim, criam-se imagens e idealizações do remetente; tais imagens são, na maior parte dos casos, referências diretas que o remetente tem de seu destinatário (cf. KAUFMANN, 1990, pp. 8-10). Dentre os estudos realizados por Kaufmann, merece destaque a imagem do lar, *Heimat*, que o autor explora ao descrever as cartas de Rilke:

L’épistolaire se presente comme une seconde *Heimat* (um foyer, um ‘chez-soi’ de substitution plutôt qu’une seconde patrie : il y a quelque chose de plus maternel dans *Heimat* que dans ‘patrie’, quelque chose d’intime, et [...] quelque chose de secret, de *heimlich*.²⁹ (KAUFMANN, 1990, p. 44).

²⁸ “Nada é mais insustentável para o epistolar do que a presença do outro. Deveria este estar sempre ausente, que ele nunca se apresentasse, que nunca tomasse forma física”

²⁹ “O epistolar se apresenta como um segundo *Heimat* (uma casa, um ‘lar’ substitutivo ao invés de uma segunda pátria): há algo de mais maternal no *Heimat* do que na ‘pátria’, algo de íntimo e [...] algo de secreto, de *heimlich*.”

No caso da correspondência de Rilke e da correspondência de exílio de Zweig, a ausência, o sentimento de não pertencimento ao mundo, materializa-se nas cartas, como se sua carta escrita e encaminhada a seu destinatário se tornasse a única aproximação do remetente com um mundo que ele reconhece.

Em se tratando da carta vista a partir da crítica alemã – em um viés distinto da crítica francesa – a carta pode ser considerada um meio que não possui apenas uma função comunicativa, como destaca Golo Mann (1975), que discute o papel da carta no mundo da literatura. Para Mann, a carta escrita por autores tem um estatuto importante no mundo da literatura. Em seu texto, ele defende também que a carta é um documento privado, sem interesses públicos, e que por esse motivo apresenta um caráter de isolamento e autonomia. A carta, para Mann, é autônoma, mas paradoxalmente ligada ao papel da literatura:

Noch immer kann zur Auflösung, zum Resümee eines Romans der Brief ausnahmsweise taugen. Aber der Brief als mittragendes Element der Erzählung ist es nicht mehr; nicht mehr der Brief, der sich in gesellschaftliches Gefüge und Lebensroutine ebenso natürlich einfügt wie in die Erlebnis-Sphäre des ausgedachten Helden, der da schreibt, und des wirklichen Lesers.

Das Schicksal des Briefes ist dem Schicksal der Literatur verwandt. Der Zusammenhang zeigt ein letztes Mal, welche Rolle er in ihr gespielt hat.³⁰ (MANN, 1975, p. 99).

Mann, em seu estudo, estava preocupado em refletir sobre a correspondência do século XVIII e XIX, ao utilizar como referência cartas de escritores como Goethe e Bismark. Dessa forma, realiza uma reflexão que se distancia da noção de carta de Zweig, já que para este a carta deve ser espontânea e livre a qualquer pessoa que deseje escrevê-la. Mais adiante no texto, ele aproxima o escritor-poeta do remetente da carta:

Es war von Dichtern oder Schriftstellern die Rede. Anders steht es mit Menschen, welche die Kunst des Wortes gar nicht oder zu ganz anderen Zwecken pflegen. Sie können im privaten Brief sich zum Höchsten

³⁰ “A carta ainda pode servir, excepcionalmente, como solução ou resumo de um romance. Mas sendo um elemento constitutivo da narrativa, não é mais uma carta; não é mais a carta que se insere naturalmente na estrutura social e na rotina cotidiana, assim como na esfera das experiências de um herói inventado, que escreve, e do leitor real. O destino da carta é semelhante ao destino da literatura. O contexto mostra, uma última vez, o papel que a carta teve na literatura.”

aufschwingen, das ihnen erreichbar ist; sei es, weil ihnen so zumute ist, in Trauer, in Freude, im Witz, im Zorn [...].³¹ (MANN, 1975, p. 81).

O escritor de literatura e o remetente “comum” são postos um ao lado do outro, como produtores do texto, mas, para Mann (1975), apenas os artistas estão aptos a produzir uma carta com estatuto de obra de arte, pois são eles os produtores do que se chama de Literatura. Dessa forma, Zweig e Mann distanciam-se na concepção de que toda carta seria espontânea, teria um estatuto de obra de arte e poderia ser escrita por qualquer pessoa que desejasse doar algo de si a seu destinatário.

Tanto para Mann quanto para a escritora alemã Luise Rinser, a carta de escritores é a única que pode ser considerada uma “obra de arte”, detentora de um estatuto literário, quando comparada àquela de não artistas. A escritora retoma, na década de 1970, a importância da carta de intelectuais e da carta de “não intelectuais”. Como afirma Rinser:

Schriftsteller schreiben natürlich Briefe wie alle Leute: an Verwandte, Freunde, Kollegen, Verleger und so weiter; diese Briefe zeigen natürlich meist auch das Stilgepräge des Schriftstellers, und so können Briefe, in denen es ohne künstlerische Absicht um eine sachliche Mitteilung geht, künstlerische Dokumente sein.³² (RINSEN, 1976, p. 109).

Sua reflexão aproxima-se tanto das ideias de Mann quanto das de Zweig pelo fato de eles considerarem a carta de escritores um documento artístico: a carta possui um estatuto literário e vai além de suas funções comunicativas. Dessa forma, a carta poderia ser utilizada para fins literários, ou seja, ela se tornaria laboratório de experimentação estética e narrativa, espaço de discussão sobre obras literárias e seu contexto discursivo e ainda seria um gênero híbrido – carta-ensaio, carta-poema, dentre outros.

Para o presente trabalho, as reflexões apresentadas por Zweig no texto *Die Kunst des Briefes* serão utilizadas na medida em que forem observados os aspectos mencionados na correspondência de exílio do escritor. Diante das questões abordadas a partir da análise do posfácio de Zweig, pode-se afirmar que o escritor austríaco mantém em sua correspondência

³¹ “O discurso era sobre um poeta ou escritor. É diferente do que acontece com as pessoas, que cuidam da arte das palavras de modo nenhum ou com propósitos completamente diversos. Elas podem, em cartas privadas, elevar-se a um nível superior, que seja possível; seja porque assim se sentem na tristeza, na alegria, no humor, na indignação [...]”

³² “Escritores, naturalmente, escrevem cartas como todas as outras pessoas: a conhecidos, amigos, colegas, editores e assim por diante; tais cartas evidentemente mostram mais também do estilo do escritor e assim as cartas podem ser um documento artístico, sem que haja um propósito artístico para uma comunicação objetiva.”

diversos elementos os quais acredita serem importantes para suas cartas, mesmo depois de 15 anos – tempo que separa a publicação do posfácio e as cartas do escritor. O cultivo de uma “arte da carta” está explícito em sua correspondência de exílio e é a partir dos elementos que compõem essa arte – e que foram discutidos neste capítulo – que a análise do corpus será encaminhada.

Antes de discutir efetivamente as cartas, será apresentada, no próximo capítulo, a trajetória de Zweig com o Brasil, ou seja, os três momentos distintos em que esteve no país e as relações estabelecidas por Zweig no Brasil.

2 STEFAN ZWEIG E O BRASIL

Há hoje três biografias de Stefan Zweig consideradas principais, *European of yesterday: a biography of Stefan Zweig* (PRATER, 2010), *L'ami blessé* (BONA, 2010) e *Morte no paraíso: a tragédia de Stefan Zweig* (DINES, 1981), e ainda pequenos livros que se ocupam de apresentar as obras de Zweig, a citar *Stefan Zweig: Leben und Werk im Bild* (PRATER; MICHELS, 2006). Em 2003, o XI Aleg-Kongress reservou uma seção para discutir a obra de Stefan Zweig e sua relação com o Brasil; participaram do evento pesquisadores com estudos em andamento sobre o escritor austríaco, a citar Antonio Dimas (2003), Alberto Dines (2003), Adelaide Stooss-Herbertz (2001; 2009). Tais estudos serviram como base para iniciar a pesquisa sobre Stefan Zweig, apresentando a possibilidade de se trabalhar com a correspondência do autor.

O presente capítulo apresenta e discute a relação de Zweig com o Brasil, dividindo-a em três momentos distintos: 1932, 1936 e 1940-1942. Com exceção do primeiro contato em 1932, ainda muito superficial, a relação que Stefan Zweig mantém com o Brasil após 1933 parece ser intensa, sendo o escritor austríaco conhecido e reconhecido por seu trabalho, como afirma Bona:

Au Brésil, Zweig est non seulement un écrivain illustre, mais l'un des fleurons les plus lus de la littérature européenne. Son éditeur, Abrão (*sic*) Koogan pour Guanabara, détenteur des droits exclusifs de son œuvre depuis 1932, n'est pas peu fier de lui faire les honneurs de son public.³³ (BONA, 2010, p. 342).

Tal aproximação, contudo, iniciou-se um pouco antes, no início da década de 1930, quando Zweig começa a prestar a atenção na América do Sul e quando iniciam as primeiras traduções de sua obra para o português, como se discute no próximo tópico.

³³ “No Brasil, Zweig não é apenas um escritor ilustre, mas uma das estrelas mais lidas da literatura europeia. Seu editor, Abrão (*sic*) Koogan da [Editora] Guanabara, detentor dos direitos exclusivos de sua obra desde 1932, não pode deixar de fazer as honras de seu público.”

2.1 Três momentos

2.1.1 Primeiro momento: 1932-1933

O primeiro contato de Stefan Zweig com a América do Sul acontece por meio de seu tradutor argentino, Alfredo Cahn³⁴, a partir de 1928, quando as obras de Zweig são traduzidas para o espanhol, fora da Espanha, pela primeira vez. Ao ler o conjunto de cartas entre Zweig e Cahn, percebe-se que o escritor austríaco “descobre” o Brasil quase por acaso. Em carta a Alfredo Cahn, datada de 24 de dezembro de 1932, Zweig cita a leitura de Hermann Keyserling, *Südamerikanische Meditationen*:

Glauben Sie, daß ein vierzehntägiger bis dreiwöchentlicher Aufenthalt genügen würde um von Argentinien ein inneres Bild zu geben? Zurück könnte ich vielleicht über Brasilien und dann mit dem Zeppelin heim oder umgekehrt. [...] Ich glaube auch, daß es für Ihr Land ziemlich nützlich wäre, wenn es mehr und mehr in den geistigen Gesichtskreis Europas tritt, die Bücher Keyserlins haben dafür außerordentlich viel getan und in dem Maße, als sich die Welt ernüchert hat von dem Gedanken, von der amerikanischen Prosperity käme alles Heil, umsomehr tritt Südamerika als eine lebendige Hoffnung an uns heran und wir alle stehen eigentlich innerlich diesen Ländern kulturell viel näher als den nordamerikanischen: die seelische Verbundenheit scheint mir eine tiefere und dann – es ist Neuland für uns, eine andere Sphäre. Ich wage nicht recht Sie zu bemühen, aber vielleicht könnten Sie mir einmal selbst einen kleinen Reiseplan ausarbeiten mit einer kurzen Angabe der ungefähren Kosten.³⁵ (SZ – AC, Salzburg, 24/12/1932; in: ZWEIG, 2005, pp. 42-43).

Fica evidente que, a partir da leitura de Keyserling, Zweig começa a se interessar efetivamente pela América do Sul e pretende conhecer Argentina e Brasil, já pensando em

³⁴ Alfredo Cahn (1902 – 1975, Argentina), tradutor e agente de Zweig na Argentina, jornalista e professor da Universidad de Córdoba.

³⁵ “O senhor acha que uma estadia de três a quatro semanas seria suficiente para se ter uma visão interna da Argentina? Na volta, talvez eu pudesse passar pelo Brasil e voltar para casa com o Zeppelin ou vice-versa [...] Acho também que seria útil para o seu país que ele aparecesse cada vez mais no horizonte intelectual da Europa; os livros de Keyserlin têm feito muito por isso, e na medida em que o mundo deixou de acreditar na ideia de que a salvação viria da prosperidade americana, a América do Sul aproxima-se a nós como uma esperança viva e todos nós estamos muito mais próximos culturalmente desses países do que da América do Norte: a proximidade emocional me parece ser mais profunda e então – é uma terra nova para nós, uma outra esfera. Eu não ousaria incomodá-lo com isso, mas talvez o senhor possa elaborar um plano de viagens com uma breve informação dos custos aproximados.”

uma possível viagem aos dois países. Seus planos de viagem não puderam ser realizados nessa ocasião devido à ascensão do partido nacional-socialista na Alemanha.

No ano seguinte, 1933, é a vez de o Brasil descobrir Stefan Zweig, por meio de sua relação com Sigmund Freud, autor já conhecido no Brasil pelas traduções feitas por membros da Academia Brasileira de Letras. Nessa época, Zweig oferece ao editor Zóran Ninitch³⁶ os direitos de *Verwirrung der Gefühle* (1927), traduzido como “Confusão de sentimentos”, como se observa em carta enviada em 1933:

Pela presente cedo-lhes o direito de tradução para a língua portuguesa da minha obra “Confusão de Sentimentos” (*Verwirrung der Gefühle*) e entra a presente em vigor somente depois de feito o pagamento dos Dollares quarenta conforme a minha factura de hoje.

StefanZweig (SZ - ZN, Salzburg, 1933; BN, I-45,10,058³⁷)

Inicia-se, assim, a publicação das obras de Stefan Zweig no Brasil, por meio da editora Atlântida e com tradução de acadêmicos da Academia Brasileira de Letras, como Claudio de Souza³⁸ e Afrânio Peixoto³⁹.

2.1.2 Segundo Momento: 1936

Após o primeiro contato com editores no Brasil, seus livros já começam a ser publicados no país e surge a oportunidade de Zweig conhecer a América do Sul. O autor foi convidado, em abril de 1936, para participar de um congresso do PEN Club na Argentina, em agosto do mesmo ano. Decide aceitar o convite, mas pede aos organizadores que não seja

³⁶ Zoran Ninitch (1896, Iugoslávia – 1958, Brasil) advogado e filólogo iugoslavo, que migrou para o Brasil na década de 1920 e passou a publicar obras brasileiras e traduções por meio da editora Atlântida. Ele próprio traduziu *Verwirrung der Gefühle*.

³⁷ Para a correspondência inédita será utilizada a seguinte forma de citação: *Remetente - Destinatário, Local de envio, data do envio da carta; Local de coleta, número de inscrição no arquivo; Referência bibliográfica, se carta já publicada.*

³⁸ Claudio de Souza (1876, São Paulo – 1954, Rio de Janeiro), teatrólogo, tradutor e médico.

³⁹ Afrânio Peixoto (1879, Bahia – 1947, Rio de Janeiro), médico, político e romancista.

necessário discutir publicamente posturas políticas, mantendo-se o mais neutro possível, em virtude de sua já conhecida postura pacifista frente à guerra.

Seu percurso de Londres a Buenos Aires previa uma parada de dez dias na então capital brasileira, Rio de Janeiro. Em sua preparação para a viagem, Zweig mantém contato principalmente com Abrahão Koogan e Claudio de Souza, com este, por ser presidente do PEN Club do Brasil, e com aquele, por ser editor-chefe da Livraria Guanabara (cf. DINES, 1981).

Além de fundar, em abril de 1936, e exercer a presidência do PEN Club no Brasil, entre 1936 e 1954 – ano de seu falecimento –, o escritor Claudio de Souza ocupa a Cadeira 27 da Academia Brasileira de Letras. Médico por formação, realiza traduções para a Livraria Guanabara e outras editoras que publicavam autores estrangeiros. É importante destacar que Claudio de Sousa foi um dos tradutores da obra de Stefan Zweig mesmo sem conhecer a língua alemã, apoiando-se, portanto, nas traduções francesas que chegavam ao Brasil na época (cf. AZEVEDO, 1942; DINES, 1981). Sabe-se ainda que Claudio de Souza mantinha contatos políticos, com certa proximidade do presidente Getúlio Vargas e Lourival Fontes, ministro de propaganda do governo Vargas de 1934 a 1942.

Abrahão Koogan, de origem romena e judaica, imigra para o Brasil ainda pequeno e, juntamente com seu sócio, Nathan Waissmann⁴⁰ funda a Livraria Guanabara, editora especializada em livros de medicina. Em 1932, a editora publica a primeira edição brasileira da obra de Sigmund Freud. A partir dessa publicação, Koogan acaba por conhecer a figura de Stefan Zweig, com quem passou a ter contato em 1936, quando este cede os direitos autorais de publicação de sua obra no Brasil para a Livraria Guanabara, em decorrência de problemas administrativos ocorridos com Ninitich. Dessa forma, a primeira viagem de Zweig para o Brasil, além de corresponder a um desejo antigo, tem como objetivo acertar a alteração da editora que deteria seus direitos de publicação (cf. DINES, 1981).

Stefan Zweig chega ao Brasil em vinte e um de agosto de 1936, no porto do Rio de Janeiro, sendo recebido pelo editor Koogan, o presidente do PEN Club, Claudio de Sousa, o diplomata designado para acompanhá-lo durante os dez dias, Jaime Chermont, o Introdutor Diplomático do Itamaraty, Guimarães Gomes, o Encarregado de Negócios da Áustria no Brasil, Amelio Grimani, e o Ministro das Relações Exteriores, José Carlos de Macedo Soares (cf. DINES, 1981, pp. 37-40). Zweig, mesmo em visita não muito longa, é recebido por

⁴⁰ Nathan Waissman (1895, Romênia – 1975, Rio de Janeiro).

personalidades políticas brasileiras, o que permite observar sua importância no cenário da literatura mundial.

Esses primeiros contatos ainda no porto permitem que o autor austríaco participe de reuniões, jantares e conferências, aumentando seu círculo de relações com personalidades brasileiras políticas e literárias e, em parte, com a elite carioca.

No âmbito da literatura, os primeiros contatos de Stefan Zweig restringem-se ao círculo da Academia Brasileira de Letras e do PEN Club do Brasil, em primeiro lugar porque seus tradutores – e, conseqüentemente, seus maiores leitores – eram acadêmicos. Em segundo, pela abrangência internacional que o PEN Club tem na época, sendo utilizado como primeiro contato por literatos estrangeiros ao se prepararem para conhecer um país (cf. DINES, 2010).

Como mencionado anteriormente, dois são os acadêmicos que se destacam como tradutores da obra de Zweig durante a década de 1930 e 1940, Claudio de Sousa e Afrânio Peixoto. Afrânio Peixoto era médico especialista em medicina legal e autor de livros nessa área, ocupava a Cadeira 7 da Academia Brasileira de Letras e, além de ter traduzido obras de Zweig, escreveu o primeiro prefácio de *Brasilien, ein Land der Zukunft*. Em conjunto com os acadêmicos e Odillon Galotti e Elias Davidovich forma um grupo de tradutores médicos, também responsáveis pela tradução das obras de Sigmund Freud (cf. CARVALHO, 2009).

Além das personalidades relacionadas à tradução das obras de Zweig, ele também é apresentado a renomados jornalistas, como Guilherme de Almeida⁴¹, colunista do jornal *O Estado de S. Paulo* e ocupante da Cadeira 15 da Academia Brasileira de Letras.

Zweig não só mantém contato com alguns acadêmicos, como foi apresentado pelo seu então presidente, Múcio Leão⁴², ocupante da Cadeira 20, à Academia Brasileira de Letras em cerimônia durante sua estada no Rio, em agosto de 1936 (CARVALHO, 2009). A cerimônia foi uma das muitas oficiais que o escritor frequentou e que reforçou ainda mais seu prestígio no país.

Zweig é apresentado também ao círculo político brasileiro, por Jaime Sloan Chermont⁴³, 1º Secretário do Itamaraty na época (cf. DINES, 1981). Chermont era casado com uma das filhas de Afrânio de Melo Franco, Zaide, e pertencia à família mineira Melo Franco, cujos membros estão diretamente ligados à política, em especial ao Senado e ao

⁴¹ Guilherme de Almeida (1890, Campinas – 1969, São Paulo), jornalista e poeta.

⁴² Múcio Leão (1898, Recife – 1969, Rio de Janeiro), jornalista, romancista e poeta.

⁴³ Jaime Sloan Chermont (1903 – 1983), político e embaixador do Brasil em Londres e Estados Unidos.

Itamaraty. É a partir do contato com essa família que Zweig conhece Caio de Melo Franco, escritor e diplomata, que representou o Brasil em diversas missões pela América do Sul e Europa, e seu irmão, Afonso Arinos de Melo Franco, acadêmico ocupante da Cadeira 25 (cf. FRANCO, 1961). Além de seu trabalho na política, Afonso Arinos é historiador e estudioso de Montaigne, o que muito auxiliou Zweig entre 1941 e 1942, quando escreve a biografia do escritor francês. Pouco se sabe sobre a relação entre Zweig e Arinos, mas este escreve um artigo no periódico *A manhã*, de 1º de março de 1942, sobre seu contato com o escritor austríaco:

Não fui dos escritores brasileiros que se aproximaram de Stefan Zweig, apesar de o ter conhecido logo por ocasião da sua primeira viagem ao Brasil, nessa mesma lúria Petrópolis [...]. Ultimamente, entretanto, duas circunstâncias me facilitaram uma maior aproximação com o grande escritor. A primeira foi a sugestão de Paul Frischauer de fazermos os três, juntos, um argumento de filme sobre o amor de Pedro I pela Marquesa de Santos. [...] A segunda circunstância foi o fato de Zweig ter aparecido um dia em nossa casa, dizendo-me que o meu mestre e amigo Fortunat Strowski lhe tinha aconselhado a procurar comigo alguns livros que lhe servissem para o trabalho que estava preparando sobre Montaigne. [...]

Por um auxílio tão simples e tão natural, recebi, dias depois, uma carta de agradecimento de Zweig, contendo um instante convite para que fosse visitá-lo em Petrópolis. Foi atendendo a isto que apareci, certa vez, no poético retiro da Renânia, e passei toda a tarde ao lado do grande escritor. (FRANCO, 2005, pp. 57-58).

Afonso Arinos menciona um possível trabalho em conjunto com Zweig e Paul Frischauer, que seria o script de um filme sobre o romance da Marquesa de Santos com o Imperador Dom Pedro I. O projeto:

[...] thematisierte die Liebesbeziehung des brasilianischen Kaisers Pedro I. mit der Marquesa de Santos vor dem Hintergrund des Kampfes um die brasilianische Unabhängigkeit, einen Stoff, der um 1941 erfolversprechend schien. Im November 1941 wurde Luis Peixoto, der Co-Autor der Operette *Marquesa de Santos* geehrt; zur selben Zeit lief ein gleichnamiger Film mit grossern Erfolg in den brasilianischen Kinos.⁴⁴ (PRUTSCH; ZEYRINGER, 1997, p. 239).

⁴⁴ “[...] tematizava a relação amorosa do imperador brasileiro Pedro I com a Marquesa de Santos, com o pano de fundo da luta pela Independência do Brasil, um tema que parecia promissor em 1941. Em novembro de 1941, Luis Peixoto, co-autor da opereta Marquesa de Santos, foi homenageado; no mesmo ano foi apresentado, nos cinemas brasileiros, um filme homônimo que teve grande sucesso.”

Sabe-se ainda que Zweig prezava os estudos de Afonso Arinos sobre Montaigne, tanto que lhe entrega anotações de trabalho, como anuncia em carta provavelmente escrita na véspera de sua morte:

Cher Monsieur Mello-Franco (*sic*), c'est avec grande gratitude que je vous reads (*sic*) les deux Montaignes. J'ai téléphoné ici la dernière semaine mais on m'avais dit que vous étiez à la Fazenda, - donc je n'ai pas pu vous serrer la main.⁴⁵ (SZ - AR, Petrópolis, 21/02/1942, ABL, sem numeração).

Ao longo dos dez dias em agosto de 1936, Zweig conhece apenas as cidades do Rio de Janeiro, São Paulo e Santos, que já foram suficientes para que o escritor austríaco se encantasse com o Brasil e decidisse escrever um livro sobre o país que ele viria a chamar “um país do futuro”. E é nessa mesma viagem que Zweig começa seus escritos sobre o país ao qual ele agradece com um primeiro ensaio, como afirma Kuschel: “Den Auftritt in der Akademie nutzt Zweig für eine erste öffentliche Stellungnahme zu Brasilien, und zwar in Form eines ‘Danks’ an Brasilien. Für uns der erste greifbare Text, der sein Brasilien-Bild umreißt”⁴⁶. (KUSCHEL *et alli*, 2009, p.112) Zweig agradece ao Brasil pela acolhida, exaltando suas belezas naturais, e afirma que

[...] meine Wörter sind nicht mein ganzer Dank. Ich will aufrichtig sein und Euch gestehen – ich will gar nicht meine ganze Dankarbeit bei Euch in Eurem Lande lassen und dann zurückgehen, leeren und vergeßlichen Herzens. Nein, ich will diese Dankarbeit in mir bewahren, sie hüten und pflegen, und ich weiß sie wird eine immer wachsende und fruchtbare sein. Und wenn ich nur vom Leben noch etwas Schönes wünschen darf zu dem unerschöpflich Schönen, das ich hier gesehen und empfangen habe, so wäre es: - wiederkehren zu dürfen in dieses wunderbare Land!⁴⁷ (ZWEIG, 1946, p. 158).

Esses primeiros contatos feitos em 1936, em sua maioria, são mantidos ao longo das estadas de Zweig no Brasil, entre 1940 e 1942; outros foram sendo adicionados. A última lista

⁴⁵ “Caro Senhor Mello-Franco (*sic*), é com grande gratidão que vos deixo os dois Montaignes. Telefonei aí na semana passada, mas me disseram que o senhor estava na fazenda, - então não pude apertar-lhe a mão.”

⁴⁶ “O aparecimento na Academia serve a Zweig como uma primeira opinião pública ao Brasil, na forma de um ‘agradecimento’ ao Brasil. Para nós o primeiro texto tangível que descreve sua imagem do Brasil”

⁴⁷ “Minhas palavras não são meu completo agradecimento. Quero ser honesto e admitir – não quero deixar meu inteiro trabalho de agradecimento a vocês em sua terra e depois voltar para casa, com o coração vazio e desmemoriado. Não, quero manter em mim esse trabalho de agradecimento, cultivá-lo e guardá-lo, e sei que será sempre crescente e frutífero. E se me fosse permitido ainda desejar da vida algo de belo, além da beleza inesgotável, que vi e recebi aqui, seria: - poder voltar a essa terra maravilhosa!”

de telefones de Zweig encontra-se hoje em posse de uma das filhas de Friderike Zweig. Nela encontram-se os últimos contatos que Zweig ainda mantinha, por volta de 30. São eles:

Guilherme de Almeida, Alfred Agache, Aurea de Oliveira Alvarenga, Visconde de Carnaxide, Jaime Chermont, Afonso Hernandez Catá, Michael Choromanski, Luis Edmundo, Paul Frischauer, Editora Guanabara, Gomes Guimarães, Joseph Geiringer, Abrahão Koogan, Bruno Kreitner, Mucio Leão, Caio Melo Franco, Afonso Arinos de Melo Franco, Gabriela Mistral, Mandler (c/o Levy), Antenor Nascentes, Afranio Peixoto, Paul Pedrosa, Fabrice Polderman, Oswald da Rocha Lima, Roberto Simonsen, Claudio de Souza, Leopoldo Stern, Eugen Szenkar, Fortunat Strowski, Hubret Studenik, Isidora Xanthacay, Victor Wittkowski, Nathan Bronstein, Ferdinand Burger, Visconde de Lagoa, Maria Oswald⁴⁸ (DINES, 2010, p. 383).

Os contatos que constam na lista telefônica de Zweig não se restringem a brasileiros: há europeus – exilados ou não – que viviam no Brasil, nos Estados Unidos e na América Latina, editores, dentre outros. Os nomes supracitados serão, em sua maioria, abordados ao longo do presente trabalho.

2.1.3 Terceiro momento: 1940-1942

Stefan Zweig volta ao Brasil quatro anos após sua primeira visita, mas em uma situação distinta da que havia em 1936, em decorrência da instauração do Estado Novo no Brasil, além da intensificação do controle de entrada e saída de judeus do país. A própria situação de Zweig como exilado, que deixou casa e trabalho na Inglaterra em busca de outro país em que pudesse garantir suas publicações, apresenta condições distintas daquelas da primeira chegada.

Em 1940, Zweig teve uma grande recepção no porto do Rio de Janeiro, mesmo tendo pedido a Koogan para que não houvesse nenhum evento para recebê-lo. Zweig e sua segunda esposa, Lotte, estabelecem-se no Hotel Paysandú, por indicação de Iolanda de Melo Franco:

⁴⁸ Para maiores informações sobre a agenda telefônica de Zweig, cf. DINES, 2010, p. 383-384.

“je me souviens l’un petit hotel visant la mer dont Madame Mello-Franco (*sic*) m’a parlé et qui est plus près de la ville.”⁴⁹ (SZ - AK, Nova Iorque, 09/07/1940; BN, I-45,9,203)

Zweig tinha basicamente dois objetivos para essa viagem: coletar dados para enfim escrever seu livro sobre o Brasil e dar palestras e conferências a fim de obter algum ganho financeiro, já que seus bens não podiam ser transferidos para nenhum outro local.

Para organizar conferências no Brasil, Zweig retoma contato com jornalistas, em especial Guilherme de Almeida, que lhe dá espaço para tal, tanto no Rio de Janeiro como em São Paulo. Vários são os convites para conferências, dentre eles o da *Gazeta*, como é possível observar na carta de 30 de agosto de 1940, assinada por J. B. Souza Filho:⁵⁰

[...] curieux comme vous êtes de tout ce que se passe chez nous, sûrement vous n’ignorez pas nos efforts pour donner toujours une plus grande amplitude à notre mission de journalistes. Suivant notre but, nous avons pu avoir la plus parfaite organization journalistique du Brésil e avons même reussi à avoir dans notre édifice un auditorium pour des conférences, faisant toujours appel aux grands esprits établis ou de passage chez nous pour faire des conférences capables de satisfaire la naturelle curiosité des interessés aux questions d’art, science, politique et litterature.

Nous savons que vous êtes à Rio où vous pensez passer quelques semaines. Nous avons l’idée de vous inviter à faire une conférence à notre auditorium.⁵¹ (JBSF - SZ, 30/08/1940; BN, I-45,08,134)

Com os convites, que lhe dão uma maior abertura com a mídia impressa brasileira, Zweig indica aos editores da *Gazeta* de São Paulo o escritor Alfonso Hernandez Catá⁵² para que desse uma conferência. A resposta foi positiva e logo em seguida foi marcada a conferência do cubano na cidade paulista.

⁴⁹ “recordo-me de um pequeno hotel com vista para o mar, do qual a Sra. Mello-Franco (*sic*) me falou e que é mais próximo da cidade”

⁵⁰ J. B. Souza Filho era redator e jornalista do jornal *Gazeta* na década de 1940.

⁵¹ “[...] curioso como o senhor é de tudo que acontece conosco, com certeza o senhor não ignora nossos esforços de sempre dar uma maior amplitude à nossa missão de jornalistas. Segundo nosso objetivo, pudemos ter a mais perfeita organização jornalística do Brasil e conseguimos ainda ter em nosso edifício um auditório para conferências, fazendo sempre um convite às grandes figuras aqui estabelecidas ou de passagem em nosso país para dar conferências que satisfaçam a curiosidade natural de interessados em questões de arte, ciência, política e literatura. Sabemos que o senhor está no Rio de Janeiro, onde pretende passar algumas semanas. Temos a ideia de convidá-lo para uma conferência em nosso auditório.”

⁵² Alfonso Hernandez Catá (1885, Cuba – 1940, Rio de Janeiro), escritor, jornalista e diplomata cubano.

Catá e Zweig conhecem-se no Rio e passam muito tempo juntos, pois Zweig o considerava um grande intelectual. Quando o casal Zweig passava uma pequena temporada na pensão tcheca em Teresópolis, Catá, que já se tornara um amigo próximo, visita-os a fim de auxiliar Zweig com as conferências que seriam realizadas em espanhol, na Argentina e no Uruguai.

Na viagem de Catá a São Paulo, o avião em que o cubano estava caiu e ele vem a falecer. Zweig fica muito abalado com a perda do amigo e escreve em sua homenagem o *Abschied von Affonso Hernandez Catá*, e por muito tempo sente-se culpado pela morte do escritor cubano:

[...] ma joie, hélas, est anéantie : à Rio, j'avais, sur mes vieux jours, lié amitié avec un homme merveilleux, Hernandez Catá, le remarquable écrivain espagnol et ambassadeur de Cuba – il était venu me voir dès le premier jour et nous nous recontrions presque quotidiennement. C'était un homme d'une humanité admirable, d'une noblesse et d'une bonté que j'ai rarement rencontrées chez un être humain, sa femme et sa fille étaient pour moi comme des soeurs. Pendant ma conférence à Santa Fé, l'avion qui le ramenait de São Paulo s'est écrasé – j'ai été réellment désespéré. Car je suis peut-être responsable: j'avais dit aux gens de São Paulo qu'ils devraient l'inviter, il parlait admirablement bien, et c'est sur le chemin de retour, après cette conférence, qu'est arrivé l'effroyable accident.⁵³ (SZ - FZ, Santa Fé, 09/11/1940; ZWEIG; ZWEIG, 2006, p. 355).

A repercussão da estadia de Zweig no Brasil não se limita à imprensa brasileira; na América do Sul, em especial Argentina, Uruguai e Chile, muitos são os convites de universidades e associações judaicas, que desejam que Zweig profira palestras sobre assuntos diversos, inclusive políticos. Zweig seleciona os convites com cuidado, pois não queria ser obrigado a discutir assuntos políticos ou a guerra, já que ele próprio afirma que “detestava política” – “je suis prêt aussi de donner quelques conférences mais non-politique, vous savez que je deteste la politique”⁵⁴ (SZ - AK, Nova Iorque, 09/07/1940; BN, I-45,9,203).

⁵³ “[...] minha alegria, ah, está destruída: no Rio, mantive contato, em meus velhos dias, com um homem maravilhoso, Hernandez Catá, o memorável escritor espanhol e embaixador de Cuba – ele veio me visitar desde o primeiro dia e nos encontramos quase que diariamente. Era um homem de uma humanidade admirável, de uma nobreza e bondade que raramente se encontra entre os seres humanos; sua esposa e sua filha eram para mim como irmãs. Durante minha conferência em Santa Fé, o avião que o trazia de São Paulo caiu – fiquei realmente desesperado. Pois sou eu o responsável: eu disse às pessoas de São Paulo que eles deveriam convidá-lo, ele falava admiravelmente bem, e é no caminho de volta, depois dessa conferência, que ocorreu o acidente terrível.”

⁵⁴ “estou pronto também para participar de algumas conferências, mas não políticas, o senhor sabe que detesto política”

Com relação à reunião de dados sobre o Brasil, a empreitada move muitas pessoas, já que Koogan coloca o escritor em contato com especialistas em assuntos diversos sobre o país, a citar Roberto Simonsen⁵⁵ e Luis Edmundo⁵⁶, ambos acadêmicos. Edmundo ocupava a Cadeira 33, era historiador, especialista em História do Brasil e do Rio de Janeiro; Simonsen ocupava a Cadeira 3, era economista e fundador da cadeira de Economia Política da USP. Além disso, quando Zweig decide viajar pelo Brasil para efetivamente conhecer os locais sobre os quais iria escrever, D’Almeida Vitor⁵⁷, jornalista baiano e membro do PEN Club é designado para acompanhá-lo (Cf. CARVALHO, 2009).

Muito se discute sobre a viagem feita pelo casal Zweig, principalmente por terem sido recebidos nas capitais pelas quais passaram por Interventores e Deputados da época. Discute-se ainda a atuação do governo Vargas com relação aos exilados judeus que chegavam ao Brasil e à forma como eram vigiados (cf. DINES, 2010; LEVINE, 1998; LESSER, 1995; DIMAS, 2003). Em depoimento de D’Almeida Vitor a Alberto Dines (datado de 10/01/1981), o historiador conta que:

[...] procurado por elemento do DIP, a mando de Lourival Fontes, pediu-me este “sondar” o célebre escritor sobre sua pretensão financeira, em relação ao seu anunciado livro sobre o Brasil; tendo sido Zweig incisivo em sua resposta:

“Não estou fazendo um livro de propaganda política. Meu trabalho é o registro pessoal de impressões sobre este País extraordinário. Meu objetivo é demonstrar agradecimento ao Povo brasileiro pela acolhida que me deu [...]. (VD’A - AD, Rio de Janeiro, 10/01/1981; BN, I-45,12,013).

Zweig aparentemente está informado sobre o governo Vargas, mas não efetivamente sobre a instauração do Estado Novo; contudo, em relatos e cartas, percebe-se que o interesse do autor austríaco não era discutir a situação política pela qual passa o Brasil, mas sim registrar as belezas naturais e culturais que aqui encontra. Ao final da viagem, Zweig concede entrevista ao *Estado do Pará* (22/01/1941), na qual afirma:

⁵⁵ Roberto Simonsen (1889, Santos – 1948, Rio de Janeiro), economista, político e historiador.

⁵⁶ Luis Edmundo (1878, Rio de Janeiro – 1961, Rio de Janeiro), historiador, jornalista e poeta.

⁵⁷ D’Almeida Vitor, pseudônimo de Edgar Baiense (1914, Salvador – 1983, Brasília), jornalista, historiador e biógrafo.

Hei-de guardar com carinho essas impressões colhidas às pressas, mas retidas pela força das informações eruditas, vivas e palpitantes do meu amigo D'Almeida Vitor, cuja inteligência brilhante e facilidade de expressão e fidalguia de gestos me tornaram a viagem admirável, interessado sempre em elucidar as dúvidas em esclarecer alguns choques de pontos-de-vistas, sobretudo no ressaltar o interesse do Presidente Vargas em dar à região que percorremos um impulso rápido, de maneira a atingir, em breve tempo, o lugar que lhe é devido no Brasil, na América e no Mundo. (SZ, Belém, 22/01/1941; BN, I-45,09, 252).

D'Almeida Vitor era escritor, historiador e escritor, membro do PEN Club do Brasil e fundador da Academia de Letras de Brasília. A princípio não se pode afirmar com certeza sua aproximação ou distanciamento do governo de Vargas, mas se sabe (cf. DINES, 2010; DIMAS, 2003) de sua ligação direta com pessoas do governo do Estado Novo, a citar Lourival Fontes. Quando Zweig o saúda no periódico em Belém, deixa expresso o conflito entre sua posição e a de Vargas, sem apontar de forma direta a postura política adotada por Lourival.

A viagem de Zweig aos países sul-americanos entre 1940 e 1941 também tem a finalidade de recuperar relações perdidas, em função da guerra, com os refugiados que aqui se exilaram. Além disso, Zweig conviveu com muitos europeus que não conhecia anteriormente, mas que se unem pela condição de exilados. Pode-se citar os nomes de Viktor Maria Wittkowski, Paul Zech, Siegfried e Ferdinand Bürger, Eugen Skenkar, Enzo Massarini, Margarita Wallmann, Leopold Stern, Paul Frischauer, Alfred Agache, que constam de sua agenda de contatos (cf. DINES, 2010, p. 383).

De seus contatos do mundo literário, destaca-se Viktor Maria Wittkowski (1909-1960), que está muito presente ao lado de Zweig no Rio de Janeiro. Austríaco e judeu, em 1941, Wittkowski consegue chegar ao Brasil por meio da *Ação Brasil*, que consistia na emissão, pela Igreja, em conjunto com o governo brasileiro, de vistos para judeus convertidos (cf. MILGRAM, 2002). Ao chegar ao Brasil, é acolhido pelo Mosteiro de São Bento, que recebe refugiados sem dinheiro; além disso, Zweig ajuda-o, inclusive financeiramente, e o traz para trabalhar como revisor de suas obras, nomeando-o como seu testamenteiro literário. Cite-se também Leopoldo Stern (1871-s/d), escritor romeno aqui exilado, que ajuda na primeira tradução da *Declaração* e, por último, Paul Zech (1881-1946), escritor exilado em Buenos Aires, cujas obras são financiadas por Zweig (cf. DINES, 1981).

É possível também citar um escritor pouco conhecido no Brasil, Michal Chorománski (s/d - 1965), polonês, autor de *Eifersucht und Medizin*, livro encontrado no espólio de Zweig. Zweig o conhece no Hotel Paysandú e o cita em suas cartas:

[...] mir schreiben eben zwei junge Leute, die aus Honduras ausgewiesen dort in einem Niemandsland zwischen den Grenzen nicht weiter wissen und Michael Choromanski (*sic*) aus Curitiba, es ist gräßlich wie die Zeit uns zerreibt, trennt und zerstückt.⁵⁸ (SZ - VW, apud ZWEIG, 2005, p. 333).

Pouco se sabe sobre Chorománski que na época vivia em Curitiba. Vive pouco tempo no Brasil e emigra para o Canadá, onde sua esposa, Ruth Sorel (1907 – 1974), funda o grupo de ballet contemporâneo *Les Ballets Ruth Sorel*. (cf. CANADIAN Encyclopedia, 1988, v. 4).

Outros imigrantes ajudados por Zweig são Siegfried e Ferdinand Bürger, parentes – irmão e sobrinho – de Friederike, sua primeira esposa. Ambos residiam no Brasil desde 1938; foi Zweig quem indicou conhecidos no Brasil quando eles se mudaram:

[...] ich freue mich sehr, dass Du den Weg nach Brasilien gefunden hast, der keineswegs mehr ein leichter heute ist und ich will selbstverständlich dort mein Möglichstes tun. Ich gebe Dir dann eine Empfehlung an meinen dortigen Verleger, der wie ich weiss, mit allen Flüchtlingsorganisationen in Verbindung ist und unten bestimmt alles für Dich tun wird. Ausserdem, wenn Du dort etwas Amtliches brauchst, an die Frau eines hohen Funktionärs im Aussenministerium, die eine Wienerin ist, damit, wenn Du mit amtlichen Stellen irgendeine Schwierigkeit haben solltest, sie Dir behilflich sein kann. Ich kenne auch ihren Mann, Caio Mello Franco (*sic*), sehr gut. Da Du doch gerade auf dem Gebiet das dort wichtig ist, nämlich der Landwirtschaft, viel Erfahrung hast, so glaube ich das Allerbeste für Dich hoffen zu können.⁵⁹ (SZ - FB, Londres, 18/11/1938; DLA, 75.794/1).

Ligado ao mundo artístico, Eugen Szenkar (1891 – 1977) era alemão e, ao chegar ao Brasil, filia-se à Orquestra Sinfônica Brasileira, da qual é o primeiro diretor artístico, tendo

⁵⁸ “acabam de me escrever dois jovens, que foram expulsos de Honduras e que estão entre fronteiras, em uma terra de ninguém e não sabem o que fazer e Michael Choromanski (*sic*) de Curitiba, é horrível como o tempos nos mói, nos separa e nos despedaça.”

⁵⁹ “Alegro-me muito por você ter encontrado o caminho para o Brasil, caminho que não é de modo algum fácil hoje, e claro que quero fazer lá tudo o que for possível. Vou lhe dar uma carta de recomendação ao meu editor de lá, que, como sei, está em contato com organizações de refugiados e certamente fará tudo para você. Além disso – se você precisar de algo oficial lá –, uma carta à esposa de um Alto Funcionário do Ministério de Negócios Estrangeiros, que é vienense e pode ajudá-los se você tiver alguma dificuldade com os órgãos oficiais. Conheço muito bem também seu marido, Caio Mello Franco (*sic*). Uma vez que você tem muita experiência na área que lá é muito importante, a agricultura, então creio que posso esperar o melhor para você.”

feito seu concerto de estreia em 17 de agosto de 1940 (cf. CORREA, 2004). Já Enzo Mascherini (1910 – 1981), também ligado à música, era maestro italiano de ascendência judaica, mas acabou por se tornar colunista no *Jornal do Brasil* (cf. CLEMENTE, 1995). Por sua vez, Margarita Wallmann (1904 – 1992), bailarina e coreógrafa austríaca, teve papel essencial para aproximar Zweig de Szenkar (cf. LAFAYE, 2009).

Terminadas as conferências e as coletas de informações sobre o Brasil, Zweig parte em janeiro de 1941 para os Estados Unidos para escrever seu *Brasilienbuch*. O trabalho de revisão e tradução de *Brasilien, ein Land der Zukunft* aconteceu simultaneamente em seis idiomas (alemão, inglês, espanhol, português, francês e sueco). Koogan, no Brasil, foi responsável por contratar revisores para conferir a gramática e a correção dos fatos históricos, enquanto, nos Estados Unidos, Zweig cuidava das edições americana e francesa.

Em 1941, o livro é lançado pelas editoras Viking Press, nos Estados Unidos; Maison Française, também nos Estados Unidos; Bermann-Fischer na Suécia; Livraria Guanabara, no Brasil; Civilização, em Portugal e Compañia General Fabril, na Argentina. Logo em seguida, Zweig volta para o Brasil e é recebido no porto por Koogan, Claudio de Sousa, Afrânio Peixoto e D’Almeida Vitor (Cf. DINES, 1981).

Nesse último período no Brasil, Lotte e Stefan desejam isolar-se por estarem cansados de sua vida agitada, indo de lugar a lugar, hotel a hotel. A ideia de ter um lar permanente intensifica-se nessa fase e eles pedem a Koogan para procurar uma casa em Petrópolis, que já haviam conhecido nas primeiras visitas ao Brasil: “Nous avous l’intention de loger d’abord a l’Hotel Central*. Et puis d’aller à Petropolis et je serais heureux de pouvoir louer une petite maison comme vous le décrivez.”⁶⁰ (SZ - AK, Nova Iorque, 01/08/1941; BN, I-45,9,224; ZWEIG, 2005, p. 311). Enquanto esperam pela casa na montanha, hospedam-se no Hotel Central e, alguns meses depois, mudam-se para Petrópolis.

Os últimos trabalhos de Zweig consistem de uma novela, *Schachnovelle*, de sua autobiografia, *Die Welt von Gestern*, e das biografias de Américo Vespúcio, Montaigne e Balzac. Para estes três últimos trabalhos, o autor pediu ajuda a conhecidos e, por intermédio de Afonso Arinos de Melo Franco, entrou em contato com Fortunat Strowski⁶¹, especialista em Montaigne, que estava a passeio no Brasil. Em função de seu contato com Visconde de

⁶⁰ “Temos a intenção de nos hospedar no Hotel Central*. E depois ir para Petropolis ; ficarei feliz se puder alugar uma pequena casa, como o senhor descreve.”

⁶¹ Fortunat Strowski (1866 – 1952, França), historiador e crítico literário francês.

Carnaxide⁶², conhece o Visconde de Lagoa⁶³, historiador português especializado nos descobrimentos, que o ajuda nas pesquisas sobre a biografia de Américo Vespúcio.

Aparece nesse contexto a figura de Visconde de Carnaxide, diplomata português responsável pelas relações brasileiras com Portugal a partir de 1940, quando começa a trabalhar no Secretariado Nacional de Informação Português. Carnaxide era ligado diretamente a Antonio Ferro, poeta vinculado a Salazar e por esse motivo ajudou Zweig a conseguir o visto de passagem português para Friderike e suas filhas, para que elas pudessem atravessar os Pirineus e fugir da França passando por Portugal; caminho feito por vários refugiados, inclusive Hannah Arendt e Walter Benjamin (cf. DAVIS; MARSHALL, 2010).

No último mês de vida, janeiro de 1942, Zweig teve contato com três personalidades importantes: George Bernanos⁶⁴, Ernst Feder⁶⁵ e Gabriela Mistral⁶⁶.

Bernanos, escritor francês, fugido para o Brasil com o pseudônimo de Studenik, é acolhido pelo Mosteiro de São Bento em 1940 e, em seguida, se exila em Barbacena, onde permanece até 1945, quando retornou com seus filhos para a França (cf. HEYER, 2007).

Com relação à cônsul honorária do Chile no Rio de Janeiro, Gabriela Mistral, pouco se sabe de sua relação com Lotte e Zweig. Em carta a Eduardo Malled, diretor literário de *La Nación*, ela descreve seu último encontro na casa de Zweig, em Petrópolis:

Hoy sólo puedo contarle nuestro penúltimo encuentro. Lo encontré un poco desmejorado, pero en un ánimo más alegre que otras veces. Le dí la noticia de la venida de Waldo Frank, anunciada en la carta suya, y le participé mi proposición de que el amigo viniese a casa, a Petropolis, para escapar al calor. Entonces ambos me dijeron que compartiríamos a Frank, quien podía pasar días con ellos, días con nosotros. Así lo convinimos.

Contó riendo que él había dispuesto un almuerzo austríaco, desde la sopa hasta el postre. Y él lo sirvió con su linda manera, que nunca se sabía si era

⁶² Antonio de Sousa Pedroso Carnaxide, nomeado Visconde de Carnaxide em 1898, residente no Brasil durante a década de 1930 e 1940.

⁶³ Eugénio Dionísio Mascarenhas Grade, nomeado Visconde de Lagoa em 1861, historiador português.

⁶⁴ George Bernanos (1888, Paris – 1948, França), escritor e jornalista francês.

⁶⁵ Ernst Feder (1881, Berlim – 1964, Berlim), escritor e jornalista alemão.

⁶⁶ Gabriela Mistral, pseudônimo de Lucila de María del Perpetuo Socorro Godoy Alcayaga (1889, Chile – 1957, Nova Iorque), escritora e diplomata chilena.

de uno muy viejo a muy niño⁶⁷ (MISTRAL *apud* AZEVEDO, 1942, pp.91-92).

Ernst Feder, por fim, editor-chefe do periódico *Berliner Tagblätter*; na época, passa verão em Petrópolis e, na véspera do suicídio, pode se despedir pessoalmente do casal Zweig:

On Saturday morning he telephoned me. "Come over and see us this evening."- "Shall I come about 9 o'clock?"- "No, I would rather have you come at 8." [...] When my wife and I arrived at the home of the Zweigs in the Rua Gongalvez (*sic*) Dias, we were received on the veranda by Frau Lotte, the young wife [...] I had never seen him so sad, so completely crushed. The shadow which had always hung over him and darkened the natural brightness of his eyes was denser than ever before. [...] He often complained of the interruption of this work, and he seemed to take it for granted that he had lost everything he had left in England. [...] We had passed four hours together, chatting, arguing, exchanging ideas, playing our two chess games. He had the strength to hide his irrevocable decision, although he had hinted at it in indirect allusions which I had not understood.⁶⁸ (FEDER, 1943, pp. 2-8).

Em 22 de fevereiro de 1942, Stefan e Lotte Zweig decidem colocar fim às suas vidas. As especulações foram muitas na época e ainda continuam; segundo Dines e Prater, o suicídio de Zweig tem relação com a situação política da Europa – Zweig temeria que a guerra estivesse se aproximando, já que tomou a decisão de se suicidar pouco depois de um navio brasileiro ser abatido. Além disso, sabe-se que Lotte estava com câncer em estágio terminal, o que pode ter acelerado a decisão. (Cf. DINES, 1981; PRATER, 2010)

A morte de Zweig tem repercussão mundial: foi noticiada em periódicos nos Estados Unidos, Londres, Argentina, Brasil, dentre outros; vários amigos e conhecidos do escritor

⁶⁷ “Hoje apenas pude contar nosso penúltimo encontro. Encontrei-o um pouco deteriorado, mas mais alegre que das outras vezes. Conteí-lhe a notícia da vinda de Waldo Frank, anunciada em sua carta, e disse minha intenção do amigo vir a casa em Petrópolis, para escapar do calor. Então ambos me disseram que compartilhariam com Frank, que podia passar alguns dias com eles, conosco. Assim passamos o dia. Contou-me rindo que havia feito um almoço austríaco, desde a sopa até a sobremesa. E ele o servia em sua linda maneira, que não se sabia se era de um velho ou de uma criança.”

⁶⁸ “No domingo pela manhã ele me telefonou: ‘Venha nos ver hoje à noite’- ‘Posso ir por volta das 9 horas?’- ‘Não, prefiro que venha às 8h.’ [...] Quando minha esposa e eu chegamos na casa dos Zweigs na Rua Gonçalves (*sic*) Dias, fomos recebidos na varanda pela Sra. Lotte, a jovem esposa [...] Nunca tinha o visto tão triste, tão completamente abalado. A sombra que estava sempre sobre ele e a escuridão do brilho natural de seus olhos nunca estiveram tão densos antes. [...] Normalmente ele reclamava da interrupção do seu trabalho e ele parecia tomar por certo que ele perdera tudo que havia deixado na Inglaterra. [...] Passamos quatro horas juntos, conversando, discutindo, trocando ideias, jogando uma ou duas partidas de xadrez. Ele teve a força de esconder sua decisão irrevogável, embora tenha dado pistas com alusões indiretas, as quais eu não compreendi.”

austriaco dedicam-lhe mensagens de agradecimento ou relatam os últimos momentos passados com o autor.

2.2 Publicações e correspondência no exílio

Os documentos escritos por Stefan Zweig ao longo de sua vida não se concentram em apenas um arquivo, ao contrário, estão dispersos em diferentes arquivos em países distintos.

Em consulta realizada durante a pesquisa, por meio de catálogo eletrônico *Kalliope*, *Verbundkatalogen Nachlässe und Autographen*, vinculado à “Staatsbibliothek Berlin” (disponível em: <http://kalliope.staatsbibliothek-berlin.de/>), foram encontradas cerca de cinquenta instituições, dentre arquivos literários e bibliotecas, na Alemanha, Inglaterra, Brasil, Áustria, Estados Unidos e Argentina, que possuem cartas de Stefan Zweig.

Dentre as instituições encontradas, foram selecionados, num primeiro momento, sete arquivos: a *Casa Stefan Zweig*, localizada na cidade de Petrópolis-RJ; o arquivo literário de Marbach am Neckar, na Alemanha (*Deutsches Literaturarchiv Marbach*); o arquivo da *Biblioteca Nacional*, localizado na cidade do Rio de Janeiro; o *Museo del Holocausto de Buenos Aires*, situado na capital argentina; o *Deutsches Exilarchiv 1933-1945*, localizado na *Deutsche Bibliothek*, em Frankfurt am Main; o *Stefan Zweig Center*, localizado em Salzburg, Áustria; e a *Stefan Zweig Collection* da *Reed Library*, localizada New York University, campus de Fedonia, Estados Unidos. O levantamento foi feito com base em dois critérios: a localização dos arquivos – lugares em que o escritor viveu ou por onde ele passou – e o conteúdo neles encontrado.

A pesquisa nos catálogos on-line dos arquivos acima mostra que cada um dos acervos de documentos de Zweig é muito amplo, contendo cartas, documentos, manuscritos e objetos pessoais do autor. Em Petrópolis, encontra-se todo o espólio do período em que morou no Brasil e na Inglaterra, este doado pela família Altmann; em Marbach, encontram-se por volta de cem cartas escritas por Zweig para conhecidos e amigos, em sua maioria, e também para intelectuais e editores – como Viktor Fleischer⁶⁹ (editor), Claire Goll⁷⁰, Paul Hirsch⁷¹ e

⁶⁹ Viktor Fleischer (1882, Alemanha – 1951, Inglaterra), dramaturgo e editor alemão das obras de Zweig na Alemanha, antes da II Guerra Mundial.

Berthold Viertel⁷² –, além de manuscritos e artigos publicados por ele e sobre ele. No Rio de Janeiro, na Biblioteca Nacional, há a “Coleção Alberto Dines”, composta por cartas, depoimentos, manuscritos e fotos de Zweig durante sua visita e sua estada no Brasil; na Argentina, há algumas cartas, mas também artigos publicados por ele durante o período que passou por Buenos Aires, entre 1936 e 1940; em Frankfurt há uma pequena parte da produção de Zweig, incluindo obras, cartas e artigos escritos durante o período de exílio, que vai de 1938 a 1942. E em Fedonia, o arquivo criado por Robert Rie⁷³, que conheceu Zweig em 1915, contém cartas, documentos, manuscritos e artigos que compõem os espólios de Stefan Zweig, Alfred Zweig (irmão do escritor) e Friderike Zweig, doados pelos dois últimos. Não foi possível coletar informações sobre os documentos do arquivo de Salzburg, pois não há um catálogo eletrônico para consulta.

Sabe-se ainda que há várias cartas em posse de Eva Altman⁷⁴, sobrinha de Lotte, e também em posse das filhas e netas de Friderike, inclusive a agenda telefônica original. Essa correspondência e os documentos ainda não foram inteiramente liberados pelos herdeiros para pesquisas.

⁷⁰ Claire Goll, nome de casada de Clara Aischmann (1890, Alemanha – 1977, França), escritora e jornalista alemã.

⁷¹ Paul Hirsch (1868, Alemanha – 1940, Berlim), político e escritor alemão.

⁷² Berthold Viertel (1885, Viena – 1953, Viena), escritor, produtor e diretor alemão.

⁷³ Robert Rie (1904, Viena – 1981, Estados Unidos) professor de língua e literatura alemã da New York University, campus de Fedonia.

⁷⁴ Eva Altman(1929, Berlim) sobrinha de Lotte Zweig enviada aos Estados Unidos para se refugiar da guerra.

3 AS CARTAS DE STEFAN ZWEIG

3.1 O corpus

Como apresentado no tópico anterior, o número de documentos em arquivos e bibliotecas para a pesquisa era abundante e, em decorrência do tempo de pesquisa para o mestrado, não seria possível consultar os sete arquivos. Dessa forma, dois arquivos foram selecionados para a pesquisa: o *Deutsches Literaturarchiv Marbach* e a Biblioteca Nacional.

3.1.1 Deutsches Literaturarchiv Marbach (DLA)

O *Deutsches Literaturarchiv Marbach*, localizado na cidade de Marbach, na Alemanha destaca-se por ser um dos maiores arquivos literários da Alemanha, abrigando um acervo de correspondência, manuscritos e livros impressos de autores a partir do século XIX.

O trabalho de pesquisa no arquivo foi iniciado antes da ida para o local, por meio do catálogo *on line* da instituição. O catálogo do DLA, chamado *OPAC Kallias*, permite ao pesquisador saber a quantidade de material que o arquivo possui de determinado autor, bem como o meio em que ele se encontra (manuscrito, objetos pessoais, microfilme, mídia impressa dentre outros).

No caso de Stefan Zweig, o sistema de busca (disponível em < <http://www.dla-marbach.de/?id=51887>>) engloba ao todo cinco acervos, sendo dois de manuscritos (445 documentos de autoria de Stefan Zweig e 62 a ele enviados) e três de documentos impressos (totalizando 1137 documentos). Para a presente pesquisa, foi necessário fazer um recorte, delimitando os documentos entre os anos de 1939 e 1942, o que resultou em um número menor de documentos: 38 entradas, sendo que cada entrada pode apresentar mais de um manuscrito.

A pesquisa *in loco* deu-se de forma mais detalhada, já que o acervo de Stefan Zweig ainda não está inteiramente catalogado no sistema, o que resultou na necessidade de buscar cada entrada no catálogo de fichas do arquivo. Assim, a coleta do corpus no DLA deu-se de duas formas distintas, o que possibilitou a pesquisa de um maior número de cartas e uma análise mais detalhada, em especial, das relações entre Zweig e personalidades intelectuais e políticas brasileiras e europeias no período pré-determinado (1939-1942).

A primeira coleta foi realizada na seção de Manuscritos, onde se encontram as cartas inéditas, manuscritos ou datiloscritos não publicados e nem impressos. A segunda parte do trabalho foi realizada dentro da Biblioteca do DLA, onde foram coletadas cartas já publicadas e impressas em periódicos ou livros. Foram encontradas cartas publicadas em artigos e obras das décadas de 1950, 1960 e 1970, além de coletâneas de textos de Zweig não encontrados no Brasil.

3.1.2 Biblioteca Nacional (BN)

O trabalho com o acervo da Biblioteca Nacional também foi iniciado antes da pesquisa *in loco*, na qual dois acervos se destacaram: o Fundo Abraão Koogan, com 415 documentos e o Fundo Alberto Dines, com 103 documentos, todos referentes a Stefan Zweig. A pesquisa prévia foi possibilitada pelo portal online da Fundação Biblioteca Nacional, que disponibiliza todos os seus catálogos para consulta (disponível em <<http://www.bn.br/site/pages/catalogos/manuscritos/manuscritos.htm>>). Foram escolhidas 90 cartas e 30 documentos, dentre eles artigos escritos sobre e por Stefan Zweig, que foram analisados *in loco*. Os materiais necessários à pesquisa foram transcritos. Para a consulta dos documentos na Seção de Manuscritos foi necessária autorização por escrito do curador do fundo, Alberto Dines.

Além da Seção de Manuscritos, foi utilizada para a pesquisa o Acervo Geral, que é composto por livros, obras raras, períodos, coletâneas, entre outros, onde foi possível ter acesso a obras escritas sobre Zweig no Brasil. Foram consultadas ao todo 43 obras, principalmente textos escritos logo após a morte dos Zweig.

Além da pesquisa na Biblioteca Nacional, foi destinado um dia à análise do Arquivo da Academia Brasileira de Letras, que disponibiliza documentos de todos seus acadêmicos. No local, foi permitido o acesso ao arquivo de Afonso Arinos de Melo Franco, Afrânio Peixoto, Cláudio de Sousa, Roberto Simonsen e Múcio Leão. Decidiu-se pela pesquisa no local pela aproximação do autor austríaco com o membros da Academia Brasileira de Letras, seus leitores e tradutores na época. Foram encontradas apenas duas cartas entre Stefan Zweig e o acadêmico Afonso Arinos de Melo Franco, que foram transcritas e anexadas ao presente trabalho, juntamente às cartas coletadas na Biblioteca Nacional. Foram pesquisados também os arquivos dos outros acadêmicos, mas nada foi encontrado.

3.2 Ritmo da correspondência

Decidiu-se chamar de “ritmo da correspondência” o fluxo de cartas trocadas por Stefan Zweig e seus interlocutores no período escolhido para a pesquisa. O termo é de autoria de Baêta Neves (1988, p. 195), que explica, em suas *Notas de pesquisa*, que “a cronologia da carta deve considerar seus ritmos (de emissão e de resposta); suas condensações e esgarçamentos; suas nucleações, rarefações e silêncios.”. Por meio das tabelas abaixo é possível ter um panorama geral de quantas cartas foram enviadas e com quantos interlocutores Zweig manteve contato ao longo dos anos.

A Tabela 1 mostra o ritmo da correspondência ativa coletada no *Deustches Literaturarchiv Marbach*, como se observa a seguir:

Tabela 1. Correspondência ativa – DLA

Intelectual	Cartas/Período				Total
	1939	1940	1941	1942	
Anenmojannis, Giorgos	1				1
Arciniegas, Germán		1	4	1	6
Beer-Hofmann		1			1
Bermann-Fischer				1	1
Braun, Felix	3				3

Brod, Max	1				1
Burger, Ferdinand	2		1	1	4
Burger, Siegfried		10	5		15
Cahn, Alfredo		1			1
Ebermayer, Erich	1				1
Elsass, Stefan		1			1
Fleischer, Viktor	4	9	5		18
Friedenthal, Richard			1	2	3
Goll, Claire			1		1
Gottlieb, Wolfram	3				3
Herrmann-Neisse, Leni				1	1
Herrmann-Neisse, Max	1	1			2
Hirsch, Paul		1			1
Homeyer, Fritz	1				1
Koogan, Abrahão		5	5	4	14
Ludwig, Emil		1			1
Mann, Thomas		2			2
Masereel, Franz			2		2
Maudsley		1			1
Prager-Braun, Käthe	1				1
Rolland, Romain	10	3			13
Selden-Goth, Gisella	6	4	2		12
Sondheimer, Alfons			1		1
Vallentina, Antonina	3				3
Viertel, Berthold		2	2	1	5
Werfel, Alma/Franz		1	2		3
Wittkowski, Viktor		1	11	2	14
Zech, Paul	1		2		3
Zweig, Arnold	1				1
Zweig, Friderike				1	1
Total	39	46	44	14	143

Na Tabela 2 apresenta-se o ritmo da correspondência passiva também coletada no *Deutsches Literaturarchiv Marbach*:

Tabela 2. Correspondência passiva – DLA

Intelectual	Cartas/Período				Total
	1939	1940	1941	1942	
Arceniegas, German	3	1			4
Braun, Felix	1				1
Brod, Mas	1				1
Eherstein, Albert	1				1
Neumann, Robert				1	1
Rolland, Romain	6	2			8
Viertel, Berthold		1			1
	12	4		1	17

Na Tabela 3, apresenta-se o ritmo da correspondência ativa coletada na Biblioteca Nacional:

Tabela 3. Correspondência ativa – Biblioteca Nacional

Intelectual	Cartas/Período				Total
	1939	1940	1941	1942	
Franco, Afonso Arinos			1	1	2
L. B. Fischer				1	1
Koogan, Abrahão	5	5	12	3	25
Ninitch, Zorán					1
Vitor, D'Almeida			1		1
	5	5	14	5	30

Na Tabela 4, por fim, apresenta-se o ritmo da correspondência passiva também coletada na Biblioteca Nacional:

Tabela 4. Correspondência passiva – Biblioteca Nacional

Intelectual	Cartas/Período				Total
	1939	1940	1941	1942	
Correa, Edmundo		1			1
Guimarães, Luis		1			1
Hirschberg, Alfred		1			1
Asociación Filantrópica Israelita		1			1
Kultus-Gemeinschaft		1			1
Lobato, José B. Monteiro			1		1
Nathanson, Leon		1			1
Mewe, Siegmundo		1			1
Ministry of Information		1			1
Huebsch, Ben			1		1
Ortiz, Ferdinando			1		1
Nueva Comunidad Israelita		1			1
Pietri, A. Uslar		1			1
Peat, Harold		1			1
Schneider, Herbert		1			1
Souza Filho, J. B.		1			1
Wallace, DeWitt		1			1
Süss, Franz		1			1
Tocker, S.		1			1
Kerpel, Eugen			1		1
Soares, José C. Macedo		1			1
Koogan, Abrahão	3	1			4
	3	16	4		23

Podem ser traçadas algumas considerações iniciais acerca das informações contidas nas tabelas:

- algumas cartas coletadas são de autoria da segunda esposa de Zweig, Lotte, sendo a maioria delas referentes a trabalhos e obras que ele estava escrevendo. Observam-se também cartas em que há recados ou cumprimentos de Lotte ao final; em ambos os casos, a carta foi catalogada como sendo apenas de Zweig, levando em consideração o assunto em comum aos dois.

- Zweig não escrevia apenas em alemão; o corpus é composto por cartas em alemão, francês e inglês. Todo o conjunto foi lido, sem que houvesse distinção ou exclusão, o que possibilitou leituras interessantes que podem contribuir com a pesquisa como um todo.

- em 1939, o ritmo da correspondência diminui, o que talvez se deva ao agravamento da situação de guerra ou até mesmo à alteração da situação de Zweig na Inglaterra: devido à anexação da Áustria pela Alemanha, ele passa a ser visto não apenas como exilado austríaco, mas como “inimigo” e “alemão”. Por essa razão, sua vida passa a ser fiscalizada pela Inglaterra, como o próprio escritor afirma em seu diário de 4 de setembro de 1939:

The [affidavit] examination itself passes very quickly, only I see with regret, that we are inscribed as “Alien Enemies” that means, that silently the British government recognizes the annexation of Austria and treat us as Germans. We will be not transferred to a camp but we must stay in a limit of five miles and report every chagement to the Police Station [...] ⁷⁵ (ZWEIG, 1984, p. 419).

- entre 1940 e 1941 o número de cartas enviadas por Zweig aumenta, como consequência de suas viagens e da retomada de contato com intelectuais e familiares que se exilaram em países aliados, como Estados Unidos, Inglaterra e França. É nesse período, portanto, que podemos observar a maior parte da correspondência com personalidades do mundo literário, a citar Viktor Fleischer, os irmãos Hermann-Neisse e Berthold Viertel.

- o número reduzido de cartas escritas em 1942 já era esperado, pelo estado de isolamento em que ele e sua mulher se encontravam desde novembro de 1941, e devido à sua morte em fevereiro.

⁷⁵ “O exame do visto passa bem rápido, apenas vejo com pesar, que somos inscritos como “Inimigos dos Aliados”, ou seja, silenciosamente o governo britânico reconhece a anexação da Áustria e nos trata como alemães. Não seremos transferidos para um campo, mas devemos permanecer dentro de um limite de cinco milhas e reportar qualquer mudança à polícia [...]”.

4. ZWEIG E O EXÍLIO: três aspectos do exílio

Riqueza de assuntos e grande quantidade de remetentes caracterizam a correspondência de Stefan Zweig. Nos dois arquivos pesquisados para este trabalho, encontrou-se um corpus de mais de 300 cartas, publicadas e inéditas. Como mencionado anteriormente, foi necessária uma seleção de cartas desse corpus inicial para que fossem observados e discutidos aspectos pontuais da trajetória de Zweig em seu exílio.

Em seu texto *Kunst des Briefes*, tomado como base teórica do trabalho em questão e analisado no primeiro capítulo desta dissertação, o autor austríaco defende a ideia de que o remetente doa, na carta, o que recebe de seu cotidiano. Uma primeira leitura das cartas mostra que a ideia de doação também caracteriza a própria correspondência de Zweig, e que o escritor compartilhava com seus remetentes percepções, notícias e eventos cotidianos.

Decidimos, então, partir desse pressuposto e perguntar: quais aspectos do cotidiano e das notícias são enfatizados na correspondência do exílio entre 1940 e 1942? Tal questionamento revelou três aspectos relevantes da correspondência: (i) a oscilação entre um mundo de ontem, que não mais existe, e um futuro incerto e, muitas vezes, sem esperanças; (ii) a discussão literária com escritores da época e (iii) o isolamento, que cresce à medida que Zweig vive no exílio, deslocando-se de cidade a cidade, país a país.

Para a análise desses aspectos, foi escolhida a correspondência entre Zweig e os seguintes destinatários: Abrahão Koogan, Victor Wittkowisk, Viktor Fleischer, Gérman Arceniegas, Berthold Viertel e Thomas Mann, do período entre julho de 1940 e fevereiro de 1942.

Zweig manteve uma longa correspondência com a maior parte dos destinatários escolhidos, mas em termos quantitativos, três se destacam: Abrahão Koogan, Victor Wittkowski e Viktor Flesicher. A correspondência de Abrahão Koogan ainda não foi editada por completo, apenas poucas cartas foram publicadas em periódicos e coletâneas. Na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, encontram-se algumas respostas de Koogan ou da editora a Zweig, principalmente de cunho profissional. Mas se sabe que Koogan foi mais que um editor para Zweig – a correspondência, iniciada em 1935, passou de uma relação de trabalho para uma relação pessoal de confiança e reciprocidade.

Victor Wittkowski e Zweig mantiveram vasta correspondência de cunho literário, iniciada na década de 1930, quando Zweig ainda residia na Áustria, e permaneceu ativa durante o exílio, em especial por Wittkowski ter vindo para o Brasil, no início da década de 1940. Em sua carta-testamento, Zweig nomeou Wittkowski como revisor e curador de suas obras, mas de acordo com Dines (2010, p. 587), as obras passaram aos cuidados de Richard Friedenthal, contra a vontade do escritor austríaco.

Viktor Fleischer, como ocorreu com Koogan, teve contato com Zweig por motivos profissionais, pois Fleischer foi o responsável pela publicação de suas obras na Europa até 1937. Com o passar dos anos, o contato profissional tornou-se mais próximo. Pela ascendência judaica de sua esposa, Fleischer também teve que sair da Alemanha e foi se refugiar na Inglaterra, enquanto ela precisou emigrar para a África do Sul; Zweig foi responsável por retirar Viktor de Londres e enviá-lo para Bath, onde este pode se refugiar na antiga casa de Zweig.

Gérman Arceniegas foi um escritor sul-americano com quem Zweig manteve contato por um curto período de tempo (entre o final de 1940 e fevereiro de 1942) e discutia aspectos do mundo literário. Apresentado pelo seu amigo e tradutor, Alfredo Cahn, Zweig ajudou-o com a publicação de suas obras nos Estados Unidos.

Berthold Viertel foi um escritor e produtor alemão, que se mudou para Hollywood para tentar a carreira no mundo do cinema, casou-se com uma americana e permaneceu nos Estados Unidos. Ele e Zweig conheceram-se ainda na Alemanha, mas não perderam contato; trocavam experiências e reflexões sobre a guerra por meio da correspondência. Seu último contato pessoal ocorreu em 1940, nos Estados Unidos, quando trabalharam juntos no script do filme *Das Gestohlene Jahr*, filmado apenas em 1950. Pela sua grande proximidade, após a morte de Zweig, Viertel publicou o texto *Abschied von Stefan Zweig*, no qual mostra sua admiração e respeito pelo escritor:

[...] für dieses Europa war Stefan Zweig mehr gewesen als nur ein bedeutender Schriftsteller, der allmählich in den Weltruhm hineinwuchs: Er war eine europäische Institution! Europa existierte in ihm, von allem Anfang an, als eine Einheit, um ein Kultureuropa zu schaffen und zu erhalten, zu deuten und zu propagieren, als ein ‚public agent‘, ein Vermittler geistiger Güter.⁷⁶ (VIERTEL, 1968, p. 197).

⁷⁶ “[...] para essa Europa, Stefan Zweig era mais do que apenas um escritor importante, que pouco a pouco conquista fama mundial : Ele era uma instituição europeia! A Europa existia nele, desde o início, como uma unidade, uma Europa cultural para produzir, sustentar, interpretar e propagar como um ‚public agent‘, um mediador de bens intelectuais.”.

Thomas Mann e Zweig conheceram-se na Alemanha, antes de Mann receber o Prêmio Nobel. Há uma pequena correspondência entre eles, que se torna muito escassa depois que Zweig parte para o Brasil.

O capítulo foi dividido em três tópicos principais: (i) Zweig entre o mundo de ontem e o país do futuro; (ii) Zweig e a literatura; (iii) Zweig em seu isolamento. Entende-se serem esses os aspectos mais importantes na sua trajetória de exílio, que se mesclam e se cruzam nas cartas a amigos, exilados, escritores e editores.

4.1 Zweig entre o mundo de ontem e o país do futuro

Com o advento da Primeira Guerra Mundial, Zweig assume uma posição pacifista, sob influência de escritores como Romain Rolland e Émile Verhaeren; na Segunda Guerra Mundial, mantém sua posição, mas de forma a se distanciar quase totalmente da política. É nessa perspectiva que as cartas parecem demonstrar uma incerteza de Zweig frente ao futuro e uma tentativa nostálgica de retomada do passado como um refúgio.

A primeira carta escolhida para análise desse tópico foi enviada a Thomas Mann em 29 de julho de 1940, quando Zweig ainda estava nos Estados Unidos, mas já se preparava para sua segunda viagem ao Brasil. Segue a carta (JONAS, 1981, pp. 126-128)

Sehr verehrter lieber Herr Doktor,

Ihr gütiger Brief erreichte mich noch hier, denn ich habe – aus der Sentimentalität, Europa näher zu bleiben – die Südreise noch um 10 Tage verschoben. Wie viel hätte ich Ihnen von England zu erzählen gehabt! Ich hatte in meiner amphibischen Situation mich vom ersten Kriegstage zurückgezogen, jedem Gespräche ausweichend, in eine absolut trappistische Clausur, aber mit Sorge beobachtete ich vom ersten Tage, wie die Engländer – von historischen Analogien verführt – den Krieg im Tempo und mit der

Muito estimado Senhor Doutor,

Recebi ainda aqui sua gentil carta, já que – pelo sentimentalismo de estar mais próximo da Europa – adiei a viagem ao Sul por mais 10 dias. Eu teria tanto para lhe contar sobre a Inglaterra! Desde o primeiro dia da guerra, eu me recolhi em minha situação anfíbia, evitando qualquer diálogo, em uma absoluta clausura trapista, mas com preocupação observei desde o primeiro dia como os ingleses – seduzidos por analogias históricas – conduziram a guerra como nos tempos de

Gelassenheit des Friedens führten, einzig darauf bedacht, das easy going des privaten Lebens möglichst wenig zu stören. Sie träumten von diesem Krieg als einer Blockade, setzten nicht rechtzeitig weder Menschen noch die letzte Energie ein – jetzt an die Wand gedrückt, entfalten sie erstaunliche Kräfte, aber was vermögen Nerven wider Tanks? Das werden die nächsten Wochen erweisen.

Schmerzlich ist mir, in America die gleiche selbstbewußtpassive Haltung zu sehen, dieselbe verhängnisvolle Politik, mit Worten und Tadel die Angreifer zu verärgern und sie gleichzeitig durch eine übertrieben-gerechte Neutralität erstarken zu lassen. Mit der englischen Flotte opfert America seine erste Verteidigungslinie auf, so wie England seinerzeit mit Österreich und den Czechen seinen sichersten Wall. Auch hier kein einheitlicher Plan für die nächsten Jahren; auch hier keine auf den kommenden wirtschaftlichen Konflikt schon im voraus eingestellte Ökonomie, auch hier nur Abwarte-Einstellung mit viel überflüssiger Commentierung, statt zielbewußter Abwehr. Inzwischen nähern sich schon Hitlereuropa und Japan, die Schneiden der Zange im stillen geschliffen, daß ein Angriff gegen die letzte Democratie in den Generalstäben bereits ausgearbeitet wird, ist für mich Axiom. Wir sind leider noch nicht am Ende. Aber so wie wir Emigranten in England die Gefahr deutlicher erkannten als die Engländer, so sehen wir Europäer die Notstunde Americas in seiner heutigen Prosperität bereits voraus, ungelöst dort wie hier.

paz, com a mesma serenidade, preocupados apenas em perturbar o menos possível o easy going da vida privada. Eles sonharam com essa guerra como um bloqueio, não mobilizaram no momento adequado nem as pessoas nem a última energia – agora, que estão contra a parede, desenvolvem forças surpreendentes, mas o que podem os nervos contra os tanques? As próximas semanas o mostrarão.

É doloroso para mim ver na América a mesma atitude autoconfiante e passiva, a mesma política fatal de irritar os agressores com discursos e censuras e ao mesmo tempo permitir que eles ganhem força através de uma neutralidade excessivamente justa. Com a frota inglesa, a América sacrifica sua primeira linha de defesa, assim como a Inglaterra sacrificou em seu tempo sua trincheira mais segura com a Áustria e os tchecos. Aqui também nenhum plano uniforme para os próximos anos; também aqui nenhuma economia prévia para o conflito financeiro já à vista; aqui também apenas postura de espera com muitos comentários supérfluos, ao invés de uma resistência decidida. Enquanto isso a Europa de Hitler e o Japão já se aproximam, o corte da tenaz afiado em silêncio; é para mim um axioma que já está sendo elaborado um ataque contra as últimas democracias nos Estados-maiores. Nós infelizmente ainda não chegamos ao final. Mas assim como nós, emigrantes na Inglaterra, reconhecemos mais claramente o perigo do que os ingleses, assim nós, europeus, prevemos a miséria da América na sua atual prosperidade, sem solução tanto lá quanto aqui.

Daß ein Mann wie Sie, der wie keiner Solidarität mit der Emigration bekundet, von Einzelnen angefeindet wird, überrascht mich und andererseits doch wieder nicht. Emigration bedingt eine Verschiebung des Gleichgewichts, sie ist eine Gleichgewichtsstörung, weil der einzelne plötzlich nicht mehr dasselbe Gewicht im Sinne der Geltung hat wie vordem; das führt dann epidemisch zu seelischen Verstörung. Mir ist es nicht viel besser ergangen als Ihnen – der unselige Zarek schrieb mir plötzlich, ich „verhinderte“, daß die andern deutschen Schriftsteller, vor allem er, in englischer Sprache erschienen und ähnliches pathologisches Zeug; nun, ich nehme es bedauernd als Verstörung, allerdings im Falle Ludwig die mildernden Gründe abziehend, denn wenn einer, so ist er durch internationale Geltung und Schweizer Paß seit Jahren all den Sorgen entgangen, die für uns verheerend, zerstörend, weil deconcentrierend waren.

Sie sind so gütig, mich nach meinem Wohin zu fragen. Ich weiß es nicht. Ich bin eigentlich entschlossen, nach England zurückkehren, außer im Falle, daß Mosley dort Dictator wird. Ich habe einfach nicht mehr die Kraft, bei Consulaten, Ämtern um Erlaubnisse, Verlängerungen einzukommen. Ist es in England halbwegs möglich, trotz deutscher Staatsangehörigkeit und jüdischer Belastung zu leben in der Weise, wie ich

Que um homem como o senhor, que como nenhum outro manifesta solidariedade com os emigrantes, seja hostilizado por alguns, por um lado me surpreende, mas por outro, não. A emigração induz um desequilíbrio, ela é um distúrbio de equilíbrio porque o indivíduo não tem, de repente, mais o mesmo peso que antes no sentido de valor; o que então leva a um distúrbio mental epidêmico. Não estou muito melhor que o senhor – o infeliz Zarek⁷⁷ me escreveu de repente que “eu impediria“ que outros escritores alemães, acima de tudo ele, publicassem na língua inglesa, e outras coisas patológicas similares; agora eu, lamentando, o considero como um distúrbio, sem dúvida descontando as razões atenuantes no caso de Ludwig⁷⁸, pois se há alguém que durante anos escapou de todas as preocupações – que para nós eram devastadoras e destrutivas, já que nos dispersavam – foi ele, devido ao prestígio internacional e ao passaporte suíço.

O senhor é tão gentil em me perguntar para onde vou. Eu não sei. Estou realmente determinado a voltar para a Inglaterra, exceto no caso de Mosley⁷⁹ se tornar ditador lá. Eu simplesmente não tenho mais forças para me apresentar nos consulados, em repartições para pedir permissões e prorrogações. Se for razoavelmente possível na Inglaterra, apesar da nacionalidade alemã e o fardo

⁷⁷ Otto Zarek (1898, Berlin – 1958, Berlin Ocidental), dramaturgo, escritor e jornalista alemão, que emigrou primeiramente para Budapeste e em seguida para a Inglaterra, servindo ao governo inglês até 1945.

⁷⁸ Emil Ludwig (1881, Alemanha – 1948, Suíça), escritor, biógrafo, cuja dupla nacionalidade (alemã e suíça) permitia a transição entre os países, em especial durante as duas guerras mundiais.

⁷⁹ Oswald Mosley (1896, Londres – 1980, França), político inglês, membro do partido fascista inglês.

imme lebte – nicht öffentlich, unsichtbar – so werde ich es tun. Kommt Mosley oder sonst eine Form des Faschismus, dann ist Amerika gleichfalls kein Hort für lange Dauer mehr. Ich suche zunächst, den ganzen Complex des „Wohin“ möglichst abzublenden und lasse mich treiben. Einmal muß entweder der Sturm enden oder man endet selbst. Inzwischen versuche ich zu arbeiten und in einer Art Selbstdarstellung die Zeiten zu schildern, durch die ich gegangen – wir sind schließlich Zeugen einer der größten Weltverwandlungen und solange ich nicht dichterisch zeugen kann (im Sinne der Schöpfung), will ich wenigstens Zeugenschaft leisten im Dienste des Documentarischen.

Mein Aufsatz – ich glaube der hymnischste, den ich je geschrieben –, über „Lotte in Weimar“, liegt in London, ich hatte nur ein gedrucktes Exemplar und wagte Deutsches nicht durch die Censur zu nehmen. Aber später – hoffen wir auf dies Später! – kann ich Ihnen dies kleine Zeichen großer Verehrung gerne übermitteln.

Ihr getreuer

Stefan Zweig

Grüßen Sie, bitte, die Ihren!

judeu, viver da forma como eu sempre vivi – não publicamente, invisível – então assim o farei. Se Mosley ou outra forma de fascismo aparecer, então a América também não será mais um refúgio para um longo período. Busco primeiro apagar, tanto quanto possível, o grande complexo do „Para onde“ e me deixo levar. Algum dia ou acaba a tempestade ou a própria pessoa acaba. Enquanto isso tento trabalhar e retratar em uma espécie de autorrepresentação o tempo pelo qual passei – afinal, somos testemunhas de uma das maiores transformações do mundo e enquanto não posso testemunhar poeticamente (no sentido da criação), quero pelo menos dar um testemunho em prol do documentário.

Meu ensaio – talvez o mais elogioso que já escrevi – sobre „Lotte in Weimar“ ficou em Londres; tenho apenas um exemplar impresso e não me atrevi a levar nada em alemão por causa da censura. Porém mais tarde – esperemos por esse mais tarde! – vou poder lhe entregar, com alegria, esse pequeno gesto de grande veneração.

Seu leal

Stefan Zweig

Mande lembranças, por favor, aos seus familiares!

A carta de Zweig para Thomas Mann foi encontrada em um artigo da década de 1980 dedicado a analisar a trajetória do contato entre os dois escritores (JONAS, 1981). Ela apresenta a seguinte estrutura, que se repetirá em outras cartas: primeiro Zweig agradece a carta recebida; em seguida, faz um comentário superficial sobre sua situação de isolamento

frente à guerra; depois inicia uma reflexão sobre a situação da Inglaterra e dos Estados Unidos. Zweig tece ainda comentários sobre os escritores exilados, pois se pode supor que tanto Thomas Mann quanto Zweig teriam recebido cartas de outros escritores com críticas sobre sua posição literária. No penúltimo parágrafo, Zweig preocupa-se em responder a uma pergunta de Mann, provavelmente feita na carta antes recebida, sobre o próprio futuro; o escritor austríaco inicia, então, um relato de tom melancólico sobre seu futuro incerto e as dificuldades do exílio. Por fim, ele se desculpa com Mann por não poder ter enviado o ensaio que escreveu sobre a obra *Lotte in Weimar* (1939) e, em seguida, se despede, com uma pequena mensagem de esperança.

Mesmo em um tom bastante formal, a carta mostra certa proximidade entre os escritores. Sabe-se da aproximação de Zweig com a família Mann, em especial Thomas Mann e seu filho, Klaus (Cf. KUSCHEL; MANN; SOETHE, 2009); contudo o escritor austríaco mantém um discurso formal e bastante polido, característica especial dessa carta, já que a correspondência com Mann é a única que apresenta tal aspecto.

Zweig coloca-se em uma postura de observador frente à atitude da Inglaterra para com a guerra:

[...] aber mit Sorge beobachtete ich vom ersten Tage, wie die Engländer – von historischen Analogien verführt – den Krieg im Tempo und mit der Gelassenheit des Friedens führten, einzig darauf bedacht, das easy going des privaten Lebens möglichst wenig zu stören. Sie träumten von diesem Krieg als einer Blockade, setzten nicht rechtzeitig weder Menschen noch die letzte Energie ein – jetzt an die Wand gedrückt, entfalten sie erstaunliche Kräfte, aber was vermögen Nerven wider Tanks? Das werden die nächsten Wochen erweisen.⁸⁰ (SZ – TM, Nova Iorque, 29/07/1940; JONAS, 1981, pp. 127).

Para Zweig, no início, os ingleses encararam a guerra contra os países do Eixo não como uma grande batalha, eles teriam querido apenas – como nos mostra o discurso de Zweig na carta – permanecer na tranquilidade de seu dia-a-dia. Já em 1939 Zweig reclama dessa atitude inglesa, na qual o governo se organiza para que a população não saiba ao certo o que acontece, mas sente consequências diretas e indiretas de uma guerra iminente: “I see here how

⁸⁰ “mas com preocupação observei desde o primeiro dia como os ingleses – seduzidos por analogias históricas – conduziram a guerra como nos tempos de paz, com a mesma serenidade, preocupados apenas em perturbar o menos possível o easy going da vida privada. Eles sonharam com essa guerra como um bloqueio, não mobilizaram no momento adequado nem as pessoas nem a última energia – agora, que estão contra a parede, desenvolvem forças surpreendentes, mas o que podem os nervos contra os tanques? As próximas semanas o mostrarão.”

the population gets nervous to have finally good news. They invent in their desperation silly things [...] the Propaganda here is simply childish.”⁸¹ (ZWEIG, 1984, p. 428). Como o próprio Zweig afirma, depois que a Alemanha inicia sua expansão e pressiona a Inglaterra, os ingleses começam a desenvolver uma estratégia que já poderia ter sido posta em execução.

Não apenas a situação na Inglaterra é preocupante, como também Zweig vê com desilusão as ações dos países do Eixo, principalmente a expansão na Europa, e a possibilidade de alcançar a América do Norte, sem que os norte-americanos estivessem preparados para tal situação:

Auch hier kein einheitlicher Plan für die nächsten Jahren; auch hier keine auf den kommenden wirtschaftlichen Konflikt schon im voraus eingestellte Ökonomie, auch hier nur Abwarte-Einstellung mit viel überflüssiger Commentierung, statt zielbewußter Abwehr. Inzwischen nähern sich schon Hitlereuropa und Japan, die Schneiden der Zange im stillen geschliffen, daß ein Angriff gegen die letzte Demokratie in den Generalstäben bereits ausgearbeitet wird, ist für mich Axiom.⁸² (SZ – TM, Nova Iorque, 29/07/1940; JONAS, 1981, pp. 127).

A carta parece mostrar o inconformismo de Zweig frente à inércia dos Estados Unidos, que age como se o mundo não estivesse em guerra e não se prepara para os conflitos que virão à frente; para ele, portanto, tal situação, aliada ao rápido avanço das tropas alemãs e japonesas parece não oferecer esperança e nem um futuro vitorioso.

Desde que saiu da Inglaterra, em 1939, Zweig tenta retornar para o país, para poder voltar a viver em sua casa na cidade de Bath; mas, embora tivesse a cidadania inglesa, ele tinha que seguir uma série de imposições do governo, o que dificultava seu retorno. Zweig não voltaria a Bath, provavelmente por questões burocráticas, mas entre 1941 e 1942 parece satisfeito com a decisão de ir para o Brasil. Desde sua primeira visita ao Brasil, em 1936, tinha planos de voltar para a América do Sul e planejava alguns detalhes com seu editor, Abrahão Koogan.

⁸¹ “Vejo aqui como a população se irrita para ter finalmente boas notícias. Eles inventam em seu desespero coisas bobas [...] a propaganda aqui é simplesmente infantil”.

⁸² “Aqui também nenhum plano uniforme para os próximos anos; também aqui nenhuma economia prévia para o conflito financeiro já à vista; aqui também apenas postura de espera com muitos comentários supérfluos, ao invés de uma resistência decidida. Enquanto isso a Europa de Hitler e o Japão já se aproximam, o corte da tenaz afiado em silêncio; é para mim um axioma que já está sendo elaborado um ataque contra as últimas democracias nos Estados-maiores.”

Com relação aos outros escritores exilados na época, parece que a posição neutra e pacifista de Zweig e a opção de Thomas Mann em continuar trabalhando e apoiando escritores em língua alemã, mesmo diante da dificuldade de publicação, acaba sendo criticada: na carta, Zweig cita apenas dois desses casos, Otto Zarek e Emil Ludwig. Manter a publicação em sua língua materna parece ter sido uma opção de Zweig, sem quaisquer restrições a outras línguas: os textos do escritor austríaco foram publicados em periódicos norte-americanos, ingleses e franceses em cada uma das línguas pátrias das revistas e jornais.

Zweig lamenta a situação do exílio e traça um paralelo entre o passado e o futuro que merece ser comentado. Em um primeiro momento, o passado, ou melhor, aqueles que viveram em um passado – antes das guerras – passam a ter uma visão diferente da situação do que aqueles que ainda não encararam a guerra frente a frente:

Aber so wie wir Emigranten in England die Gefahr deutlicher erkannten als die Engländer, so sehen wir Europäer die Notstunde Americas in seiner heutigen Prosperität bereits voraus, ungelöst dort wie hier.⁸³ (SZ – TM, Nova Iorque, 29/07/1940; JONAS, 1981, p. 127).

No mesmo parágrafo, Zweig reflete sobre a situação em que se encontram a Inglaterra e os Estados Unidos, em especial sobre como os dois países reagem diante do inimigo, que se aproxima conquistando países na Europa e as ilhas no Pacífico. Além disso, Zweig se coloca como expectador da situação inglesa e norte-americana; ele e Mann assumem uma perspectiva distanciada: por serem imigrantes na Inglaterra e nos Estados Unidos conseguem ver a situação dos países de um ângulo diferente daquele dos cidadãos envolvidos.

Por um lado, o passado não mais existe, por outro, o futuro se mostra bastante incerto, o que intensifica a melancolia de Zweig:

Ich bin eigentlich entschlossen, nach England zurückkehren, außer im Falle, daß Mosley dort Dictator wird. Ich habe einfach nicht mehr die Kraft, bei Consulaten, Ämtern um Erlaubnisse, Verlängerungen einzukommen. Ist es in England halbwegs möglich, trotz deutscher Staatsangehörigkeit und jüdischer Belastung zu leben in der Weise, wie ich immer lebte – nicht öffentlich, unsichtbar – so werde ich es tun.
[...]

⁸³ “Mas assim como nós, emigrantes na Inglaterra, reconhecemos mais claramente o perigo do que os ingleses, assim nós, europeus, prevemos a miséria da América na sua atual prosperidade, sem solução tanto lá quanto aqui.”

Ich suche zunächst den ganzen Complex des „Wohin“ möglichst abzublenden und lasse mich treiben. Einmal muß entweder der Sturm enden oder man endet selbst.⁸⁴ (SZ – TM, Nova Iorque, 29/07/1940; JONAS, 1981, p. 128).

A carta a Mann, de 1940, já apresenta uma incerteza frente ao futuro. Zweig sabe da necessidade de se exilar em algum lugar, mas nesse momento parece ser ainda a Inglaterra o local que deseja. Em carta a Friderike, em 15/09/1940, Zweig reafirma esse desejo: “en Janvier j’espère d’être à New York et mon rêve serait de pouvoir rentre em Angleterre”⁸⁵ (ZWEIG, 2006, p. 350). Contudo, a necessidade vem acompanhada de uma grande burocracia, pois para se entrar nos países em tempos de guerra existia uma série de requisições, formulários, entrevistas a serem preenchidos. E seu lamento atinge o auge quando assume como um peso, um fardo, sua nacionalidade alemã e sua ascendência judia: “[...] trotz deutscher Staatsangehörigkeit und jüdischer Belastung [...]”⁸⁶(SZ – TM, Nova Iorque, 29/07/1940; JONAS, 1981, p. 126).

A próxima carta em análise foi enviada a Abraão Koogan, em 30 de julho de 1940, de Nova Iorque York, um dia depois de enviar a carta a Thomas Mann. Não é uma carta longa e se percebe que quase todos os detalhes já estão prontos para a viagem de retorno ao Brasil, que aconteceria em agosto do mesmo ano (SZ – AK, Nova Iorque, 30/07/1940; BN, I-45,9,206):

Mon cher Koogan, merci pour votre telegramme, j’espere de partir le 9. Aout et d’arriver le 21. Aout avant a l’hotel, il me faut deux chambres, une pour ma femme et moi, l’autre pour le travail. Si cela n’est par mon cher, je choisirais l’Hotel Gloria, car la chose maternelle j’arrangera par le fait que les journaux et revues Americains quand ils

Meu caro Koogan, obrigado pelo seu telegrama, espero partir dia 9 de agosto e chegar no dia 21. Quanto ao hotel, deverão ser dois quartos, um para mim e minha esposa, e outro para o trabalho. Se não for muito caro, prefiro o Hotel Gloria, pois vou resolver a questão material, pelo fato de que os jornais e

⁸⁴ “Estou realmente determinado a voltar para a Inglaterra, exceto no caso de Mosley se tornar ditador lá. Eu simplesmente não tenho mais forças para me apresentar nos consulados, em repartições para pedir permissões e prorrogações. Se for razoavelmente possível na Inglaterra, apesar da nacionalidade alemã e o fardo judeu, viver da forma como eu sempre vivi – não publicamente, invisível – então assim o farei. [...]Busco primeiro apagar, tanto quanto possível, o grande complexo do „Para onde“ e me deixo levar. Algum dia ou acaba a tempestade ou a própria pessoa acaba.”

⁸⁵ “em janeiro, espero estar em Nova Iorque, mas meu sonho seria poder voltar para a Inglaterra”.

⁸⁶ “[...] apesar da nacionalidade alemã e o fardo judeu [...]”

ont entendu que je vais en Amerique du Sud m'ont fait des propositions avantageuses

Si vous avez occasion de voir Chaime (sic) Chermont ou Caio Mello Franco dites lui que le journal le plus puissant de l'Amerique (avec quatre millions d'exemplaires) m'a demandé de leur donner les impressions (non politiques, je deteste la politique) sur çe Bresil. Peut-etre je pourrais aller a Minas Geraes ou même Matto Grosso pour donner des impressions qui sont les plus neufs que ceux de Rio – je crois vraiment que je pourrais me faire utile par ce fait que cest justement le magazine le plus la du monde, qui m'a invité J'ecrie pour eux.

Quand a l'Hotel, je repète que la chose principale est pour moi qu'il ne soit pas si loin que le Copacabana et que j'ai une chambre pour le travail. Je rêve d'une vie tranquille dans votre admirable ville et je suis heureux de pouvoir passer quelques semaines loin du fracas d'un monde croulant.

Ici a Newyork la chaleur est intolerable et la vie affreusement cher; mais il etait necessaire pour moi de rester ici pour fair mes arrangements.

Quand a la correspondance je vous prie de la retenir jusqu'a mon arrivée. J'espère que rien ne changera mes plans, j'ai deja les billets pour le bateau et la cabine – donc vous me verrez bientôt. Meilleurs a tous ces amis !

revistas americanas me fizeram propostas vantajosas, quando souberam que eu vou para a América do Sul.

Se o senhor tiver a chance de ver Chaime Chermont ou Caio Mello Franco diga-lhes que o periódico mais influente da América⁸⁷ (com quatro milhões de exemplares) me pediu para escrever minhas impressões (não políticas, eu detesto a política) sobre o Brasil. Talvez eu pudesse ir a Minas Gerais ou até mesmo a Mato Grosso para escrever algumas impressões mais novas que as do Rio – creio realmente que poderei ser útil, já que é justamente a revista mais lida do mundo que me convidou para escrever para eles.

Quanto ao hotel, repito que o mais importante para mim é que ele não seja distante como o Copacabana e que tenha um quarto para o trabalho. Sonho com uma vida tranquila em sua admirável cidade e estou feliz em poder passar algumas semanas longe do fracasso de um mundo despedaçado.

Aqui em Nova Iorque o calor está insuportável e a vida espantosamente cara; mas é necessário que eu fique aqui para fazer meus negócios.

Quanto à correspondência, peço-lhe para guardá-la até minha chegada. Espero que nada mude meus planos, já tenho as passagens para o navio e a cabine – então o senhor me verá em breve. Lembranças a todos os amigos!

⁸⁷ Zweig se referia provavelmente à revista Reader's Digest, um periódico voltado para um público familiar e fundado em 1922 nos Estados Unidos pelo casal DeWitt e Lila Wallace e lançado no Brasil apenas em 1942. Foi encontrada na BN uma carta endereçada a Zweig com a mesma data dessa carta a Koogan, na qual era pedido a Zweig um olhar especial para a revista, que estava aguardando maiores informações (Cf. DWW – SZ, 31/07/1940, Pleasantville, N.Y.; BN, I-45,10,034).

Votre sincère

Stefan Zweig

Hotel Wyndham Newyork 42 West 58 Street

30. July 1940

Seu sincero

Stefan Zweig

*Hotel Wyndham Newyork 42 West 58
Street*

30 de julho de 1940

A carta de 30/07/1940 endereçada a Koogan faz parte de um conjunto maior de mensagens que se referem aos preparativos de Zweig para retornar ao Brasil; Zweig pede auxílio ao editor para organizar sua hospedagem e contatar as pessoas com as quais conviveu em sua primeira viagem, em 1936. A carta possui uma estrutura semelhante àquela para Thomas Mann, mas deixa de lado os comentários sobre a guerra: Zweig inicia agradecendo rapidamente o telegrama recebido e já trata das questões de ordem prática para a viagem; em seguida relata brevemente os convites recebidos, em especial o de escrever um artigo sobre o Brasil. Zweig retoma a questão de sua acomodação no Rio de Janeiro, tece breves comentários sobre sua estadia em Nova Iorque, dá instruções sobre as correspondências que chegarem em seu nome e se despede.

Zweig traça de maneira sutil um paralelo entre o momento em que ele vive e seu futuro. O presente é um momento em que ele não se reconhece, o autor não consegue nem se sentir útil nem fazer útil aos seus próximos. Ele deixa transparecer esse desejo ao relatar sobre o artigo que lhe pediram para escrever sobre o Brasil; ele afirma “je crois vraiment que je pourrais me faire utile”⁸⁸ (SZ – AK, Nova Iorque, 30/07/1940; BN, I-45,9,206) por escrever em uma revista de grande circulação que poderá divulgar o Brasil – sua beleza natural, cidades dentre outras. Zweig parece ter necessidade de duas coisas nesse momento: sentir-se útil tanto na esfera pessoal quanto profissional, pois como exilado pouco podia fazer; e se estabelecer em um local tranquilo, onde pudesse se esquecer do “mundo despedaçado” pela guerra.

Essa tranquilidade Zweig espera encontrar no Brasil: “Je rêve d’une vie tranquille dans votre admirable ville et je suis heureux de pouvoir passer quelques semaines loin du fracas

⁸⁸ “creio realmente que poderei ser útil”.

d'un monde croutant.”⁸⁹ É a visão que o escritor tem do país e que se intensifica quando escreve *Brasilien, ein Land der Zukunft*. Já na introdução da obra, a visão de tranquilidade se apoia em aspectos sociais e até mesmo políticos, pois a comparação do Brasil com as nações em guerra – mundo do qual Zweig fazia parte – aparece de forma clara:

In diesem – meiner Meinung nach dem wichtigsten – Sinne scheint mir Brasilien eines der vorbildlichsten und darum liebenswertesten Länder unserer Welt. Es ist ein Land, das den Krieg haßt und noch mehr: das ihn sowiel wie gar nicht kennt.

[...] Wo wir in unserer verstörten Zeit noch Hoffnung auf neue Zukunft in neuen Zonen sehen, ist es unsere Pflicht, auf dieses Land, auf diese Möglichkeiten hinzuweisen. (ZWEIG, 2009, pp. 17-19).

De um lado, a tranquilidade encontrada em um país distante da guerra, de outro, o sentimento de não ser mais útil ao público e ao mundo que conhecia antes da guerra. Tal sentimento alia-se rapidamente ao de não pertencimento ao mundo, que se intensifica ao passar do tempo. Na carta de 1940 percebe-se ainda que o não-pertencer ao mundo está relacionado diretamente a não ter mais um público com quem ele se identifica:

[...] hätte ich irgendwo ein Organ, ein Publikum zu dem zu sprechen, so wäre es freundlich, einmal sich mit dieser Synthese aus Jugend und Alter, Sinnlichkeit und Geistigkeit auseinanderzusetzen.⁹⁰ (ZW - VW, s/d, DLA, 64.417/12).

A guerra, a situação de exilado e a diferença das gerações fazem com que Zweig perca seu público leitor e não encontre mais a música certa. A melodia que encontra é a possibilidade de escrever algo sobre o Brasil; a partir do convite, inicia-se a organização das viagens pelo país. Zweig tem a preocupação de coletar dados sob diversos ângulos e não apenas da capital, pois suas primeiras estadas já haviam lhe mostrado aspectos da diversidade sociocultural brasileira. Ao pensar em possíveis itinerários, ele sugere locais que poderiam enriquecer suas impressões: “Peut-etre je pourrais aller a Minas Geraes ou même Matto

⁸⁹ “Sonho com uma vida tranquila em sua admirável cidade e estou feliz em poder passar algumas semanas longe do fracasso de um mundo despedaçado.”

⁹⁰ “[...] gostaria de ter em algum lugar um órgão, um público para o qual eu pudesse falar, então seria agradável uma vez sentarem-se com essa síntese da juventude e da velhice, sensualidade e espiritualidade.”. Provavelmente a carta é do período entre final de 1941, início de 1942.

Grosso pour donner des impressions qui sont les plus neufs que ceux de Rio”⁹¹ (SZ – AK, Nova Iorque, 30/07/1940; BN, I-45,9,206). Zweig dá prosseguimento aos seus projetos de viagem pelo Brasil e mantém a visita a Minas Gerais; o conjunto das viagens deu origem ao *Brasilien, ein Land der Zukunft*, publicado em agosto de 1941.

A decisão de não falar em política pode ser um dos fatores da idealização que Zweig constrói em sua obra sobre o Brasil: parece que a maior preocupação do escritor reside em questões sociais, raciais, até mesmo econômicas, mas não relacionadas ao governo e suas práticas, que para ele não podem ser comparadas às ações do governo alemão. Além disso, a visão apresentada no *Brasilien, ein Land der Zukunft* corresponde à visão idealizada e quase bucólica que Zweig apresenta em suas cartas, o que reforça o desejo do autor de se distanciar da política.

Ao comparar a carta a Koogan e a Thomas Mann, enviadas em um curto espaço de tempo – 1 dia – percebe-se uma mudança bastante significativa de tom. Para Mann, Zweig mantém um discurso mais formal, mas suas reflexões revelam melancolia e frustração frente ao mundo despedaçado; enquanto na carta a Koogan, Zweig apenas deixa entrever sua percepção da guerra. Além disso, na carta ao editor, Zweig não estabelece uma relação entre passado e futuro, mas sim entre o presente e um futuro próximo, diferente do que acontece na carta a Mann, pois ambos participaram de um passado em comum e seguem para um futuro incerto.

Um ano após o envio das cartas a Koogan e a Mann, Zweig já passara pelo Brasil, coletando seus dados, retornara para os Estados Unidos para escrever o livro sobre o país e manter contato com editores e pessoas em outros países que pudessem ajudá-lo.⁹² É o caso, por exemplo, de Bem Huebsch, seu editor na Viking Press.

Uma pessoa que o auxiliou nessa última ida aos Estados Unidos foi Friderike Zweig, sua primeira esposa, pois foi ela quem indicou e contactou a universidade em New Haven para que Zweig pudesse utilizar sua biblioteca. Zweig aproveita a viagem para também para se

⁹¹ “Talvez eu pudesse ir a Minas Gerais ou até mesmo a Mato Grosso para escrever algumas impressões mais novas que as do Rio.”

⁹² Recorde-se que, devido à proibição de publicação de escritores judeus na Alemanha, Áustria, Itália e França, o contato de Zweig com os editores de outros países era fundamental para a publicação de seus textos. As edições francesa e americana do livro foram publicadas nos EUA, a alemã e a sueca na Suécia, a espanhola na Argentina, a portuguesa em Portugal e a brasileira no Brasil.

reencontrar com Friderike para que ambos possam recordar episódios comuns e o ajude com as memórias. (cf. ZWEIG & ZWEIG, 2006, pp. 361-362).

A carta a seguir foi enviada a Viktor Fleischer, em 7 de agosto de 1941, provavelmente de New Haven para Londres, onde se encontrava o editor. Zweig estava para retornar ao Brasil, com o livro sobre o país praticamente pronto e a autobiografia já em desenvolvimento:

7. August 1941

My dear Victor (sic), thanks for your letter. But I am afraid that I cannot see your manuscript as there is a great possibility that we shall have to go back to South America but I will give instructions to the Viking Press to send it to an agent with whom I will speak before. I am frightfully tired and disgusted – our life is destroyed by this war, because we with our 60 years will be too old for the new world to come. I live in the past and have written my autobiography in these weeks, a book of nearly 400 pages, perhaps my last, and I feel completely exhausted. This normandie life from hotel to hotel with all the difficulties of travelling, the lack of real rest and concentration begins to disturb us seriously – If I could only see a future life and a real task! Shall I ever see Bath again?

I have lost the sense for books, reminiscences, I suddenly begin to feel like an old man – is it the shadow of the sixtieth year? I would like to live forgotten on a forgotten place somewhere and never to open more a newspaper. Most of the émigrés

7 de Agosto de 1941

Querido Victor, obrigado pela sua carta. Contudo receio que eu não possa ver seu manuscrito, pois há uma grande chance de voltarmos para a América do Sul, mas eu darei instruções à Viking Press para encaminhá-lo a um agente com quem conversarei. Estou tremendamente cansado e desgostoso – nossa vida foi destruída por essa guerra, já que nós, com nossos 60 anos, seremos muito velhos para o mundo novo que vem pela frente. Vivo no passado e escrevo minha autobiografia nessas semanas – um livro com aproximadamente 400 páginas – talvez meu último, e me sinto completamente exausto. Essa vida nômade de hotel em hotel, com todas as dificuldades de viajar, a falta de descanso e concentração reais começam a nos incomodar enormemente – Se eu pudesse apenas ver uma vida futura e uma tarefa de verdade! Será que nunca mais verei Bath novamente?

Perdi meu gosto pelos livros, reminiscências; de repente começo a me sentir como um velho – é a sombra dos sessenta anos? Gostaria de viver esquecido, em um lugar esquecido, em qualquer lugar e de nunca mais abrir um

have settled down here, only myself, and so we are wondering and wondering without to see a final rest. And you my dear must feel alike, your wife far away no real hose, no new friend and the old dispersed over the world, our books destroyed; I can feel so distinctly that you sometimes despair but I hope that Meily will be possible and change everything. If I do not write otherwise our address shall be C/O Editora Guanabara 132 rua Ouvidor Rio de Janeiro – nothing is sure till to the last moment. My dear, my dear, when shall we see each other again. Yours faithful

StefanZweig

I hope you will get the permission for Bath and member the better days there

Kindest regards and best wishes in every possible respect,

Lotte

jornal. A maioria dos emigrantes instalou-se aqui, apenas eu ... – e aí estamos pensando e pensando, sem ver um descanso. E você, meu querido, deve se sentir como eu, sua esposa longe de seu lar, sem novos amigos e os antigos, dispersos pelo mundo, nossos livros destruídos; eu posso sentir muito claramente que você às vezes está desesperado, mas espero que o retorno de Meily seja possível e mude tudo. Se eu não lhe escrever, nosso endereço será C/O Editora Guanabara 132 rua Ouvidor Rio de Janeiro – nada é certo até o último momento. Meu querido, meu querido, quando nos veremos novamente? Seu fiel,

StefanZweig

Espero que você consiga o visto para Bath⁹³ e lembre os melhores dias lá

Lembranças e saudações com todo respeito possível,

Lotte

A carta em questão faz parte de uma ampla correspondência entre Zweig e Viktor Fleischer, bastante intensa enquanto Zweig encontrava-se na Europa e mantida com certa regularidade após o exílio. A carta mantém a mesma estrutura que as outras duas apresentadas: inicia com um agradecimento de Zweig e, logo em seguida, trata de assuntos editoriais. Em seguida há uma reflexão sobre a guerra e a questão do exilado, terminando a

⁹³ Na Inglaterra, para se deslocar – mesmo dentro do próprio território inglês – era necessário que fossem concedidas autorização de trânsito. Viktor, que se encontrava em Londres, foi convidado por Zweig a se exilar em Bath, em sua antiga residência e onde ainda moravam os parentes de Lotte. Viktor consegue a autorização e algum tempo depois consegue trazer de volta a esposa, exilada na África do Sul.

carta com um tom de esperança. Diferente das cartas antes discutidas, essa apresenta também uma breve mensagem de Lotte.

As impressões de Zweig nas cartas revelam seu sentimento frente à guerra e ao mundo que foi destruído, o que gera nela um forte sentimento de não-pertencimento ao mundo que o cerca. Por essa razão, seu futuro ou o futuro de sua geração é incerto e sem esperanças: “I am frightfully tired and disgusted – our life is destroyed by this war, because we with our 60 years will be too old for the new world to come.”⁹⁴ (SZ – VF, Nova Iorque, 07/08/1941; DLA, 62.324/296). O mundo novo, para Zweig não será mais aquele no qual vivia; não parece haver mais espaço para ele nesse mundo.

Se ele reforça a ideia de não pertencer mais ao mundo, de não se encaixar no mundo que vem pela frente, de ter no presente apenas frustração e desgosto, resta-lhe viver isolado e viver no passado, o que caracteriza seus últimos meses de vida: “I live in the past and have written my autobiography in these weeks, a book of nearly 400 pages, perhaps my last [...]”⁹⁵ (SZ – VF, Nova Iorque, 07/08/1941; DLA, 62.324/296). O processo de escrita de sua autobiografia parece ser uma forma de Zweig viver no passado, recordando os momentos em que não precisava se mudar de hotel para hotel, quando podia publicar seus livros, sem receios, na língua materna e quando seus amigos não viviam separados uns dos outros. Dessa forma, é no passado que Zweig encontra ainda um pouco de esperança: na imagem idealizada do passado ele pode se encontrar e reviver suas lembranças em um mundo ainda coeso e em paz. Contudo a preocupação maior de Zweig ao escrever sua autobiografia não é resguardar a vida de escritor, mas sim salvar do esquecimento um mundo bastante diferente daquele onde a guerra tomou todo o espaço.

Além disso, já é desejo de Zweig viver em isolamento: “I would like to live forgotten on a forgotten place somewhere and never to open more a newspaper.”⁹⁶ (SZ – VF, Nova Iorque, 07/08/1941; DLA, 62.324/296). Isolar-se do mundo significa para Zweig esquecer a guerra e a destruição; esquecer que o mundo que conhecia está sendo liderado por pessoas que almejam apenas ao poder e não medem esforços para alcançá-lo; o jornal, que lhe traz notícias dos Estados Unidos e da Europa, se torna uma fonte de tristeza, desgosto e frustração.

⁹⁴ “Estou tremendamente cansado e desgostoso – nossa vida foi destruída por essa guerra, já que nós, com nossos 60 anos, seremos muito velhos para o mundo novo que vem pela frente.”

⁹⁵ “Vivo no passado e escrevo minha autobiografia nessas semanas – um livro com aproximadamente 400 páginas – talvez meu último [...]”.

⁹⁶ “Gostaria de viver esquecido, em um lugar esquecido, em qualquer lugar e de nunca mais abrir um jornal.”

Ao comparar a carta em análise com as anteriores, a Koogan e Mann, percebe-se o mesmo tom melancólico, muito próximo à carta enviada a Thomas Mann. O assunto tratado com Koogan, de ordem mais prática, não deixa transparecer com clareza a posição de Zweig frente à guerra ou até mesmo à sua situação de exilado; ao contrário, ele reforça, na carta ao editor brasileiro, seu desejo de afastamento da política – *je deteste la politique* –, e parece mostrar o alívio que será poder se distanciar do mundo destruído pela guerra por meio de sua viagem ao Brasil.

Esse lado de Zweig não aparece nas cartas com Mann e Fleischer: ali ele reflete, de forma bastante profunda, sobre a ditadura na Europa e o exílio; além disso, a pergunta complexa sobre o destino, o “para onde?”, que Zweig cita na carta de Mann retorna na carta a Viktor: “Shall I ever see Bath again?”⁹⁷ (SZ – VF, Nova Iorque, 07/08/1941; DLA, 62.324/296). Bath foi para Zweig seu último ponto fixo de residência, a última cidade onde ele teria construído um lar; depois de sair da Inglaterra em virtude da guerra, inicia uma vida de períodos em hotéis, uma vida “anfíbia” e “nômade”, como afirma respectivamente a Mann e Fleischer. Suas esperanças, dessa forma, residiam em voltar para seu lar, por isso a retomada constante de Bath. Contudo, o escritor austríaco nunca chegaria a voltar para a Inglaterra, não apenas por causa da burocracia, mas também devido à falta de passagens nos navios e ao perigo que seria voltar para a casa de Bath, que havia se tornado um local de refugiados. Zweig apoiava a atitude de Hannah e Manfred Altmann, seus cunhados, que ficaram com a guarda da casa em Bath, de transformá-la em um local útil:

Dear H. & M. I cannot tell you how happy I am that the house in Bath is of such a good use and can be helpful to your friends [...] I have not forgotten the house but since I know that is such a good shelter for our friends [...] I feel much less remorse. (SZ – MA, s/d; DAVIS; MARSHAL, 2010, pp. 69-70).

A noção de terra natal torna-se mais consistente e importante para os exilados. Assim é a situação tanto de Zweig quanto de Mann e Fleischer. E é esse o assunto da última carta desse primeiro conjunto escolhido que trata sobre a relação entre passado e futuro nas cartas de Zweig. A carta seguinte foi enviada a Victor Wittkowski no final de 1941, estando Zweig já alojado em Petrópolis:

⁹⁷ “Será que nunca mais verei Bath novamente?”

[Petropolis, undatiert; Postempel: 13.12.1941]

Lieber Herr Witkowski, zunächst – die deutsche Regierung hat Ihren Wunsch längst erfüllt, indem sie alle Juden im Auslande des Bürgerrechts sowie ihres Besitzes verlustig erklärte. Es stand in den Zeitungen. Natürlich wäre es gut wenn Sie Sich den Text des Decretes verschaffen könnten.

Ich bin wie Sie total verzweifelt. Unsere Welt ist zerstört und das Grauenhafte kommt erst nach dem Kriege, wenn der jetzt wehrlose Haß in den Ländern sich Classe gegen Classe, Mensch gegen Menschen wendet. Und welcher Fluch gerade in dieser Sprache leben denken, schreiben zu müssen. Ich bleibe hier ganz in meiner Einsamkeit und arbeite – an Montaigne, an Balzac, an zufälligen Dingen aber mit der stets sich vermindernden Freude, denn wozu, für wen? Die Generation für die ich sprechen durfte hat keine Erben, keine Hörer und alle Übertragungen ekeln mich an. Welcher Heroismus von Ihnen, ins Deutsche zu übersetzen! Ich werde leider nie eine fremde Sprache je mir völlig, das heißt literarisch zu eigen machen können, am wenigsten Portugiesisch.

Sie werden hier gewiß keine Schwierigkeiten haben, wir alle werden ab und zu wahrscheinlich uns melden müssen und damit alles erledigt sein. Mit dem Verdienst wird es schwerer sein – alle die literarischen Einwanderer sind hier in der

[Petrópolis, sem data; Selo postal: 13/12/1941]

Caro Sr. Witkowski, primeiro – o governo alemão já cumpriu seu desejo de declarar que todos os judeus em terras estrangeiras estão privados de seus direitos de propriedade. Está nos jornais. Claro que seria bom se o senhor pudesse providenciar o texto do decreto.⁹⁸

Estou, como o senhor, totalmente desesperado. Nosso mundo está destruído e o horror vem logo depois da guerra, quando o ódio sem defesa de agora nos países se transforma em classe contra classe, pessoas contra pessoas. E que maldição é ter que viver, pensar e escrever nesta língua. Fico aqui em minha solidão e trabalho – no Montaigne, no Balzac, em coisas aleatórias, mas com a alegria em constante mudança: pois para que, para quem? A geração para a qual eu deveria falar não tem herdeiros, nem ouvintes e todas as traduções me enojam. Que heroísmo o seu de traduzir para o alemão! Infelizmente nunca nenhuma língua estrangeira poderá me satisfazer para servir de meio literário, muito menos o português.

Aqui certamente o senhor não terá nenhuma dificuldade, nós todos provavelmente teremos que nos apresentar de vez em quando e com isso tudo estará resolvido. Com o dinheiro será difícil – todos os imigrantes

⁹⁸ Zweig se refere ao decreto de 25 de novembro de 1941, o 11º Decreto do governo de Hitler, no qual priva os judeus de suas propriedades (terras, imóveis, hipotecas dentre outros). O texto integra está disponível em <<http://www.verfassungen.de/de/de33-45/reichsbuerger35-v11.>> (Último acesso em 23 jun. 2013).

gleichen verzweifelten Lage und in America ist es nicht viel besser (nur daß man leichter dort in die Sprache gerät.) Ich bin verzweifelt, da Ihnen keinen Rat zu wissen – Kunsthandel in einem Land das kein Material besitzt ist ja gleichfalls beinahe aussichtslos und im Sommer verläßt ja alles fluchtartig die Stadt. Ach man ist so grauenhaft ratlos und von der Post erreichen einen am zuverlässigsten die Briefe der Verzweiflung – mir schreiben eben zwei junge Leute, die aus Honduras ausgewiesen dort in einem Niemandsland zwischen den Grenzen nicht weiter wissen und Michael Choromanski aus Curitiba, es ist gräßlich wie die Zeit uns zerreibt, trennt und zerstückt. An Felix Braun habe ich geschrieben, er hat die Gnade sich zu täuschen und eine Kindhaftigkeit des Herzens die ihn hoffentlich aufrecht hält.

Nach Rio komme ich erst wieder in etwa 12 Tagen, ich verliere so ungern Zeit je ärger sie wird, und hasse den Omnibus indem man nicht lesen, nicht sprechen und nicht denken kann. Aber ich hoffe, Sie dann rechtzeitig verständigen zu können. Mit besten Grüßen Ihr

Stefan Zweig

literários estão aqui na mesma situação desesperadora e nos Estados Unidos não é muito melhor (apenas que lá é mais fácil com a língua.) Estou desesperado por não saber o que lhe dizer – negócios de arte em um país que não possui nenhum material e igualmente quase sem esperança e no verão todos deixam às pressas a cidade. Ah, é tudo tão terrível e chegam-me do correio cartas de desespero das pessoas mais confiáveis – acabam de me escrever dois jovens, que foram expulsos de Honduras e que estão entre fronteiras, em uma terra de ninguém e não sabem o que fazer e Michael Choromanski de Curitiba; é horrível como o tempos nos mói, nos separa e nos despedaça. Escrevi a Felix Braun, ele faz o favor de se iludir e tem a imaturidade do coração que o sustenta esperançosamente.

Estarei de volta ao Rio apenas por volta de 12 dias, o pior é que perco um tempo tão relutante e odeio o ônibus onde não é possível ler, falar ou pensar. Contudo espero poder comunicá-lo a tempo. Com melhores lembranças Seu

Stefan Zweig

A carta em questão faz parte de uma correspondência não muito longa entre Zweig e Victor Wittkowski, cuja aproximação parece ter se intensificado quando este também se refugia no Brasil. A carta é bastante forte e demonstra um sentimento bastante profundo de desespero e melancolia por parte de Zweig. Excepcionalmente, o escritor inicia a carta sem nenhuma saudação ou agradecimento; seu desespero se torna tão intenso que Zweig se vê obrigado a falar diretamente do decreto do governo alemão sobre as propriedades dos judeus; em seguida, Zweig relata seus estudos sobre Balzac e Montaigne e sua relação dolorosa com a

língua alemã, que se torna, em seus termos, uma “maldição”. O último núcleo temático é a breve reflexão sobre a situação financeira dos imigrantes tanto na América do Sul quanto nos Estados Unidos; a carta termina deixando em aberto um possível encontro quando Zweig estivesse no Rio de Janeiro.

A reflexão e a relação estabelecida entre passado e futuro tem início com o relato dramático da situação dos judeus no presente: “die deutsche Regierung hat Ihren Wunsch längst erfüllt, indem sie alle Juden im Auslande des Bürgerrechts sowie ihres Besitzes verlustig erklärte.”⁹⁹ (SZ – VW, Petrópolis, 13/12/1941; DLA, 64.417/6). Zweig, com o passar dos anos, vê seu mundo sendo destruído e suas liberdades e direitos lhe sendo tirados com o governo alemão de Hitler tendo mais conquistas na Europa. Para Zweig, se a ditadura e os governos totalitários vencem por meio da guerra e da violência, o futuro que se constrói é também de violência e turbulência, pois o que seria uma discussão e batalhas políticas entre nações, passa a um nível de relações interpessoais, classe contra classe e pessoas contra pessoas:

Ich bin wie Sie total verzweifelt. Unsere Welt ist zerstört und das Grauenhafte kommt erst nach dem Kriege, wenn der jetzt wehrlose Haß in den Ländern sich Classe gegen Classe, Mensch gegen Menschen wendet. Und welcher Fluch gerade in dieser Sprache leben denken, schreiben zu müssen. Ich bleibe hier ganz in meiner Einsamkeit und arbeite [...] ¹⁰⁰ (SZ – VW, Petrópolis, 13/12/1941; DLA, 64.417/6).

Além de o futuro não oferecer esperanças, carregará as consequências dos atos do presente, de forma que a violência praticada em macroescala, com a Guerra Mundial – confrontos entre nações –, refletiria em uma microescala, ou seja, no relacionamento interpessoal, entre povos e pessoas de uma mesma nacionalidade ou naturalidade.

Zweig mostra-se quase desesperado com o decreto do qual foi informado pela imprensa; tal sentimento se volta não apenas contra o governo alemão, mas também contra a língua alemã, que seria sua forma mais livre e espontânea de se expressar. Esse sentimento contra a língua alemã reforça a ideia do não-pertencimento ao mundo, já discutido nas cartas

⁹⁹ “o governo alemão já cumpriu seu desejo de declarar que todos os judeus em terras estrangeiras estão privados de seus direitos de propriedade.”

¹⁰⁰ “Estou como o senhor, totalmente desesperado. Nosso mundo está destruído e o horror vem logo depois da guerra, quando o ódio sem defesa de agora nos países se transforma em classe contra classe, pessoas contra pessoas. E que maldição é ter que viver, pensar e escrever nesta língua. Fico aqui em minha solidão e trabalho [...]”

anteriores; o que enfatiza esse sentimento de Zweig na carta é sua ideia de que a geração de leitores que lhe seguiam no passado não mais existem: “Die Generation für die ich sprechen durfte hat keine Erben, keine Hörer und alle Übertragungen ekeln mich an.”¹⁰¹ (SZ – VW, Petrópolis, 13/12/1941; DLA, 64.417/6). Na visão de Zweig, não apenas a geração mudou, mas a geração para a qual escrevia não possui nem mesmo herdeiros, ou seja, essa geração foi dilacerada pela guerra e pelo governo alemão. Dessa forma, o que lhe restam são as cartas de conhecidos e amigos – que, como ele, estão exilados.

Zweig vê-se em um grande paradoxo que o acompanha até o final da vida: sua língua materna lhe faz recordar todos os males da guerra, em contrapartida não encontra em outra língua estrangeira a mesma intensidade de escrita. Seus lamentos a Wittkowski nessa carta são provavelmente reflexo do desespero e da situação que o governo alemão impõe aos judeus, mas não é possível afirmar que Zweig se distancia de sua língua materna, principalmente porque nessa época ele estava escrevendo obras significativas para sua carreira.

Não apenas as atitudes do governo alemão deixam Zweig desesperado: o escritor relata a Wittkowski sobre as cartas de escritores e amigos exilados que chegam repletas de desilusão e desespero:

Ach man ist so grauenhaft ratlos und von der Post erreichen einen am zuverlässigsten die Briefe der Verzweiflung – mir schreiben eben zwei junge Leute, die aus Honduras ausgewiesen dort in einem Niemandsland zwischen den Grenzen nicht weiter wissen und Michael Choromanski aus Curitiba, es ist gräßlich wie die Zeit uns zerreibt, trennt und zerstückt.¹⁰² (SZ – VW, Petrópolis, 13/12/1941; DLA, 64.417/6).

A guerra não apenas destrói cidades e os soldados que estão na linha de frente dos combates – ela separa pessoas e famílias, destrói vidas e tira a esperança daqueles que vivem exilados. Nessa carta, Zweig parece se comover com a situação dos dois jovens em Honduras e com a situação de Choromanski, que estava em Curitiba, mas não conseguia sobreviver no Brasil e ainda não tinha um visto para a América do Norte.

¹⁰¹ “A geração para a qual eu deveria falar não tem herdeiros, nem ouvintes e todas as traduções me enjoam.”

¹⁰² “Ah, é tudo tão terrível e chegam-me do correio cartas de desespero das pessoas mais confiáveis – acabam de me escrever dois jovens, que foram expulsos de Honduras e que estão entre fronteiras, em uma terra de ninguém e não sabem o que fazer e Michael Choromanski de Curitiba; é horrível como o tempo nos mói, nos separa e nos despedaça.”

Saber da dificuldade dos exilados, das atitudes tomadas pelo governo alemão e receber cartas de amigos também aflitos com a situação em que se encontrava a Europa parece intensificar o sentimento de angústia e o desejo de se manter isolado do mundo ao qual ele não mais pertence.

O sentimento de desespero e de desgosto de Zweig perante a sua situação como judeu exilado é tão intenso nessa carta que até a visão que ele tinha sobre o Brasil muda:

Kunsthandel in einem Land das kein Material besitzt ist ja gleichfalls beinahe aussichtslos und im Sommer verläßt ja alles fluchtartig die Stadt. [...] ich verliere so ungern Zeit je ärger sie wird, und hasse den Omnibus indem man nicht lesen, nicht sprechen und nicht denken kann.¹⁰³ (SZ – VW, Petrópolis, 13/12/1941; DLA, 64.417/6).

Zweig, pela primeira vez no corpus selecionado, reclama da falta de estrutura do país: falta de material artístico, fala de estrutura no transporte e o clima quente, insuportável para muitos. A carta como um todo mantém um tom de desespero e de desgosto; a crítica à sua situação no Brasil parece, apenas, uma extensão de todo o conjunto de problemas que o exílio lhe traz.

Essa carta, dentre as selecionadas e analisadas neste tópico, é a mais intensa e negativa do ponto de vista dos sentimentos. Não se percebe nenhum traço de esperança em seu relato e suas reflexões. Outro aspecto a ser comentado é sua postura frente à política: enquanto exilado, Zweig mantinha uma postura bastante neutra para com instituições e jornais, no geral. Contudo, comentários e reflexões sobre essa questão aparecem nas cartas enviadas aos exilados, como na carta a Thomas Mann de 1940, a Viktor Fleischer, de 1941, e a Victor Wittkowski, de 1941. Percebe-se ainda que é a partir dessas reflexões sobre a política atual dos governos europeus e norte-americanos que o discurso de Zweig tende para a volta ao passado ou a construção de um futuro esperançoso.

O passado é retomado sempre no discurso de Zweig; a referência a ele intensifica-se à medida que cresce o sentimento de não-pertencimento ao mundo no qual vivia; enquanto que a relação com um futuro esperançoso se dilui e se torna quase ausente conforme se passam os anos de exílio.

¹⁰³ “negócios de arte em um país que não possui nenhum material e igualmente quase sem esperança e no verão todos deixam às pressas a cidade. [...]o pior é que perco um tempo tão relutante e odeio o ônibus onde não é possível ler, falar ou pensar.”

As cartas selecionadas parecem mostrar que a esperança em um futuro em paz se dilui não apenas conforme cresce o sentimento de não-pertencimento, mas também conforme aumenta o desespero de Zweig frente à guerra: em 1940, na carta a Thomas Mann, há um tratamento leve quando se olha para o vocabulário utilizado por Zweig (“mit Sorge beobachtete ich vom ersten Tage”, “Ich habe einfach nicht mehr die Kraft”). Já em 1941, o sentimento de desespero de Zweig parece aumentar em seu discurso nas cartas; a Fleischer e a Wittkowski ele reforça seu cansaço e desaprovação da situação de exilados (“I am frightfully tired and disgusted”; “Ich bin wie Sie total verzweifelt”).

Apesar da desilusão e da falta de confiança no mundo em que vivia, Zweig continua a publicar seus textos. As cartas sobre suas publicações e as relações literárias ainda mantidas na época serão tratadas no próximo tópico.

4.2 Zweig e a literatura

Stefan Zweig mantém uma correspondência rica com grandes escritores – como Romain Rolland, Döblin, Freud e Thomas Mann – sobre obras que estavam sendo escritas, questões de ordem teórica ou aspectos da tradução de prosa e poesia. Essa rica correspondência tem seu auge na década de 1920 e continua até meados da década de 1930, mas acaba se diluindo depois de 1937, quando Zweig se muda definitivamente para Londres e inicia seu percurso de exílio, ou a “vida nômade”, como ele a chamava.

Como já explanado, algumas cartas do período estudado contêm a discussão e a reflexão de Zweig sobre o mundo e a produção literária da época. Nesse sentido, as figuras de Victor Wittkowski e Gérman Arciniegas são importantes porque, no corpus coletado nos arquivos, foram encontradas cartas a eles com uma temática central literária.

A primeira carta selecionada sobre o tópico foi enviada ao escritor colombiano Gérman Arceniegas enquanto Zweig encontrava-se no Rio de Janeiro. Trata-se de um breve comentário de Zweig ao trabalho do jovem escritor:

Rio de Janeiro,

Mon cher German Arciniegas, je ne vous ai pas écrit, étouffant dans la chaleur et attendant encore un mot de mon éditeur Américain qui n'est pas encore arrivé. Enfin je me suis décidé, je partirais le 10. Janvier pour Bahia et le Nord du Brésil, pour faire des études. De là je vais pour quelque temps à Newyork ou je verrais le premier jour la Viking Press. Je vous écrivais immédiatement.

Votre livre de la « Mesa rotonda »¹⁰⁴ m'a fait grand plaisir, c'est un livre jeune, comme on ne le recrit plus avec tout les roueries; armes et ferveurs, très bien dans les détails – ils font avoir écrit tels livres pour se délivrer. La vieillesse arrive sans que nous l'invitions à venir avec les aimées et je suis sur que vous ne voyez plus le monde avec ces yeux ardents. J'ai appris beaucoup dans ce livre que je conserve comme un portrait de jeunesse de vous !

Excusez ces paroles hâtives. J'ai mille choses à faire avant de partir, entre autre de terminer mon livre sur le Brésil et la chaleur avait séché mon cerveau (et mouillé sont mon corps). Aujourd'hui, le premier jour de fraîcheur je vous encore ce petit mot. Vous entendrez de moi de Newjork.

Avec mille compliments à Madame Arciniegas. Votre

Stefan Zweig

Rio de Janeiro,

Meu caro Arciniegas, não lhe escrevi, sufocado pelo calor e na espera por uma resposta do meu editor americano que ainda não chegou. Enfim decidi, vou partir no dia 10 de janeiro para a Bahia e para o norte do Brasil, para fazer alguns estudos. De lá irei passar algum tempo em Nova Iorque, onde, no primeiro dia, irei à Viking Press. Escreverei imediatamente.

Seu livro da “Mesa rotonda” me agradou bastante, é um livro jovem, como não se escreve mais, com todas as astúcias; armas e fervores, muito bom nos detalhes – é preciso escrever esse tipo de livro para se libertar. A idade chega sem que nós a convidemos a vir, com os amores, e tenho certeza de que o senhor não vê mais o mundo com aqueles olhos ardentes. Aprendi bastante com esse livro que conservo como um retrato de sua juventude!

Perdoe-me essas palavras apressadas. Tenho mil coisas a fazer antes, entre outras, terminar meu livro sobre o Brasil, e o calor secou meu cérebro (e molhado está meu corpo). Hoje no primeiro dia fresco escrevo essa pequena carta. Você terá notícias minhas de Nova Iorque.

Com mil cumprimentos à Sra. Arciniegas. Seu

Stefan Zweig

¹⁰⁴ Trata-se da obra “El estudiante de la mesa redonda”, publicado em Madrid, pela editora Juan Pueyo, em 1932.

A carta, sem data, pode ser localizada no ano de 1940, entre outubro e dezembro, por ter sido escrita com o papel timbrado do “Hotel Central”, no Rio de Janeiro, e por se referir logo nas primeiras linhas à viagem à Bahia e ao norte do Brasil, que ocorreu em janeiro de 1941.

A carta se inicia com desculpas de Zweig por não ter escrito a Arceniegas; logo em seguida, ele apresenta alguns aspectos de ordem prática – datas e o cronograma para a viagem ao Brasil e aos Estados Unidos; Zweig faz ainda considerações sobre a obra do colombiano e mostra entusiasmo em seus comentários. Por fim, desculpa-se novamente e se despede. Dessa forma, os núcleos temáticos circulam entre a possibilidade de publicação da obra de Arceniegas nos Estados Unidos e os comentários de Zweig sobre as obras do colombiano, ainda desconhecido entre os leitores brasileiros e norte-americanos. Zweig mantém para com Arceniegas um discurso informal, mas também profissional, ao mostrar sua percepção da obra.

Assim que Zweig percebe a qualidade da obra de Arceniegas, ele entra em contato com seu editor Huebsch, nos Estados Unidos, para que eles possam publicar as obras do escritor colombiano e atingir um maior público leitor. O processo foi iniciado ainda quando Zweig estava no Brasil, em 1940:

[...] je ne vous ai pas écrit, [...] attendant encore un mot de mon éditeur Américain qui n’est pas encore arrivé. Enfin je me suis décidé, je partirai le 10. Janvier [...] je vais pour quelque temps a Newyork ou je verrais le premier jour la Viking Press. Je vous écrivais immédiatement.¹⁰⁵ (SZ – GA, Rio de Janeiro, 1940; LOMNÉ, 1995).

Como o tempo entre o envio e o recebimento da correspondência era longo, os processos e discussões tornavam-se demorados; todo o processo, desde os contatos com a editora até o início das traduções da obra de Arceniegas, ocorreu ao longo do ano de 1941, mas a Viking Press iniciaria a publicação dos livros de Arceniegas em inglês apenas após a morte de Zweig.

A admiração que Zweig sentia pela obra de Arceniegas parece ser ressaltada na carta em discussão, quando o austríaco comenta sobre a obra *Mesa Redonda*: “Votre livre de la

¹⁰⁵ “[...] não lhe escrevi, [...] na espera por uma resposta do meu editor americano que ainda não chegou. Enfim decidi, vou partir no dia 10 de janeiro [...]irei passar algum tempo em Nova Iorque, onde, no primeiro dia, irei à Viking Press. Escreverei imediatamente.”

‘Mesa redonda’ m’a fait grand plaisir, c’est un livre jeune, comme on ne le recrit plus avec tout les roueries; armes et ferveurs, très bien dans les details.”¹⁰⁶ (SZ – GA, Rio de Janeiro, 1940; LOMNÉ, 1995). Por ser uma obra de cunho histórico, para Zweig os detalhes eram de grande importância – detalhes estes que pareciam moldar a obra de Arceniegas.

A admiração de Zweig pela obra parece ainda vir também da força e da vivacidade que a juventude de Arceniegas deixaria transparecer em sua literatura. Nesse sentido, Zweig traça uma contraposição à velhice, que chegaria a todo homem e mudaria a percepção de mundo das pessoas:

La vieillesse arrive sans que nous l’invitons a venir avec les aimées et je suis sur que vous ne voyez plus le monde avec ces yeux ardents. J’ai appris beaucoup dans ce livre que je conserve comme un portrait de jeunesse de vous!¹⁰⁷ (SZ – GA, Rio de Janeiro, 1940; LOMNÉ, 1995).

O que restaria, segundo a percepção de Zweig, seriam apenas os retratos e as lembranças de uma fase viva e enérgica refletida na produção literária de jovens escritores, como foi o caso de Arceniegas. Além disso, parece haver conselhos da parte de Zweig ao amigo, que trazem um tom de nostalgia de sua juventude e dos tempos da realidade que viveu na década de 1940.

Esse sentimento de nostalgia que a obra de Arceniegas suscitou parece ter sido importante para a aproximação entre os escritores; seria uma forma de esperança em meio a um mundo destruído. Zweig conhece Arceniegas por intermédio de seu amigo e tradutor Alberto Cahn, em Buenos Aires, e as obras do colombiano logo o agradariam, como relata Lomné:

Zweig se passionna pour la théorie émise par Arceniegas selon laquelle Cervantès se serait inspiré de la vie du Conquistador de la Nouvelle-Grenade pour écrire celle du Don Quichotte. A l’époque, l’idée que Cervantès était un converso (un juif converti) commençait à se répandre. Zweig a pu percevoir dans le « Chevalier à triste figure » une sorte de transposition épique de l’archétype d’Ahasvérus, le juif errant. Mais, ce qui passionna le plus Zweig était qu’un personnage de chair ait pu l’incarner. N’avait-on pas également

¹⁰⁶ “Seu livro da ‘Mesa redonda’ me agradou bastante, é um livro jovem, como não se escreve mais, com todas as astúcias; armas e fervores, muito bom nos detalhes”.

¹⁰⁷ “A idade chega sem que nós a convidemos a vir, com os amores, e tenho certeza de que o senhor não vê mais o mundo com aqueles olhos ardentes. Aprendi bastante com esse livro que conservo como um retrato de sua juventude!”

émis l’hypothèse que Quesada, né à Cordoue, aurait été lui aussi un converso en raison de son ascendance ? La remarque a été faite qu’à la ville qui lui servit de base pour sa conquête du Haut Magdalena il donna le nom de : La Tora. Il est malaisé, à moins de retrouver l’exemplaire du livre annoté par Zweig, de savoir si l’auteur autrichien avait relevé ce dernier élément. Sans conteste, un Conquistador qui maniait la plume à l’égal de l’épée, et qui avait résolument choisi d’être au lieu d’avoir, méritait de figurer de plein droit au panthéon des grands héros de l’Esprit. [...]

Ajoutons que Zweig avait reconnu chez Arciniegas des mérites littéraires de nature identique aux siens : la clarté de l’exposition de la matière, la documentation exacte sans encombrement avec des détails superflus et ennuyeux, et surtout ce style animé qui vous a rendu un des maîtres incontestables de la prose espagnole d’aujourd’hui.¹⁰⁸ (LOMNÉ, 1997, p. 25).

Lomné (1997) elucida algumas razões pelas quais Zweig se interessa pelo trabalho de Arceniegas; o aspecto mais importante parece ser a questão da prosa histórica e da apresentação, de forma clara e pouco romantizada, de aspectos da história da conquista da América.

Escritos históricos agradavam bastante Zweig, por se aproximarem ao trabalho que ele realizava nas biografias de grandes personagens europeias – Maria Stuart, Maria Antonieta, Montaigne dentre outros.

Em suas cartas, Zweig também discute outros gêneros literários. A próxima carta, enviada a Wittkowski, provavelmente faz parte da coleção de cartas do último período de exílio de Zweig, em que o escritor viveu em Petrópolis:

<i>Lieber Herr Wittkowski, vielen Dank für die schönen Sonette – Sie lieben mit Recht Camões, wenn er auch dem Zeitgefühl sich</i>	<i>Caro Sr. Wittkowski, muito obrigado pelos lindos sonetos – O senhor ama Camões, com razão; embora ele se alinhe ao</i>
--	---

¹⁰⁸ “Zweig se apaixonou pela teoria de Arciniegas, segundo a qual Cervantes teria se inspirado na vida do Conquistador da Nova Granada para escrever seu Dom Quixote. Na época, a ideia de que Cervantes era um converso (um judeu convertido) começava a se espalhar. Zweig pode perceber no ‘Cavaleiro de semblante triste’ uma forma de transposição épica do arquétipo de Ahasvérus, o judeu errante. Mas o que mais apaixonou Zweig foi que uma personagem de corpo e alma poderia encarná-lo. Não haveria igualmente sido apresentado à hipótese que Quesada, nascido em Cordoue, que teria sido também um converso em razão de sua ascendência? A nota foi feita na cidade que servia de base para sua conquista do Alto Magdalena que ele daria o nome de ‘La Tora’. Ele fica doente, no tempo de devolver o exemplar do livro para Zweig, de saber se o autor austríaco havia percebido esse último elemento. Sem disputa, um conquistador que empunhou a caneta como a espada, e que havia resolutamente escolhido ser no lugar de ter, merecia figurar em pleno direito no panteão dos grandes heróis do Espírito. [...]

Acrescenta-se que Zweig reconheceu em Arciniegas os méritos literários de natureza idêntica à sua: a clareza de exposição da matéria, a documentação exata sem sobreposição de detalhes supérfluos e irritantes e sobretudo, esse estilo animado que fez do senhor um dos mestres incontestáveis da prosa espanhola de hoje.”

fügte, dass den Dichter immer als einen Klagenden sehen wollte, in Wahrheit schien er keinesweg moroser sondern sehr vehementer Natur gewesen zu sein. Ich lebe und arbeite hier in schönster Abgeschlossenheit, als Lektüre Goethe, Homer, Montaigne, Shakespeare, wodurch manches mir Entgangene wieder gegenwärtig und der schon etwas ausgedörrte Sinn für die deutsche Sprache auf das vielfältigste befruchtet wird. Alles Gute von Ihrem

Stefan Zweig

34 rua Goncalves Diaz

Petropolis

sentimento de seu tempo, que queria ver o poeta como alguém que se lamenta, na verdade, ele não parecia ser de modo algum melancólico, mas de natureza muito veemente. Vivo e trabalho aqui em perfeito isolamento, lendo Goethe, Homer, Montaigne, Shakespeare, por meio dos quais o que perdi torna-se novamente presente e o senso, já um pouco ressecado, para a língua alemã, é fertilizado das mais diversas formas. Lembranças de seu

Stefan Zweig

34 rua Goncalves Diaz

Petrópolis

A carta, como mencionado, não foi datada e a única referência é a indicação do endereço de Petrópolis ao final, de onde podemos inferir sua data aproximada: entre setembro de 1941 e fevereiro de 1942, período em que Zweig e Lotte residiram na cidade. Na carta, Zweig agradece os sonetos previamente enviados, em seguida reflete sobre a possibilidade de esses sonetos refletirem o tempo de guerra em que estavam vivendo; por último trata sobre sua vida na cidade serrana e se despede.

Wittkowski, além de escritor, trabalhava com tradução, em especial de poesia. Ao se exilar no Brasil, procura na literatura de língua portuguesa escritores que pudesse traduzir para o alemão, tanto para seu sustento quanto para manter viva entre os exilados sua língua materna, já que existia uma escassez de material literário em língua alemã no Brasil.

Ao ressaltar os sonetos de Camões, que foram enviados pelo jovem poeta e tradutor, Zweig faz uma breve análise sobre Camões e sua época:

Sie lieben mit Recht Camões, wenn er auch dem Zeitgefühl sich fügte, dass den Dichter immer als einen Klagenden sehen wollte, in Wahrheit schien er

keinesweg moroser sondern sehr vehementer Natur gewesen zu sein.¹⁰⁹ (SZ – VW, Petrópolis, 1941/1942; DLA, 64.417/2).

Os sonetos de Camões parecem ter chamado a atenção de Wittkowski, provavelmente por poder relacioná-los com a situação dos exilados. Apoiando-se, provavelmente, nas traduções recebidas, Zweig comenta no excerto acima destacado a questão da lamentação na poesia de Camões. A lamentação está muito próxima à melancolia, mas Zweig não vê os sonetos de Camões como melancólicos, ao contrário – trata-os como veementes e impetuosos. A oposição feita por Zweig em alemão entre “moroser” e “vehementer Natur” sugere também uma oposição entre uma natureza passiva e ativa, respectivamente; a lamentação de Camões estaria muito mais próxima de uma necessidade de atuação do que a lamentação de um sujeito passivo, que se contenta com a situação à sua volta.

Wittkowski, ao presentear Zweig com os sonetos de Camões, permite ao escritor austríaco adicionar à sua lista de leituras mais um clássico; Zweig comenta com o amigo que têm lido outros clássicos, de distintas épocas:

Ich lebe und arbeite hier in schönster Abgeschlossenheit, als Lektüre Goethe, Homer, Montaigne, Shakespeare, wodurch manches mir Entgangene wieder gegenwärtig und der schon etwas ausgedörrte Sinn für die deutsche Sprache aus das vielfältigste befruchtet wird.¹¹⁰ (SZ – VW, Petrópolis, 1941/1942; DLA, 64.417/2).

Além de viver e trabalhar isolado, em uma pequena casa na serra do Rio de Janeiro, Zweig apegava-se aos grandes clássicos da literatura mundial na tentativa de recuperar o ânimo para enfrentar sua situação como exilado e também recuperar suas forças de escrever em língua alemã.

A melancolia, Camões e a língua alemã também se cruzam na trajetória de Zweig em um momento distinto: o Ano Novo de 1941. O escritor austríaco envia a seus amigos e conhecidos um cartão postal desejando-lhes boas festas com uma estrofe e sua respectiva tradução de *Os Lusíadas* (SZ – BV; Petrópolis, 1941; DLA, 68.2882/2):

¹⁰⁹ “O senhor ama Camões, com razão; embora ele se alinhe ao sentimento de seu tempo, que queria ver o poeta como alguém que se lamenta, na verdade, ele não parecia ser de modo algum melancólico, mas de natureza muito veemente.”

¹¹⁰ “Vivo e trabalho aqui em perfeito isolamento, lendo Goethe, Homer, Montaigne, Shakespeare, por meio dos quais o que perdi torna-se novamente presente e o senso, já um pouco ressecado, para a língua alemã, é fertilizado das mais diversas formas.”

Rio, Ano Novo 1941
 No mar tanta tormenta e tanto dano,
 Tantas vezes a morte apercebida!
 Na terra tanta guerra, tanto engano,
 Tanta necessidade aborrecida!
 Onde pode acolher-se um fraco humano,
 Onde terá segura a curta vida,
 Que não se arme e se indigne o Céu sereno
 Contra um bicho da terra tão pequeno?

Weh, wieviel Not und Fährnis auf dem Meere
 Wie nah der Tod in tausendfalt Gestaltel!
 Auf Erden wieviel Krieg! Wieviel der Ehre
 Verhasst Geschäft! Ach dass nur eine Falte
 Der Weltballs für den Menschen sicher wäre,
 Sein bischen Dasein freundlich durchzuhalten,
 Indes die Himmel Wetterfern im Sturm.
 Und gegen wen? Den schwachen Erdenwurm!

Trad. Stefan Zweig

A estrofe escolhida por Zweig reflete (i) sua realidade de exílio e a sensação de não-pertencimento ao mundo: “Onde pode acolher-se um fraco humano,/Onde terá segura a curta vida”; (ii) a presença da guerra – que é moldada a partir de enganos e apenas traz destruição aos homens – no mundo dos homens: “Na terra tanta guerra,/ tanto engano”; (iii) a ira de Deus sobre os homens, que nada podem fazer contra ela: “Onde pode acolher-se um fraco humano,/ Onde terá segura a curta vida,/ Que não se arme e se indigne o Céu sereno / Contra um bicho da terra tão pequeno?”. Esses questionamentos, aparentemente mais presentes nos versos de *Os Lusíadas* escolhidos de Zweig, acompanhavam o escritor desde 1938, que transitava entre os países da América do Norte e do Sul, esquivando-se da guerra e das perseguições.

Na carta em análise, ainda não fica clara a melancolia que Zweig deixaria transparecer em relação à língua alemã nas últimas correspondências trocadas entre ele e Wittkowski, como já discutido tópico anterior. Na carta de dezembro de 1941, lamentação e melancolia se mesclam: “Welcher Heroismus von Ihnen, ins Deutsche zu übersetzen! Ich werde leider nie eine fremde Sprache je mir völlig, das heißt literarisch zu eigen machen können, am wenigsten Portugiesisch.¹¹¹ (SZ – VW, Petrópolis, 11/12/1941 , DLA 64.417/6 ; “Briefe 1932-1942”, p. 332). Nesse trecho, a falta que a língua alemã faz a Zweig torna-se

¹¹¹ “Que heroísmo o seu de traduzir para o alemão! Infelizmente nunca nenhuma língua estrangeira poderá me satisfazer para servir de meio literário, muito menos o português.”

aparentemente, insolúvel. Escrever é uma necessidade, uma forma de se encontrar no mundo, mas a partir do momento em que não é possível fazê-lo em sua língua materna, Zweig lamenta não ter a mesma coragem do amigo Wittkowski.

Zweig não via razão ou condições para sua geração escrever em língua alemã, e assim ele passa a se ver como alguém que pudesse apoiar jovens escritores e intermediar contatos entre eles e os editores. De um lado, Zweig correspondia-se com Victor Wittkowski, que passava por todas as dificuldades de um escritor exilado; de outro, havia a figura já citada de Gérman Arceniegas, jovem escritor também, mas que tinha um talento a ser mostrado. Zweig ajuda-o e, em carta de janeiro de 1942, apresenta sugestões de caminhos a serem trabalhados e seguidos pelo escritor colombiano:

EDITORA GUANABARA

132 Rua Ouvidor

Rio de Janeiro

PETROPOLIS, (Brasil

(34, Rua Gonçalves Dias)

le 22 janvier 1942

Muy querido amigo,

Je ne savais pas où répondre à votre lettre si cordiale et amicale, ne connaissant pas la durée de votre séjour dans l'Amérique du Nord. Hier enfin j'ai entendu par la chère Gabriela Mistral que vous êtes rentré en Colombie pour y occuper une position qui honore également vous et votre pays. Je vous félicite très sincèrement et j'espère que le jour viendra où je pourrai vous rendre visite et connaître votre pays autrement et mieux que par des livres.

J'ai reçu et lu avec le plus grand plaisir votre livre sur « Los alemanes en la Conquista de America » qui a toutes les

EDITORA GUANABARA

132 Rua Ouvidor

Rio de Janeiro

PETROPOLIS, (Brasil

(34, Rua Gonçalves Dias)

22 de janeiro de 1942

Muy querido amigo,

Não sabia para onde responder a sua carta tão cordial e amigável, não conhecendo a duração de sua estadia na América do Norte. Ontem enfim soube, pela cara Gabriela Mistral, que o senhor tinha retornado para a Colômbia para ocupar uma posição que honra igualmente ao senhor e a seu país. Felicito-o sinceramente e espero que chegue o dia em que poderei visitá-lo e conhecer seu país de outra forma e melhor do que pelos livros.

Recebi e li com grande prazer seu livro sobre “Los alemanes en la Conquista de America” que tem todos os méritos de

mérites de vos autres oeuvres, la clarté de l'exposition de la matière, la documentation exacte sans encombrement avec des détails superflus et ennuyeux, et surtout ce style animé qui vous a rendu un des maîtres incontestables de la prose espagnole d'aujourd'hui. J'espère que la Viking Presse le fera bientôt suivre à l'édition de Ximenes qu'elle prépare. Je suis sûr que vous avez pu prendre contact personnel avec mon ami Ben Huebsch de la Viking Press qui est non seulement un des hommes les plus cultivés de l'Amérique mais un ami sûr et un éditeur parfait.

De moi-même il n'y a pas trop à raconter. Une petite étude sur Vespucci « Americo Vespucio » va paraître le mois prochain à New York. Ce n'est pas un oeuvre scientifique et s'occupe très peu de géographie, mais un livre qui s'amuse à raconter tous les détours, erreurs et mystifications grâce auxquels l'Amérique a obtenu son nom. J'ai écrit un autre, une assez large autobiographie – non par un esprit de vanité personnelle mais par la conviction que l'époque qui est aussi l'époque de ma vie est absolument terminée et devenue historique et histoire avec cette seconde guerre mondiale, et que ceux qui survivront, appartiendront à un nouveau monde dont nous ne connaissons encore ni les lois ni les formes. Ils s'appellera probablement « Le Monde d'Hier » et j'espère pouvoir vous envoyer la traduction espagnole en quatre ou cinq mois. En outre je travaille à un petit Montaigne pour démontrer par sa figure que même dans les temps de fanatisme, de la guerre et de l'ideologie féroce, la liberté intérieure est possible pourvu qu'on a la force et la volonté de défendre ce « soy-même ».

suas outras obras: a clareza de exposição da matéria, a documentação exata, sem ser prolixo, com detalhes supérfluos e chatos, e sobretudo esse estilo animado que fez do senhor um dos mestres incontestáveis da prosa espanhola de hoje. Espero que a Viking Press publique em breve a edição de Ximenes que ela está preparando. Tenho certeza de que o senhor pode ter contato pessoal com meu amigo Ben Huebsch da Viking Press, que é não apenas um dos homens mais cultos da América, mas com certeza um amigo e um editor perfeito.

De mim, não há muito que contar. Um pequeno estudo sobre Vespúcio, “Américo Vespúcio”, será publicado no mês que vem em Nova Iorque. Não é uma obra científica e se ocupa muito pouco da geografia, mas um livro que conta todos os desvios, erros e mistificações graças às quais a América obteve seu nome. Escrevi outro, uma grande autobiografia – não por um espírito de vaidade pessoal, mas pela convicção de que a época, que é também a época de minha vida, está absolutamente terminada e se tornou histórica e história com essa Segunda Guerra Mundial; os que irão sobreviver pertencerão a um novo mundo, cujas leis e formas ainda não conhecemos. Ela se chamará provavelmente “Le Monde d’Hier” e espero poder lhe enviar a tradução espanhola em quatro ou cinco meses. Além disso, trabalho em um pequeno Montaigne para mostrar, por meio de sua figura, que mesmo em tempos de fanatismo, guerra e ideologia feroz, a liberdade interior pode ser fornecida por aqueles que têm força e vontade de defender esse “si mesmo”.

Não vi nada da Conferência no Rio. Vivemos uma vida absolutamente retirada,

Je n'ai rien vu de la Conférence à Rio. Nous vivons une vie absolument retirée loin de la ville, à Petropolis, et c'est seulement par la correspondance que je puis me réjouir du grand bienfait de l'amitié. Veuillez donner à Madame votre femme et à votre fille mes meilleurs souvenirs, et espérons que vos fonctions publiques ne nous priveront pas de l'écrivain et de l'artiste.

Votre sincèrement dévoué

Stefan Zweig

*Ex.mo Sr. German Arciniegas,
Ministerio de Educação,
Bogota, Colombia.*

longe da cidade, e é somente por correspondência que posso me alegrar da grande bênção da amizade. Mande, por favor, à senhora sua esposa e à sua filha minhas melhores lembranças e esperamos que suas funções públicas não o privem do escritor e artista.

Seu sinceramente devotado

Stefan Zweig

*Ex.mo Sr. German Arciniegas,
Ministerio de Educação,
Bogota, Colombia.*

A carta, datada de 22 de janeiro de 1942, um mês antes do suicídio do casal Zweig, apresenta um tom mais íntimo do que a primeira carta apresentada, por volta de um mês antes. Zweig inicia a carta agradecendo a correspondência recebida e parabenizando o escritor colombiano pelo cargo que viria a ocupar como Ministro da Educação; em seguida trata da obra recebida e dos trâmites de sua possível publicação nos Estados Unidos por intermédio da Viking Press; Zweig também relata sobre as obras que está escrevendo e que serão previamente publicadas – *Américo Vespúcio* e *Die Welt von Gestern*. Por fim, reforça seu isolamento em Petrópolis e pergunta sobre a família do colombiano. Percebe-se, assim, a construção de uma amizade constituída entre os escritores.

Alguns aspectos principais da carta devem ser discutidos: as descrições que Zweig faz da obra de Arciniegas e o relato das obras que estavam organizando e escrevendo. Sobre aquelas, destaca-se:

J'ai reçu et lu avec le plus grand plaisir votre livre sur « Los alemanes en la Conquista de America » qui a toutes les mérites de vos autres oeuvres, la clarté de l'exposition de la matière, la documentation exacte sans encombrement avec des détails superflus et ennuyeux, et surtout ce style animé qui vous a rendu un des maîtres incontestables de la prose espagnole d'aujourd'hui.¹¹² (SZ – GA, Petrópolis, 22/01/1942; LOMNE, 1995).

A obra enviada a Zweig, *Los alemanes en la Conquista de America*¹¹³, assim como a obra anterior, *El estudiante de la Mesa redonda*, discutida na primeira carta em análise deste tópico, tem cunho histórico, mesclando prosa e documentação histórica. Zweig tece novamente elogios sobre a estrutura da obra e o estilo do escritor colombiano, que trabalharia suas obras de forma clara, objetiva, mas mesclando ficção com os elementos históricos.

Zweig fala sobre a obra de Arceniegas de forma positiva, em oposição ao discurso sobre as próprias obras, que possui um tom melancólico. Zweig, dessa forma, inicia o relato de suas atividades pela obra *Americo Vespuccio*:

Une petite étude sur Vespucci « Americo Vespuccio » va paraître le mois prochain à New York. Ce n'est pas un oeuvre scientifique et s'occupe très peu de géographie, mais un livre qui s'amuse à raconter tous les détours, erreurs et mystifications grâce auxquels l'Amérique a obtenu son nom.¹¹⁴ (SZ – GA, Petrópolis, 22/01/1942; LOMNE, 1995).

Sabe-se da discussão entre geógrafos e historiadores sobre a origem do nome do continente “América”, que se torna romantizada no livro que Zweig chama de um “pequeno estudo”. Zweig tenta responder em seu estudo por que um continente inteiro recebeu o nome de um homem sem grandes conquistas e acaba por afirmar que o nome foi dado por uma sequência de erros na documentação das viagens e no desenvolvimento da cartografia na época. Mas o que chama a atenção de Zweig frente à figura de Vespúcio parece ser sua visão sobre o continente: “Américo Vespúcio foi certamente o primeiro a ser tocado pela metáfora do Paraíso terreal no panfleto *Mundus Novus* (1505) que inflamou a imaginação de tantos

¹¹² “Recebi e li com grande prazer seu livro sobre “Los alemanes en la Conquista de America” que tem todos os méritos de suas outras obras: a clareza de exposição da matéria, a documentação exata, sem ser prolixo, com detalhes supérfluos e chatos, e sobretudo esse estilo animado que fez do senhor um dos mestres incontestáveis da prosa espanhola de hoje.”

¹¹³ ARCENIEGAS, Gérman. “Los alemanes en la conquista de América”. Buenos Aires: Editorial Losada, 1941.

¹¹⁴ “Um pequeno estudo sobre Vespúcio, ‘Américo Vespúcio’, será publicado no mês que vem em Nova Iorque. Não é uma obra científica e se ocupa muito pouco da geografia, mas um livro que conta todos os desvios, erros e mistificações graças às quais a América obteve seu nome.”

européus, inclusive Thomas More [...]” (DINES, s/d). Zweig deseja, então, compartilhar com o escritor colombiano seus trabalhos e reflexões sobre essa figura de Vespúcio.

A carta demonstra que Zweig parece oscilar entre a preocupação histórica e a pessoal, e, assim, ele descreve sua autobiografia, texto provavelmente não terminado naquele momento:

J’ai écrit un autre, une assez large autobiographie – non par un esprit de vanité personnelle mais par la conviction que l’époque qui est aussi l’époque de ma vie est absolument terminée et devenue historique et histoire avec cette seconde guerre mondiale, et que ceux qui survivront, appartiendront à un nouveau monde dont nous ne connaissons encore ni les lois ni les formes. Ils s’appellera probablement ‘Le Monde d’Hier’¹¹⁵ (SZ – GA, Petrópolis, 22/01/1942; LOMNE, 1995).

Sua biografia se confunde com uma preocupação literária do autor e uma forma de testemunhar e relatar um mundo diferente do que os povos estavam vivendo naquele momento. Por diversas vezes é reiterada a ideia de que o mundo da época não é mais o ambiente e o contexto em que Stefan Zweig poderia viver. Nesse sentido, Zweig identifica-se com figuras e personalidades da história. Zweig parece ter encontrado em Camões uma primeira identificação, como discutido na carta a Wittkowski; na carta a Arceniegas em análise aparece uma segunda figura de identificação: Montaigne, sobre quem Zweig passou o último período de sua vida pesquisando e se aprofundando. Zweig explica o significado que a obra do pensador francês tem para ele; em especial admira como Montaigne via a questão da liberdade interior em tempos não pacíficos, como em que vivia:

En outre je travaille à un petit Montaigne pour démontrer par sa figure que même dans les temps de fanatisme, de la guerre et de l’idéologie féroce, la liberté intérieure est possible pourvu qu’on a la force et la volonté de défendre ce “soy-même”.¹¹⁶ (SZ – GA, Petrópolis, 22/01/1942; LOMNE, 1995).

¹¹⁵ “Escrevi outro, uma grande autobiografia – não por um espírito de vaidade pessoal, mas pela convicção de que a época, que é também a época de minha vida, está absolutamente terminada e se tornou histórica e história com essa Segunda Guerra Mundial; os que irão sobreviver pertencerão a um novo mundo, cujas leis e formas ainda não conhecemos. Ela se chamará provavelmente ‘Le Monde d’Hier’ [...]”

¹¹⁶ “Além disso, trabalho em um pequeno Montaigne para mostrar, por meio de sua figura, que mesmo em tempos de fanatismo, guerra e ideologia feroz, a liberdade interior pode ser fornecida por aqueles que têm força e vontade de defender esse ‘si mesmo’”.

Zweig admite que em tempos de guerra, quando o fanatismo e a ideologia eram algo bastante direto e incisivo, havia uma maior tendência para um afastamento tanto físico quanto psicológico, de forma que as pessoas ficariam alienadas em seu mundo. Contudo é diante dessa situação quase degradante para Zweig que a identificação com a figura de Montaigne se intensifica, em virtude de o pensador francês refletir sobre essa volta a si mesmo como forma de encontrar a liberdade interior.

4.3 Zweig em seu isolamento

Zweig, como se sabe, não foi o único escritor de ascendência judaica a se exilar no Brasil e nos Estados Unidos; vários foram os casos de exilados que chegavam de diferentes pontos da Europa e de distintas formas: pelo caminho de fuga dos Pirineus e o exílio com a ajuda do Vaticano (“cristãos novos”) foram duas formas bastante comuns na época. O sentimento de perda e de não-pertencimento ao local escolhido para o exílio é comum entre os exilados, cuja situação é de total desligamento de sua pátria, como define Said: “[O exílio] é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar”. (SAID, 2003. p. 46). Além disso, era necessária a adaptação à cultura e aos costumes locais onde se refugiavam. Izabela Kestler (2003, pp. 61-65) aborda as dificuldades que escritores exilados encontraram, principalmente aqueles que vieram para o Brasil, pois a fuga para os Estados Unidos era burocrática e lenta. Kestler cita problemas desde a adaptação com o idioma – já que a maioria não falava português – e a falta de estrutura na área de publicação, rádio e cinema.

Pensar a definição de Said é se aproximar da situação pela qual passava Zweig: o rompimento com sua terra natal significava um rompimento não apenas físico, mas também um afastamento com sua língua materna, a volta ao passado e a tentativa de moldar um futuro, incerto, mas esperançoso, como já discutido. O isolamento de Zweig nesse contexto emerge com o passar dos anos, intensificando-se nos últimos meses de vida do casal Zweig.

Zweig, conforme se observa nas cartas, decide pelo afastamento do mundo que o rodeava, isso incluía fatos relacionados à guerra e visitas e aparições públicas, em conferências ou reuniões. A atitude do escritor fortaleceu uma situação de isolamento na

cidade de Petrópolis e merece ser discutida pela sua complexidade e pelos elementos da correspondência que se referem à própria solidão e à guerra. Para tanto, foram escolhidas cartas a Abrahão Koogan, Victor Wittkowski e Berthold Viertel. A primeira carta do conjunto foi enviada a Abrahão Koogan em 1940:

[Teresopolis, undatiert]

Freitag [vermutlich 20. September 1940]

Lieber Freund, vor allem habe ich Ihnen herzlich zu danken für all die Mühe die Sie Sich für uns geben und die taktvolle und herzliche Art in der Sie alles für uns tun. Dank auch für den Rat Teresopolis. Es ist herrlich hier, arbeite ausgezeichnet und habe vor im Dezember vor Bahia für vierzehn Tage Arbeit noch einmal hierherzukommen.

Diese Arbeit gilt dem Brasilienbuch und ich glaube, es wird wirklich ein anständiges Buch – gerade das was für einen Ausländer nötig sein wird, um Brasilien zu verstehen und besser zu sehen. Ich bemühe mich so rechtschaffen wie möglich zu sein. Ein kleines Capitel wird betitelt sein: „Was ich nicht gesehen habe“ so daß Buch komplett ist und auch die Partien andeutet, für die mir der Augenschein fehlt.

Wir müssen jetzt einmal eine ruhige Stunde nehmen und auch das Praktische durchdenken. Meine Situation ist durch die Hitlerei und die Weltsituation so compliciert, daß ich im Augenblicke nicht weiß, ob ich einen Verleger für die deutsche und sogar für die französische Ausgabe haben werde (es ist möglich, daß Frankreich ähnlich wie Italien auf Befehl

[Teresopolis, sem data]

Sexta-feira [talvez 20 de setembro de 1940]

Caro amigo, sobretudo preciso lhe agradecer de coração todo o esforço que o senhor dedica a nós e a maneira cordial e amável com que faz tudo por nós. Obrigado também pelo conselho de Teresópolis. É lindo aqui, trabalho de forma excelente e pretendo voltar aqui mais uma vez, em dezembro, antes da Bahia, para catorze dias de trabalho.

Esse trabalho toca o livro sobre o Brasil e creio que será realmente um livro honesto – bem aquilo que será necessário para um estrangeiro entender e ver melhor o Brasil. Esforço-me para ser o mais honesto possível. Um pequeno capítulo será intitulado: “O que não vi” para que o livro esteja completo e também indique as partes sobre as quais me falta visão.

Agora devemos ter mais um período tranquilo e também pensar bem nas questões práticas. Minha situação ficou tão complicada com a hitlerada e a situação do mundo, que no momento não sei se encontrarei uma editora para a edição alemã e nem mesmo para a edição francesa (é possível que a França, assim como a Itália, impeça a publicação de

Hitlers die Publication jüdischer Autoren verhindert.) Deshalb möchte ich, falls Sie einverstanden sind, von vorneherein die Möglichkeit ins Auge fassen, daß die deutsche und französische Ausgabe gleichfalls bei Ihnen erscheint – allenfalls gemeinsam mit einem europäischen Verleger. Es hätte gewisse Vorteile das Buch während des Chaos in Europa hier in diesen Sprachen zu drucken, weil z. B. wenn wir es illustrieren wollen, sich die Herstellung durch die einheitlichen Clichés verbilligt. Die spanische Ausgabe würde in Buenos Aires erscheinen, die englische und amerikanische in jenen Ländern – auch da wäre vielleicht eine Doppelfirmierung möglich

All das wollen wir besprechen. Und zweitens: bereiten Sie, bitte, möglichst viel (durch Kosmos) an englischen, amerikanischen Verzeichnissen der Standard-Bibliotheken vor, damit wir eine Liste Ihrer Buchclubs machen können und ich mich durch tätige Mithilfe einigermaßen für die Güte revanchieren kann, die Sie uns hier so rührend hingebungsvoll erzeigt haben..

Herzlichst Ihr

Stefan Zweig

Viele Grüße an Frau und Kind!

Ich denke das Brasilien Buch als eine Art Handbuch für jeden Ausländer, der lieber kommt und deshalb sollte es handlich und nicht zu teuer sein.

autores judeus, por ordem de Hitler.) Por isso, gostaria de considerar desde o início, caso o senhor esteja de acordo, a possibilidade de que as edições alemã e francesa sejam ambas publicadas pela sua editora – talvez em associação a uma editora europeia. Haveria algumas vantagens se o livro fosse impresso aqui, nessas línguas, durante o caos na Europa, porque, por exemplo, se quiséssemos ilustrá-lo, a produção seria barateada por causa dos originais. A edição espanhola será lançada em Buenos Aires, a inglesa e americana em cada um desses países – também é possível que haja duas editoras.

Vamos conversar sobre tudo isso. E segundo: prepare, por favor, (através de Kosmos) tantos quantos possíveis catálogos ingleses e americanos das bibliotecas, para fazermos uma lista do seu Clube do Livro e eu possa retribuir, através de ajuda ativa, toda a bondade que o senhor nos tem mostrado aqui com comovente dedicação.

Cordialmente Seu

Stefan Zweig

Lembranças à esposa e à criança!

Penso o livro sobre o Brasil como uma espécie de guia para o estrangeiro, que prefira vir e por isso deve ser prático e não muito caro.

Lieber Herr Koogan!

Vielen herzlichen Dank für die pünktliche Erledigung aller der vielen Wünsche, die wir an Sie haben. Wir sind sehr glücklich, ein paar ruhige Arbeitstage in dieser wunderbaren Landschaft zu verbringen, und das danken wir im Grunde Ihnen, denn Stefan hätte nie die Ruhe, hier zu bleiben, wüsste er nicht, dass er sich in Bezug auf die Post und alle anderen Dinge ganz auf Ihre freundschaftliche Hilfe verlassen kann.

Mit vielen herzlichen Grüßen, auch an Ihre Frau und die Tochter,

Ihre

LotteZweig

Wir kommen Montag zurück – ich hoffe der Brief kommt vor uns an!

Caro Sr. Koogan!

Muito obrigada pela realização pontual de todos os pedidos que lhe fizemos. Estamos muito felizes em passar dias de trabalho tranquilos nessa terra maravilhosa e isso devemos sobretudo ao senhor, já que Stefan nunca teria paz para ficar aqui se ele não soubesse que pode contar com sua amigável ajuda com relação ao correio e a outras coisas.

Muitas cordiais lembranças, também à sua esposa e filha,

Sua

LotteZweig

Voltamos na segunda-feira – espero que a carta chegue antes de nós!

A carta de setembro de 1940 possui dois núcleos centrais: a escrita do livro sobre o Brasil e as possibilidades de publicação do mesmo livro no Brasil. Além disso, Zweig agradece toda a ajuda que o editor brasileiro tem dedicado a eles e reforça tal agradecimento no final da carta, ao tentar ajudar Koogan com o desenvolvimento de seu “clube do livro”. Outro aspecto dessa carta é a presença de um bilhete de Lotte ao final. Na correspondência com os amigos mais próximos de Zweig, é bastante comum observar bilhetes e recados de Lotte, o que mostra um vínculo maior – e não apenas profissional – entre o casal Zweig e os destinatários.

Zweig demonstra nessa carta uma necessidade de isolamento, não por questões que envolvessem a guerra, mas sim por questões profissionais: é no isolamento e na tranquilidade que ele consegue desenvolver seu trabalho. Além disso, alguns fatores fizeram-no escolher uma cidade serrana para passar uma pequena temporada (por volta de uma semana): a região

serrana do Rio de Janeiro aproximava-se ao clima europeu e à tranquilidade de Salzburg e Bath; além disso, havia uma concentração menor de pessoas, o que tornava a serra, para Zweig, um ambiente mais calmo para escrever e se concentrar em seus trabalhos. Tanto Zweig quanto Lotte demonstram essa preocupação:

[...] [ich] arbeite ausgezeichnet und habe vor im Dezember vor Bahia für vierzehn Tage Arbeit noch einmal hierherzukommen. (Stefan Zweig)

[...]

Wir sind sehr glücklich, ein paar ruhige Arbeitstage in dieser wunderbaren Landschaft zu verbringen, und das danken wir im Grunde Ihnen, denn Stefan hätte nie die Ruhe, hier zu bleiben, wüsste er nicht, dass er sich in Bezug auf die Post und alle anderen Dinge ganz auf Ihre freundschaftliche Hilfe verlassen kann.¹¹⁷ (Lotte Zweig) (SZ – AK, Teresópolis, 20/09/1940; BN, I-45, 9, 219; BECK; BERLIN, 2005, p. 286-287).

A preocupação de Zweig em 1940 ainda parece ser o trabalho, ele está concentrado em preparar as conferências a serem proferidas na América do Sul (que aconteceram no final de 1940), em organizar os primeiros estudos sobre o Brasil e dar continuidade à sua produção literária; nesse sentido Koogan parece incentivar o escritor em suas empreitadas.

Cabe discutir também a organização do livro sobre o Brasil. Zweig apresenta uma preocupação com dois pontos: o conteúdo e a edição do que viria a ser *Brasilien, ein Land der Zukunft*. Sobre o conteúdo de suas impressões sobre o Brasil, Zweig afirma:

Diese Arbeit gilt dem Brasilienbuch und ich glaube, es wird wirklich ein anständiges Buch – gerade das was für einen Ausländer nötig sein wird, um Brasilien zu verstehen und besser zu sehen. Ich bemühe mich so rechtschaffen wie möglich zu sein. Ein kleines Capitel wird betitelt sein: „Was ich nicht gesehen habe“ so daß Buch komplett ist und auch die Partien andeutet, für die mir der Augenschein fehlt.¹¹⁸ (SZ – AK, Teresópolis, 20/09/1940; BN, I-45, 9, 219; BECK; BERLIN, 2005, p. 286).

Percebe-se, por um lado, que a maior preocupação de Zweig não era escrever um livro que abarcasse o Brasil como um todo, mas sim apresentar suas impressões e percepções sobre

¹¹⁷ “[...]trabalho de forma excelente e pretendo voltar aqui mais uma vez, em dezembro, antes da Bahia, para catorze dias de trabalho. [...]Estamos muito felizes em passar dias de trabalho tranquilos nessa terra maravilhosa e isso devemos sobretudo ao senhor, já que Stefan nunca teria paz para ficar aqui se ele não soubesse que pode contar com sua amigável ajuda com relação ao correio e a outras coisas.”

¹¹⁸ “Esse trabalho toca o livro sobre o Brasil e creio que será realmente um livro honesto– bem aquilo que será necessário para um estrangeiro entender e ver melhor o Brasil. Esforço-me para ser o mais honesto possível. Um pequeno capítulo será intitulado: ‘O que não vi’ para que o livro esteja completo e também indique as partes sobre as quais me falta visão.”

os lugares que decidira visitar. A intenção do autor de apresentar que o Brasil possui outros locais, cidades, paisagens a serem vistas seria mantida na publicação final e reforçada pelo escritor:

O tempo é curto demais e os próprios conhecimentos parecem insuficientes. Valeria a pena mudar o trajeto da viagem? Subir esse rio largo até as regiões misteriosas, onde a natureza se revela ao homem em todos os seus poderes? [...] nunca conseguiremos medir nem um só palmo do Brasil? Não seria muita pretensão querer conhecer de primeira vez, em apenas uma viagem de alguns meses, um mundo que ainda não se conhece em suas próprias dimensões? Viajar pelo Brasil significa conhecer sempre coisas novas e ter que abrir mão, pois uma pessoa vê só uma parte, ninguém conhece o todo. Mas quem é sábio saberá sentir gratidão e resignar-se na hora certa: por esta vez, basta! (ZWEIG, 2006, pp. 247-248).

Por outro lado, a intenção de Zweig era publicar uma obra que fosse traduzida para outros idiomas ao mesmo tempo, ou seja, a publicação de *Brasilien, ein Land der Zukunft* deveria acontecer concomitantemente em alemão, inglês, francês, português e espanhol, em virtude de seu desejo de publicar não um simples ensaio, mas um guia de viagem do Brasil, como forma de um primeiro contato do estrangeiro com o país: “Ich denke das Brasilien Buch als eine Art Handbuch für jeden Ausländer, der lieber kommt und deshalb sollte es handlich und nicht zu teuer sein.”¹¹⁹. Para que a ideia do livro como um guia de viagem fosse concretizada, era necessário que a obra fosse traduzida em vários idiomas. A questão de encontrar tradutores para realizar o trabalho não lhe trazia problemas, pois suas obras já eram traduzidas nesses idiomas; contudo, ele já estava ciente da dificuldade que poderiam ter para encontrar editores para as versões alemã e francesa, devido ao bloqueio na Europa de publicação de autores judeus:

Meine Situation ist durch die Hitlerei und die Weltsituation so complicit, daß ich im Augenblicke nicht weiß, ob ich einen Verleger für die deutsche und sogar für die französische Ausgabe haben werde (es ist möglich, daß Frankreich ähnlich wie Italien auf Befehl Hitlers die Publication jüdischer Autoren verhindert.)¹²⁰ (SZ – AK, Teresópolis, 20/09/1940; BN, I-45, 9, 219; BECK; BERLIN, 2005, p. 287).

¹¹⁹ “Penso o livro sobre o Brasil como uma espécie de guia para o estrangeiro, que prefira vir e por isso deve ser prático e não muito caro.”

¹²⁰ “Minha situação ficou tão complicada com a hitlerada e a situação do mundo, que no momento não sei se encontrarei uma editora para a edição alemã e nem mesmo para a edição francesa (é possível que a França, assim como a Itália, impeça a publicação de autores judeus, por ordem de Hitler.)”

Desde 1933, Stefan Zweig era perseguido pelo governo de Hitler e já havia sido proibido de publicar suas obras na Alemanha. Por essa razão, deveria publicá-las em países denominados “neutros”, ou que ainda não haviam sido dominados pelo nazismo, como era o caso da Suécia e da Suíça. Com a invasão de Hitler à França, as tropas ocuparam o país e toda a política de Goebbels no *Reichsministerium für Volksaufklärung und Propaganda* fora implantada. Por essa razão, não se sabia se a versão francesa do livro sobre o Brasil poderia ser impressa e nem mesmo onde poderia ser feita.

Zweig mostra confiança no trabalho de Koogan no Brasil e propõe a possibilidade de diversas versões serem impressas no país pela editora do amigo, apontando as vantagens de realizar a impressão no Brasil. O único problema que Zweig aponta de a impressão ocorrer no Brasil é a questão tipográfica, em virtude de diferenças ortográficas entre as línguas. Tal ideia não foi concluída, já que Zweig conseguiu o contato com a editora Bermann-Fischer, com sede na Suécia, e com a editora Editions de la Maison Française, localizada em Nova Iorque.

Por fim, Zweig dispõe-se a ajudar o amigo editor com seu “Clube do Livro”, coleção que Koogan estava iniciando e era muito semelhante a que Zweig desenvolveu com a Editora Insel, chamada de Biblioteca “Mundi”: uma coleção de clássicos em sua língua original editados na década de 20, como descreve Gampert (2013, p. ?):

Zu Beginn des 20. Jahrhunderts hatte Schriftsteller Stefan Zweig die Idee zu einem Projekt, das er "Bibliotheca Mundi" nannte - eine Reihe, mit der er die Texte der Weltliteratur in Originalsprache herausbringen wollte. Was heute undenkbar klingt, war schon damals schwierig.¹²¹

Em pleno período de guerra, nesse caso a I Guerra Mundial, Zweig, com uma postura de escritor e tradutor cosmopolita, tem a preocupação de divulgar a literatura mundial, de forma que alemães e austríacos tivessem acesso a escritores renomados, como Stendhal, Balzac, Poe e Byron. Não se sabe ao certo quais foram os resultados do “Clube do Livro” de Koogan, mas se sabe que a Editora Guanabara foi uma das principais casas brasileiras a publicar tradução de escritores estrangeiros na década de 1930 e 1940.

¹²¹ “No início do século XX o escritor Stefan Zweig teve a ideia de um projeto que chamou de ‘Bibliotheca Mundi’ – uma série, na qual ele gostaria de publicar os textos da literatura mundial em seu idioma original. O que hoje parece impensável, era ainda mais difícil naquela época.”

Por fim, ressalta-se o comentário feito por Zweig sobre a situação da Europa na época: “Meine Situation ist durch die Hitlerei und die Weltsituation so complicit [..]”¹²² (SZ – AK, Teresópolis, 20/09/1940; BN, I-45, 9, 219; BECK; BERLIN, 2005, p. 287). Em seus textos e aparições públicas, Zweig procura ao máximo se esquivar de comentários que envolvessem política, afirmando por diversas vezes que detestava o tema. Porém, nessa passagem, ele utiliza um termo pejorativo sobre o governo alemão da época, “Hitlerei”. Tais comentários parecem ser pouco comuns em textos de Zweig; dentre as cartas coletadas, essa é a única vez que a expressão aparece. Há outras menções sobre Hitler e seu governo, como “Ja, Hitler und den Hitlerismus niederzuwerfen, darin sind wir uns einig, vollkommen einig – und bis zum Ende. Wir waren die Hitlergegner der ersten Stunde.”¹²³ (SZ – RR, Londres, 18/12/1939; SCHEWE *et alli*, 1987, p. 760), em carta a Romain Rolland de 18 de dezembro de 1939, com um tom ainda forte, mas menos pejorativo como aparece na carta de Koogan, um ano após a correspondência com Romain Rolland.

O avanço do partido nacional-socialista, o exílio e as dificuldades criadas pela guerra intensificam o desejo de Zweig de se isolar para se afastar de um mundo destruído. Nesse sentido, a necessidade de isolamento não se relaciona mais a uma vida tranquila, mas sim sem desilusões e desgraça. A carta a Wittkowski, em 29 de janeiro de 1942, destaca tal sentimento:

Lieber Herr Wittkowski, ich freue mich sehr, dass Ihre carta d'identidade endlich in Ihren Händen ist, diese kleinen Tracasserien stören die gestige Beschäftigung mehr als wir uns bewusst werden. Hoffentlich können wir bald Ihren Valéry zusammen durcharbeiten und das schöne Spiel der Goldwage der Worte pflegen. Meine Autobiographie ist, wie mir heute Bermann-Fischer schrieb, nach Schweden geflogen. Hoffentlich nicht unterwegs den Haifischen zur Beute – ich werde froh sein, sie in der eigenen Sprache

Caro Sr. Wittkowski, alegro-me muito que sua carteira de identidade esteja finalmente em suas mãos; esses pequenos tormentos perturbam a atividade intelectual mais do que percebemos. Tomara que possamos logo trabalhar juntos em seu Valéry e cuidar do belo jogo de pesar o ouro das palavras. Minha autobiografia foi enviada para a Suécia, como me escreveu hoje Bermann-Fischer. Espero que não seja presa para os tubarões – ficarei feliz em vê-la impressa na própria língua. De certa forma, já

¹²² “Minha situação ficou tão complicada com a hitlerada e a situação do mundo [...].”

¹²³ ““Sim, derrubar Hitler e o Hitlerismo, até o fim - nisso concordamos, concordamos totalmente. Nós fomos os primeiros opositores de Hitler.”

gedruckt zu sehen. Ich bin jetzt schon einigermaßen im Montaigne und finde grosses Vergnügen im Selbstwiederfinden in seiner Gestalt: in Bekenntnis zur Freiheit des innersten Ich bedeutet selbst Befreiung in dieser grauenhaften Zeit. Wie schön, dass Sie lesen, dass Sie arbeiten können, treu sich selbst, treu der Tradition, die mit der Sprache von den Lippen bis ins Blut gedrungen ist, unauslösbar trotz allem und allem; ah, Bücher, Bücher, hätte man diese nicht, man wäre verloren und Sie tuen recht, Altes zu revidieren, da so wenig Neues zu uns gelangt. Alles Herzliche und schönste Grüss. Ihr

Stefan Zweig

Mir hilft sehr, dass der grösste lebende Montaignekenner, Fortunat Strowski, jetzt in Petropolis ist – welche seltsame, deutsche Schicksalsfügung und, zweiter Zufall, Dr. Ernst Feder, der frühere Chefredacteur des Berliner Tageblatt hat hier als einzigen Rest seiner Bibliothek die beste komplette Ausgabe – ist dies nicht ein Wink der Ermutigung von oben?

estou em Montaigne e encontro grande prazer em me reconhecer na sua figura: o compromisso com a liberdade do eu mais profundo significa até mesmo libertação nesse tempo cruel. Que bom que o senhor pode ler e trabalhar, fiel a si mesmo, fiel à tradição, que entra, com a linguagem, dos lábios até o sangue, indissolúvel apesar de tudo e todos; ah, livros, livros, se não os tivéssemos, estaríamos perdidos e o senhor faz bem em visitar o que é antigo, já que tão pouca novidade chega a nós. Minhas melhores saudações. Seu

Stefan Zweig

Ajuda-me muito que o maior conhecedor de Montaigne, Fortunat Strowski, esteja agora em Petrópolis – que estranha reviravolta do destino, e segundo acaso, o Dr. Ernst Feder, o ex-chefe redator do Berliner Tageblatt tem aqui a melhor edição completa, como único remanescente de sua biblioteca – esse não é um sinal de encorajamento do alto?

Essa carta não está datada, mas consta a data de 29 de janeiro de 1942 no selo do envelope. No entanto, algumas evidências permitiriam inferir que a carta tenha sido escrita no período entre o final do ano de 1941 e início de 1942. A primeira é a referência ao envio do manuscrito da autobiografia para a Suécia –, já que se sabe que a autobiografia foi a última obra escrita por Zweig, e foi publicada postumamente, em 1942. Há ainda a referência a Fortunat Strowski, especialista em Montaigne, que foi visitar Zweig em janeiro de 1942, em suas férias da Universidade do Brasil, onde ministrava aulas desde 1939 (Cf. DAVIS; MARSCHALL, 2010, p. 203).

Zweig inicia a carta comentando questões burocráticas e, em seguida, trata de aspectos do trabalho literário – a obra de Wittkowski sobre Valéry, a publicação de sua autobiografia e o trabalho com Montaigne –; ao final reflete rapidamente sobre seu isolamento e comenta a visita de duas figuras importantes: Fortunat Strowski e Ernst Feder.

Nessa carta, Zweig refere-se novamente à biografia de Montaigne, cujo esboço já estava sendo escrito. Para isso, a presença de Strowski em Petrópolis e seu encontro com Zweig foram muito importantes, principalmente para os estudos de Zweig sobre o intelectual francês. Zweig fala do trabalho sobre Montaigne como uma experiência positiva e revigorante frente a seu sentimento de prisão, de não ver saída para as mazelas da guerra:

Ich bin jetzt schon einigermaßen im Montaigne und finde grosses Vergnügen im Selbstwiederfinden in seiner Gestalt: in Bekenntnis zur Freiheit des innersten Ich bedeutet selbst Befreiung in dieser grauenhaften Zeit.¹²⁴ (SZ – VW, Petrópolis, 29/01/1942; DLA, 64.417/9).

Estudiosos da obra de Zweig afirmam (Cf. DINES, 2011; PRATER, 2010) que ele se identifica com a figura de Montaigne por reconhecer nela uma esperança frente a sua situação e a de seu país. Em carta a Berthold Viertel, de 28 de outubro de 1941, Zweig relata sua percepção sobre a figura de Montaigne:

[...] meine Hauptfreunde ist Montaigne – Sie kennen das Phänomen, wenn man einen Autor, den man lau genossen, genau in dem Augenblick findet, in den er gehört – ein Meister und Lehrer der Resignation und des Rückzugs auf sich selbst.¹²⁵ (SZ - BV; 28/12/1941; DLA 69.2882/3; in FRIEDENTHAL, 1978, p. 336).

Percebe-se de forma clara uma aproximação entre Zweig e o autor francês, cuja figura lhe transmite um sentimento de resignação e, ao mesmo tempo, liberdade interior.

O desejo de não saber o que acontecia na Europa, nem as notícias da guerra, mantinham o casal longe, inclusive, de jornais. Mesmo que Zweig permanecesse um pouco isolado em Petrópolis, recebia visitas de pessoas mais próximas, como foi o caso de Fortunat Strowski e Ernst Feder. Mas para que pudesse continuar a escrever suas obras, Zweig

¹²⁴ “já estou em Montaigne e encontro grande prazer em me reconhecer na sua figura: o compromisso com a liberdade do eu mais profundo significa até mesmo libertação nesse tempo cruel.”

¹²⁵ “[...] meu melhor amigo é Montaigne – O senhor conhece o fenômeno de quando um autor, de que pouco se aproveita, novamente encontra-se no momento, ao qual ele pertence – um mestre e professor da resignação e do recuo em si mesmo.”

necessitava de uma boa biblioteca, com livros em língua alemã ou francesa, o que não era possível no Brasil, pois a maior parte dos livros que se encontravam na Biblioteca Nacional e nas livrarias brasileiras estava escrita em português. Nesse sentido, a visita de Fortunat Strowski o ajudou muito, pelo seu conhecimento e pelas obras que tinha em sua posse:

Mir hilft sehr, dass der grösste lebende Montaignekenner, Fortunat Strowski, jetzt in Petropolis ist – welche seltsame, deutsame Schicksalsfügung und, zweiter Zufall, Dr. Ernst Feder, der frühere Chefredacteur des Berliner Tageblatt hat hier als einzigen Rest seiner Bibliothek die beste komplette Ausgabe – ist dies nicht ein Wink der Ermutigung von oben?¹²⁶ (SZ – VW, Petrópolis, 29/01/1942; DLA, 64.417/9).

A presença de Fortunat Strowski e Ernst Feder foi de muita importância para Zweig. Segundo Kestler, entre 1941 e 1942, Zweig acabou por conviver com artistas exilados que chegavam ou passavam pelo Brasil: “Durante toda a sua última estada no Rio de Janeiro, Zweig se viu cercado apenas por outros refugiados como ele, como por exemplo, Ernst Feder, Fortunat Strowski, Victor Wittkowski” (ROVEDO, ano?; KESTLER, 2006, p. 7). Além disso, na década de 1940, Strowski foi convidado a ministrar aulas de literatura francesa na Faculdade Nacional de Filosofia, no Rio de Janeiro (cf. FÁVERO, PEIXOTO, ano?; SILVA, 1991, pp. 66-67), em virtude de seus estudos e publicações sobre Montaigne, ocasião que originou as visitas à casa do escritor austríaco em Petrópolis.

Segundo Dines, a visita de Strowski a Zweig foi organizada por Afonso Arinos, diplomata e escritor conhecido do crítico francês. Provavelmente a visita foi oferecida a Zweig em algum encontro com o diplomata, em 1941. De tal encontro resta apenas uma carta de agradecimento de Zweig¹²⁷, encaminhada em dezembro de 1941, com um convite para Arinos visitar o casal em Petrópolis. Além disso, Zweig reconhece a ajuda do brasileiro e, dias antes de seu suicídio, envia a Afonso Arinos uma cópia de seu esboço sobre Montaigne.

Outra visita de extrema importância ao casal Zweig foi a de Ernst Feder, que estava passando suas férias no Brasil, longe dos acontecimentos da Europa. Feder, assim como Strowski, o auxiliou no trabalho sobre Montaigne, pois deixou com Zweig a edição completa,

¹²⁶ “Ajuda-me muito que o maior conhecedor de Montaigne, Fortunat Strowski, esteja agora em Petrópolis – que estranha reviravolta do destino, e segundo acaso, o Dr. Ernst Feder, o ex-chefe redator do Berliner Tageblatt tem aqui a melhor edição completa, como único remanescente de sua biblioteca– esse não é um sinal de encorajamento do alto?”

¹²⁷ Localizada no arquivo da Academia Brasileira de Letras.

e provavelmente em alemão, de Montaigne à sua disposição para que ele pudesse dar continuidade à biografia do francês.

Zweig parece encontrar apoio e motivação na literatura ou um impulso para trabalhar e até mesmo viver. Nesse sentido, o isolamento permite que Zweig volte ao passado, ao mundo dos clássicos, para que possa esquecer sua realidade e reviver o mundo de grandes escritores, como Goethe, Shakespeare e Montaigne.

Na carta em análise, Zweig também retoma o trabalho literário desenvolvido com Wittkowski. Para este, o escritor austríaco parece ter um papel mais importante do que o de um crítico: ele também é um guia e mestre na arte da escrita. O trabalho a que Zweig se refere na carta em questão: “Hoffentlich können wir bald Ihren Valéry zusammen durcharbeiten und das schöne Spiel der Goldwage der Worte pflegen”¹²⁸ (SZ – VW, Petrópolis, 29/01/1942; DLA, 64.417/9), era a tradução de Paul Valéry para o alemão, na qual Wittkowski estava trabalhando. Ao se referir à tradução Zweig enfatiza o belo trabalho de Wittkowski com as palavras:

Hoffentlich können wir bald Ihren Valéry zusammen durcharbeiten und das schöne Spiel der Goldwage der Worte pflegen.
[...]
Wie schön, dass Sie lesen, dass Sie arbeiten können, treu sich selbst, treu der Tradition, die mit der Sprache von den Lippen bis ins Blut gedrungen ist, unauslösbar trotz allem und allem.¹²⁹ (SZ – VW, Petrópolis, 29/01/1942; DLA, 64.417/9)

Não existe efetivamente a construção de uma discussão literária nessa carta em análise, mas sim um lamento de que, diferente do que acontece com Wittkowski, Zweig não tenha mais coragem de tomar para si uma língua cujo governo tem destruído nações. Por esse motivo, por mais que ele continuasse a escrever em alemão – afinal Zweig escreve nessa época três grandes obras, *Montaigne*, *Balzac* e *Schahnovelle* – seu sentimento de desgosto e desilusão frente ao seu mundo se refletiria também na língua, já que ela permite recordar e reviver o que vinha acontecendo na Europa. O isolamento de Zweig, assim, vai além da

¹²⁸ “Tomara que possamos logo trabalhar juntos em seu Valéry e cuidar do belo jogo de pesar o ouro das palavras.”

¹²⁹ “Tomara que possamos logo trabalhar juntos em seu Valéry e cuidar do belo jogo de pesar o ouro das palavras. [...] Que bom que o senhor pode ler e trabalhar, fiel a si mesmo, fiel à tradição, que entra, com a linguagem, dos lábios até o sangue, indissolúvel apesar de tudo e todos;”

questão do exílio – estar em uma pequena cidade serrana – e significa também distância da língua materna, que era a única fonte de produção literária para Zweig.

A situação de isolamento de Stefan Zweig, como pode ser observada nas duas cartas, é algo que vai se desenvolvendo conforme os anos se passam e, nesse sentido, o escritor se depara com uma situação de exílio cada vez mais difícil. O auge dessa situação é o período que se aproxima de fevereiro de 1942, representado aqui pela carta de Berthold Viertel, de 30 de janeiro de 1942:

Petropolis (Brasil) 30. I. 1942

34 rua Gonsalves Dias

My dear friend, it is a long time I did not hear from you and I am still expecting your poems. Are they printed already and how is this getting of with Hermann Neißes poems? I know nothing what happens in literature and also about the world events not more than the radio and the newspapers tell me. You know how I always hated the easy and self-complacent optimism and we who understand how hard the struggle will be how much of our own life and world will be consumed in these bitter years have to remain upright; the hope to see Hitler crushed is the only reward this world has still to give to us and the only thing I am really longing for. I heard that you stage your play - my best wishes and by the way: by chance I had opportunity to read an forgotten play of Jacinto Benevente the great Spanish dramatist “La Malquerida” and was surprised by its dramatic strength. It has somewhat of the great lines and impetuosity of the Greek drama and is Freudian before Freud; you should try to get a translation of it by some dramatic

Petrópolis (Brasil) 30/ I/ 1942

34 rua Gonsalves Dias

Meu caro amigo, faz tempo que não ouço notícias suas e ainda espero seus poemas. Eles já foram impressos e como está o processo com os poemas de Hermann Neißes? Não sei de nada do que acontece na literatura e também sobre os eventos mundiais, não mais do que o rádio e os jornais me dizem. Você sabe como eu sempre odiei o otimismo fácil e auto-complacente e nós, que entendemos como vai ser difícil a luta e quanto da nossa própria vida e mundo serão consumidos nestes anos amargos, temos que permanecer eretos; a espera de ver Hitler esmagado é a única recompensa que este mundo ainda tem a nos dar e a única coisa que realmente desejo. Ouvi que você encenou sua peça - meus melhores votos e, a propósito: por acaso eu tive a oportunidade de ler uma peça esquecida de Jacinto Benevente¹³⁰, o grande dramaturgo espanhol de “La Malquerida” e fiquei surpreso com sua força dramática. Há um pouco das grandes linhas e da impetuosidade do drama grego e é

¹³⁰ Jacinto Benevente (1866, Espanha —1954, Espanha)

agent. It would be a tremendous success* [* a revival after 20 or 30 years!] and contains the most beautiful roles - it would be a real rediscovery! I myself write a book of Montaigne "L'homme libre" – the champion of inner freedom in a times of ours, suffering the same despair but remaining juste and wise by this fanatisme of freedom (missing and designing all exterior timely success.) Then I have written a actual long short story, my autobiography will be published in Sweden by Berman and in U.S. by our friend Huebsh. But all what I am doing is lacking "pep" – I wrote only not to get melancholic or mad. My misfortune in this time is what was my strength once – to see clear and very far ahead, not to lie to myself and not to betray myself and others by illusions and phases. The life of our generation is reeled, we have no power to influence the course of events and no right to give advices to the next generation having failed in ours. You remembered surely ours tales – all what happens now will perhaps be helpful to the next or the over next generation, but not more to ours and those of us who went quietly away were perhaps the wisest; they had a round life while we will hang over like shadows of ourselves. In art courage and faith has an enormous part; those who are not becoming with belief have not the power to enthusiasm the others – they can remain excellent critics and wise spectators, they may perhaps write valuable notes on the corner of the book of life, but the real book will be written by others – Now about life hear; my personal existence is as solitary and anonymous as possible. I read a good freudiano antes de Freud; você deveria tentar arrumar uma tradução dele com algum agente de dramaturgia. Seria um enorme sucesso * [* Um renascimento depois de 20 ou 30 anos!] e contém os mais belos papéis – seria uma verdadeira redescoberta! Eu mesmo escrevi um livro sobre Montaigne, "L'homme libre" – o campeão da liberdade interior em um tempo como o nosso, sofrendo do mesmo desespero, mas permanecendo justo e sábio pelo seu fanatismo da liberdade (desaparecendo e projetando todo sucesso exterior oportuno.) Então, estou escrevendo uma novela longa e atual¹³¹, minha autobiografia será publicada na Suécia pela Berman e nos EUA pelo nosso amigo Huebsh. Contudo, em tudo que estou fazendo falta vigor – Escrevi apenas para não ficar melancólico ou louco. Meu infortúnio neste tempo é o que foi um dia minha força – ver claramente e muito a frente, não mentir a mim e não trair a mim mesmo e aos outros com ilusões e frases. A vida de nossa geração está cambaleando, não temos o poder de influenciar o curso dos eventos e não temos o direito de aconselhar a próxima geração, se falhamos na nossa. Você certamente se lembra de nossos contos – tudo o que está acontecendo agora talvez seja útil para as gerações seguintes, mas não mais para a nossa e aqueles de nós que discretamente se afastaram, talvez tenham sido os mais sábios; eles tiveram uma vida mundana enquanto nós vamos cair como sombras de nós mesmos. Nas artes, fé e coragem têm

¹³¹ Zweig se refere à *Schachnovelle*, última obra completa do autor.

deal and mostly classical works, I do some work and have started also a novel but left it, feeling for the moment the incognivity to describe isolated events which are only partly connected with our times. I wish I could write poems like you – but who can give his full measure while his thoughts are wandering from Singapore to Libya and Russia?

Now dear friend, remember that I am not living like you with the nourishment of intelligent talk and friendly discussions, that letters mean still something in a Brazilian village and the appearance of the postman becomes “the” event of the day. It is like in the first times of my youth and everything reminds me here of the times of fathers and grandfathers, the kitchen stove which is heated with wood and fanned by the black servant, the bath which has to be prepared with hot water, the kindness and naivety of the people, the simplicity in all things – it is for me a strange adventure after having gone through all cities to return in such forms of life; we like it both and there is no more agreeable country now than Brazil, what we miss are books, friends of our intellectual size, a concert

um papel enorme; aqueles que não as tomam como crença, não têm o poder de entusiasmar os outros – eles podem se tornar excelentes espectadores críticos e sábios, podem talvez escrever notas valiosas nas margens do livro da vida, mas o livro real será escrito por outros – Agora sobre a vida aqui; minha existência pessoal é tão solitária e anônima quanto possível. Estou lendo uma boa quantidade de livros e principalmente clássicos, faço algum trabalho e comecei também um romance, mas o abandonei, sentindo que é inconveniente para o momento descrever eventos isolados que estão apenas parcialmente conectados com o nosso tempo. Gostaria de poder escrever poemas como você – mas quem pode dar uma medida à sua queda enquanto seus pensamentos estão vagando de Singapura à Líbia e Rússia?

Agora caro amigo, lembre-se de que não estou vivendo como você com o alimento de conversas inteligentes e discussões amigáveis, de que cartas ainda significam algo em uma cidade brasileira e o aparecimento do carteiro se torna “o” evento do dia. É como no tempo da minha juventude e tudo me lembra aqui dos tempos de pais e avós, o fogão da cozinha que é aquecido com lenha e emoldurado pela criada negra, o banho que tem que ser preparado com água quente, a bondade e inocência do povo, a simplicidade em todas as coisas – é para mim uma estranha aventura depois de ter passado por todas as cidades, retornar a tal forma de vida; ambos gostamos daqui e não há país mais agradável que o Brasil, o que

and a contact with the literary events. I hope your family is together in Hollywood, I heard somewhat of a success of your son – you have at least the satisfaction to continue in your own blood and not this feeling like me that there is nothing which really keeps be back than indifference and “laisser aller”. At a certain age one pays for the luxury not to have had children – and my other children, my books, where are they? Many have died before me, many are inaccessible and they speak other languages than I did. And now I have written three pages, which would have made before a lot of money, and hope to hear from you and finally to get your book of poems! Yours old and sincere friend

StefanZweig

sentimos falta são dos livros, amigos de porte intelectual, um concerto e contato com eventos literários. Espero que sua família esteja reunida, em Hollywood, ouvi algo sobre o sucesso do seu filho – pelo menos você tem a satisfação de continuar em seu sangue e não tem o sentimento de que não há nada que realmente traz de volta além de indiferença e “laisser aller”. Em certa idade, paga-se pelo luxo de não ter tido filhos – e minhas outras crianças, meus livros, onde eles estão? Muitos morreram antes de mim, muitos estão inacessíveis e falam outras línguas que eu falava. E agora escrevi três páginas, que antes dariam muito dinheiro e espero ter notícias suas e finalmente ter seu livro de poemas! Seu velho e sincero amigo

StefanZweig

A carta de janeiro de 1942 enviada a Berthold Viertel é uma das mais longas cartas no corpus e bastante rica em temas. Essa carta apresenta várias reflexões sobre a situação de exílio, os problemas causados pela guerra e suas consequências para as gerações futuras, o isolamento no qual vivia Zweig e sua vida em uma pequena cidade no interior do Brasil.

Zweig reflete com bastante intensidade sobre a questão de gerações e estabelece uma contraposição entre sua geração e as próximas: existe, em seu discurso, a culpa de sua geração, a qual teria falhado e permitido que o mundo fosse destruído:

I wrote only not to get melancholic or mad. My misfortune in this time is what was my strength once – to see clear and very far ahead, not to lie to myself and not to betray myself and others by illusions and phases. The life of our generation is reeled, we have no power to influence the course of

events and no right to give advices to the next generation having failed in ours.¹³² (SZ – BV, Petrópolis, 30/01/1942; DLA, 69.2882/4).

Se a geração à qual pertence não conseguiu impedir que o mundo entrasse em guerra e houve tamanha destruição, não há por que eles tentarem alcançar a geração futura; não só: a geração passada não teria o direito de tentar influenciar a geração futura. Assim, Zweig traz a culpa da guerra para sua geração.

A carta demonstra que Zweig apresenta um estado melancólico e um desejo de isolamento que o faz se distanciar do processo de escrita. Tais reflexões são consequência do sentimento de não pertencimento ao mundo, recorrente na correspondência com amigos europeus e exilados, como já discutido anteriormente. Além disso, no discurso de Zweig, nessa carta, não se nota nenhum tom de esperança; ao contrário, a única referência a uma motivação de continuidade, de se manter presente é também destruição: “[...] the hope to see Hitler crushed is the only reward this world has still to give to us and the only thing I am really longing for.”¹³³ (SZ – BV, Petrópolis, 30/01/1942; DLA, 69.2882/4). Essa não é a única passagem na qual Zweig deseja ver a queda de Hitler, mas é uma das únicas passagens em que isso se torna sua única motivação.

A reclusão, por decisão do casal, em uma pequena cidade é abordada desde o início dessa carta a Viertel; Zweig relata ao amigo três aspectos distintos que caracterizam sua vida em Petrópolis:

I know nothing what happens in literature and also about the world events
[...]

my personal existence is as solitary and anonymous as possible.
[...]

remember that I am not living like you with the nourishment of intelligent talk and friendly discussions, that letters mean still something in a Brazilian village and the appearance of the postman becomes “the” event of the day.¹³⁴
(SZ – BV, Petrópolis, 30/01/1942; DLA, 69.2882/4)

¹³² “Escrevi apenas para não ficar melancólico ou louco. Meu infortúnio neste tempo é o que foi um dia minha força – ver claramente e muito a frente, não mentir a mim e não trair a mim mesmo e aos outros com ilusões e frases. A vida de nossa geração está cambaleando, não temos o poder de influenciar o curso dos eventos e não temos direito de aconselhar a próxima geração, se falharmos na nossa”.

¹³³ “[...] a espera de ver Hitler esmagado é a única recompensa que este mundo ainda tem a nos dar e a única coisa que realmente desejo.”

¹³⁴ “Não sei de nada do que acontece na literatura e também sobre os eventos mundiais [...] minha existência pessoas é tão solitária e anônima quanto possível. [...] lembre-se de que não estou vivendo como você com a

O isolamento de Zweig é composto de três diferentes núcleos: distanciamento das notícias que abalam o mundo, isolamento de pessoas e de eventos com grande exposição pública e distanciamento e perda do contato com o mundo literário, a citar obras, escritores e amigos. Tal situação se torna possível pelo escritor estar em uma pequena cidade, afastada da capital e cujos costumes e tradições remontam aos tempos antigos.

Além disso, tal isolamento desenvolve-se como uma forma de distanciamento da destruição da guerra, que não traz um futuro melhor, mas sim um futuro repleto de ódio, que carrega todas as consequências da destruição causada pelos países. Nesse sentido Zweig retoma novamente a figura de Montaigne:

I myself write a book of Montaigne “L’homme libre” – the champion of inner freedom in times of ours, suffering the same despair but remaining juste and wise by this fanatisme of freedom (missing and designing all exterior timely success.)¹³⁵ (SZ – BV, Petrópolis, 30/01/1942; DLA, 69.2882/4)

Percebe-se que Zweig encontra uma forma de liberdade em meio a todas as privações pelas quais tem passado nos últimos anos – a liberdade interior. Por mais que a guerra esteja se aproximando, que existam impedimentos aos exilados na Europa e nos Estados Unidos, que ele não possa mais escrever e publicar em sua língua materna, ainda existe uma forma de encontrar paz e se sentir livre, ou seja, sua liberdade interior.

O reconhecimento de Zweig na figura de Montaigne parece lhe trazer uma forma de paz, a partir de seu conceito de liberdade interior. Para Montaigne, a liberdade parte da solidão: ele expressa a necessidade de se afastar da comédia do mundo, de todos os encargos e compromissos e de voltar-se para si mesmo (Cf. RAMOS, 2007). Para Zweig existem duas vertentes importantes em Montaigne: o isolamento e a forma com que ele encara seu tempo de violência e guerra:

Seul celui qui, dans le bouleversement de son âme, est contraint de vivre une époque où la guerre, la violence, la tyrannie des idéologies menacent la vie

nutrição de conversas inteligentes e discussões amigáveis, de que cartas ainda significam algo em um cidade brasileira e o aparecimento do carteiro se torna “o” evento do dia.

¹³⁵ “Eu mesmo escrevi um livro sobre Montaigne, “L’homme libre” – o campeão da liberdade interna em um tempo como o nosso, sofrendo do mesmo desespero, mas permanecendo justo e sábio pelo seu fanatismo da liberdade (desaparecendo e projetando todo sucesso exterior oportuno.)”.

même de chacun et, dans cette vie, sa substance la plus précieuse, la liberté de l'âme, peut savoir combien il faut de courage, de droiture, d'énergie, pour rester fidèle à son moi le plus profond en ces temps où la folie s'empare des masses. Il faut d'abord avoir soi-même douté et désespéré de la raison, de la dignité de l'homme, pour pouvoir louer l'acte exemplaire de celui qui reste debout dans le chaos du monde. [...] Ce n'est que quand le destin nous rendit frères que Montaigne m'apporta son aide, sa consolation, son amitié irremplaçables ; que son destin en effet est désespérément semblable au nôtre.¹³⁶ (ZWEIG, 1982, pp. 13-14; 17)

Da mesma forma que Zweig se isola em Petrópolis, Montaigne retira-se para a biblioteca de seu castelo para poder se libertar. É a desilusão perante a sociedade que faz com que ambos procurem o afastamento, e tanto Montaigne quanto Zweig voltam-se para a leitura de clássicos – para Montaigne, dos clássicos greco-romanos e para Zweig, Goethe, Shakespeare, dentre outros –, que permitem uma reflexão interior.

O final da carta a Viertel traz um sentimento de melancolia e desilusão. Zweig trata de dois aspectos: a questão de descendência e suas perdas ao longo do exílio. Zweig, de fato, faz uma breve reflexão sobre sua vida: a falta de descendentes não permite, na percepção do autor, que seu legado seja continuado; todo seu trabalho terminaria assim que ele morresse, sem que ninguém pudesse dar continuidade a ele.

Sobre suas perdas, Zweig lamenta seus livros que ficaram em Salzburg e em Bath, onde não lhe eram mais acessíveis: “Many have died before me, many are inaccessible and they speak other languages than I did”¹³⁷ (SZ – BV, Petrópolis, 30/01/1942; DLA, 69.2882/4).

A perda torna-se uma constante nos últimos anos de vida de Zweig, o que lhe faz lastimar a morte de vários amigos: “how many friends have I lost in the last year, Max Hermann Neißé¹³⁸, the good Erwin Rieger¹³⁹, Ernst Weiss¹⁴⁰ and nobody has heard more from

¹³⁶ “Apenas aquele que, nas mudanças de seu ânimo, é restringido de viver em uma época onde a guerra, a violência, a tirania das ideologias ameaçam a vida se qualquer um e, nessa vida, sua substância mais preciosa, a liberdade interior, pode saber quanta coragem, justiça, energia para ser profundamente fiel à si mesmos nesses tempos onde a loucura se apodera das massas. É necessário, primeiro, ter dúvida e desespero da razão, dignidade do homem, para poder conceder o ato exemplar daquele que permanece em pé no caos do mundo. [...] Somente quando o destino nos fez irmãos que Montaigne me trouxe sua ajuda, sua consolação, sua amizade insubstituíveis; seu destino é, de fato, desesperadamente parecido com o nosso”.

¹³⁷ “Muitos morreram antes de mim, muitos estão inacessíveis e falam outras línguas que eu falava.”

¹³⁸ Max Hermann-Neißé (1886, Alemanha – 1941, Londres) foi um escritor alemão participante da corrente expressionista, exilado entre 1933 e 1941 na Suíça, Holanda e Inglaterra.

¹³⁹ Erwin Rieger (1889, Viena – 1940, Tunísia) foi um escritor e tradutor austríaco, que se exiliou na França e na Tunísia; conheceu Stefan Zweig em 1918 na Suíça.

Scheyer since years.”¹⁴¹ (SZ-VF, Nova Iorque; 26/5/1941; DLA, 62.324/294). A falta de uma descendência que desse continuidade a seu legado e a perda de pessoas de seu círculo parecem intensificar a melancolia de Zweig.

Nesse sentido, pode-se resgatar as formas de isolamento de Zweig: afastamento da língua materna, para sua produção literária; aproximação com à figura de Montaigne; distanciamento dos meios públicos, das aparições e conferências; falta de acompanhamento dos eventos mundiais e, em especial, dos que aconteciam na Europa. Pode-se inferir, contudo, que esse conjunto de elementos que as cartas trazem está ligado a uma tentativa de retomada do passado por parte de Zweig.

A retomada de elementos do passado caminha junto com o desejo de isolamento de Zweig, já que o principal objetivo do autor de se isolar é se afastar dos acontecimentos e da destruição que ocorrem na Europa e, principalmente, em seu lar.

¹⁴⁰ Ernst Weiss (1882, Alemanha – 1940, Paris) foi médico e escritor judeu, ajudado ao longo de sua carreira por Franz Kafka, Thomas Mann e Stefan Zweig.

¹⁴¹ “quantos amigos perdi no ultimo ano: Max Hermann Neißé, o bom Erwin Rieger, Ernst Weiss e ninguém tem tido notícias de Scheyer há anos.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho iniciou com o objetivo de entender, por meio da correspondência de Zweig, sua rede de relações com personalidades e intelectuais brasileiros, mas, ao longo da pesquisa, percebeu-se que as cartas de Zweig escritas entre 1940 e 1942 não mostravam claramente a constituição de uma rede menor de relações com brasileiros e maior com europeus, latinoamericanos e exilados, abordavam questões mais densas, relativas ao exílio e à produção literária de Zweig e permitiam a observação de aspectos de sua vida pessoal e profissional.

As cartas pesquisadas puderam elucidar caminhos e escolhas do escritor austríaco enquanto exilado no continente americano. O primeiro aspecto intrigante para a pesquisa foi o fato de que a obra de Zweig mais famosa sobre o Brasil, *Brasilien, ein Land der Zukunft*, não ter sido escrita em sua totalidade no país, em virtude de dois fatores. Em primeiro lugar, porque foi uma decisão de Zweig realizar a viagem pelo nordeste brasileiro e em seguida voltar para os Estados Unidos, em virtude da maior aproximação com editores e tradutores que realizariam o trabalho de edição do ensaio no exterior e da possibilidade de pesquisar e trabalhar na biblioteca de uma das mais renomadas universidades norte-americanas, a Universidade de Yale. Em segundo lugar, porque Zweig percebe que no Brasil havia uma escassez de livros em francês e alemão sobre o país.

Além disso, no início da pesquisa também intrigava a grande repercussão mundial das obras de Zweig, em especial de *Brasilien, ein Land der Zukunft*, e de sua simultânea tradução para outras línguas. As pesquisas realizadas mostraram que, embora atualmente o escritor austríaco não seja tema de uma grande quantidade de estudos na academia, Zweig era considerado um dos maiores escritores na década de 1920 e 1930; sua popularidade decresce na década de 1940 devido ao exílio.

A coleta da correspondência de Zweig permitiu observar também a ampla rede de contatos que o escritor mantinha na época: Thomas Mann, Viktor Fleischer, Victor Wittkowski, Abraão Koogan, Friderike Zweig, Siegfried Bürger, German Arceniegas, Claire Goll, dentre tantos outros. Contudo percebeu-se, na leitura desse grande corpus coletado, uma desaceleração no ritmo da correspondência conforme se passavam os anos de exílio; na

correspondência do período entre 1939 e 1942 fica claro que Zweig perde contato com conhecidos e amigos, e a distância se torna uma constante em sua vida: “It is hard to get so little news about all the friends and the family we have not yet had a single letter from home.”¹⁴² (LZ - VF, Nova Iorque, 22/07/1940, DLA 62.324/290)

Além de possibilitar a reconstituição da rede de relações de Zweig no período de exílio, suas cartas permitiram constatar que a correspondência se constituía como uma das únicas formas de contato do autor com os eventos que aconteciam na Europa e com outros exilados. Nos Estados Unidos, em virtude do grande fluxo de europeus, havia ainda a possibilidade de saber das notícias por meio dos encontros com amigos e outras figuras importantes na vida do escritor; mas, quando retorna ao Brasil, Zweig se distancia dos fatos e dos encontros pessoais, e as cartas ganham peso maior como fonte de informação.

A pesquisa e a análise permitiram constatar também que Zweig tinha construído no Brasil uma rede de relações tanto com brasileiros (Abrahão Koogan, Afonso Arinos de Mello Franco, Jaime Chermont, Caio Melo Franco, Iolanda Melo Franco, Afrânio Peixoto), quanto com exilados (Victor Wittkowski) e estrangeiros (Gabriela Mistral, Ernst Feder, Fortunat Strowski, Gérman Arceniegas, Afonso Catá). A pesquisa reconstruiu uma parte dessas relações a partir de leituras de textos biográficos e das análises da correspondência, pois não foram encontradas – com exceção de Afonso Arinos de Mello Franco, Victor Wittkowski, Abrahão Koogan e Gérman Arceniegas – cartas trocadas entre Zweig e a família Melo Franco e outras personalidades acima citadas. Como apoio inicial utilizaram-se também as biografias especializadas de Zweig, a citar Dines (1981; 2010), Bona (2010) e Prater (2010).

Entender a carta como um documento que contém, ao mesmo tempo, referências externas, ausências e lacunas, que revela fatos, situações do cotidiano, percepções de mundo e relações estabelecidas foi de extrema importância para que se pudesse recriar o contexto de exílio de Zweig.

A riqueza da correspondência analisada de Zweig reside também no fato de que pode ser observada a constituição de discursos distintos, a depender do destinatário a quem Zweig fala: o discurso a amigos e familiares europeus exilados é mais denso do que para seu editor brasileiro e para o escritor colombiano. Independentemente de a carta possuir um tom formal ou mais íntimo, observou-se que as cartas a Thomas Mann, Viktor Fleischer, Victor

¹⁴² “É difícil ter poucas notícias sobre todos os amigos e a família; não recebemos ainda nenhuma carta de casa.”

Wittkowski, Berthold Viertel apresentam, em todos os casos, reflexões e lamentos sobre a guerra e suas consequências.

As cartas analisadas demonstraram ainda a continuidade do cultivo de uma “arte da carta” para Zweig: observou-se uma preocupação de Zweig em manter uma estrutura interna (saudação, agradecimento, discussão/relato e despedida) em suas cartas, o que reforça o trabalho estilístico realizado em sua correspondência. Além disso, Zweig parece se preocupar em constituir nas cartas uma voz cujos ouvintes seriam seus amigos-destinatários que estariam dispostos a ouvir o silêncio de suas cartas; o mundo teria se tornado muito mais barulhento e acelerado, mas mesmo assim a carta manteria seu ritmo único.

O trabalho pode constatar que a trajetória de exílio de Zweig é caracterizada pela interrelação de passado, presente e futuro. A relação entre o passado e o futuro constitui-se a partir de uma reflexão sobre o presente: o exílio, a política do governo alemão, as destruições da guerra. Zweig, enquanto escritor, apresenta duas situações distintas: (i) em momentos de desilusão e desespero, não se identifica mais com o que ele chama de nova geração, entende que seus leitores não existem mais e, por isso, não vê uma razão pela qual ele deva escrever; (ii) quando se refere à sua autobiografia, ressalta a necessidade de dar um testemunho da sua época ao mundo, já que a nova geração não terá mais a referência de seu tempo; daqui emerge a necessidade de documentar por escrito o que viveu. Zweig, enquanto exilado, vê um possível futuro de esperanças em um país onde, para ele, não há guerra. Em seu discurso, a esperança do escritor e do exilado, contudo, parece se diluir e assim, a volta ao passado é intensificada; passado no qual Zweig reconhece seu público e onde não há governos ditatoriais e totalitários.

O passado é retomado constantemente no discurso de Zweig, tanto ao se referir a um paralelo com o futuro quanto ao desenvolvimento da situação de isolamento: a situação presente – guerra, exílio e perseguição – faz com que cresça o sentimento de não-pertencimento ao mundo no qual vivia. Assim, a relação com um futuro esperançoso se dilui em seu discurso. O que se vê, portanto, nas últimas cartas do escritor, a partir do final de 1941, é a imagem de um futuro onde tudo e todos são conduzidos pelo ódio e pela frieza que a guerra deixaria.

Mesmo diante de sua desilusão e falta de confiança no mundo, Zweig continua a publicar obras e se preocupa com a divulgação de textos de amigos e conhecidos. Em termos de publicação, as cartas mostram a ajuda que Zweig oferecia a escritores amigos e

conhecidos, como ocorreu com Gérman Arceniegas, Viktor Fleischer e Victor Wittkowski; também revelam as tentativas de mediação de Zweig junto aos editores, para que a obra desses jovens escritores fosse conhecida e ganhasse mercado nos Estados Unidos.

Quanto à publicação de seus livros, as cartas possibilitam ainda um olhar sobre a direção que as últimas obras de Zweig tomam, em especial *Brasilien, ein Land der Zukunft*, *Die Welt von Gestern* e as biografias de Montaigne e Balzac, que não chegaram a ser concluídas: o primeiro livro apresenta um caráter de idealização bastante intenso; o segundo, possui um tom mais testemunhal, de relato – Zweig deseja mostrar que há a possibilidade de se viver em um país em paz, sem guerra; ao fim de sua trajetória, Zweig apegava-se a duas grandes personalidades da história europeia: Balzac e Montaigne. As cartas demonstram uma maior aproximação de Zweig com a figura de Montaigne, que defendia a liberdade interior em tempos de guerra. Assim, em um momento em que Zweig era privado de seus bens, do retorno para casa, da publicação em sua língua materna, é em sua liberdade interior que ele traça a trajetória de seus últimos meses de vida.

As cartas permitiram a observação de que Zweig se aproxima da figura de Montaigne como uma forma de identificação da única liberdade que lhe era possível, e assim, revelam uma gradação na condição de isolamento. Esse isolamento inicia a partir da necessidade de Zweig de viver no passado, que o permitia se distanciar do presente, e caminha para o isolamento físico, quando o casal Zweig decide morar na serra fluminense e distancia-se dos meios públicos, das aparições e conferências, dos eventos mundiais e em especial dos europeus.

A densa correspondência de Stefan Zweig constitui-se ainda como um grande campo de pesquisa; é possível trabalhar de forma individual, entre um destinatário e um remetente, bem como traçar as relações entre elas. O presente estudo abordou apenas três recortes, entendidos como imprescindíveis para o entendimento da condição de Zweig como exilado, contudo muitos outros aspectos podem ser abordados e estudados a partir do rico corpus que as cartas constituem.

REFERÊNCIAS

ANZ, Thomas (org). **Handbuch Literaturwissenschaft**. Stuttgart/ Weimar: J.B. Metzler, 2007, v.2.

AZEVEDO, Raul de. **Vida e morte de Stefan Zweig**. Rio de Janeiro: Aspectos, 1942.

BECK, Knutt; BERLIN, Jeffrey. **Stefan Zweig Briefe 1932-1942**. Frankfurt: Fischer S., 2005.

BENDA, Julies. **A traição dos intelectuais**. São Paulo: Peixoto Neto, 2007.

BONA, Dominique. **Stefan Zweig: l'ami blessé**. Paris: Grasset, 2010.

BOURDIEU, Pierre. "A Influência do Jornalismo" In: _____. **Sobre a Televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1997.

BROD, Max. "Erinnerung an Stefan Zweig." In: ARENS, Hanns (org). **Stefan Zweig: im Zeugnis seiner Freunde**. Viena: Langen Müller, 1968, pp. 80-186.

CANADIAN Encyclopedia. Edmonton: Hurting, 1988, vol. 4.

CARVALHO, José Murilo de. *A Academia Brasileira de Letras: subsídios para sua História (1940-2008)*. Rio de Janeiro: ABL, 2009.

CHAUÍ, Marilena de Souza. **Experiência do pensamento: ensaios sobre a obra de Merleau-Ponty**. São Paulo: Martins Fontes, 2002

CLEMENTE, Elvo (org). **Integração: artes, letras e história**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

CORRÊA, Sérgio Nepomuceno Alvim. **Orquestra Sinfônica Brasileira: uma realidade a desafiar o tempo 1940-2000**. Rio de Janeiro: Funarte, 2004.

DAVIS, Darin J.; MARSHALL, Oliver (org). **Stefan and Lotte Zweig's South American letters: New York, Argentina and Brazil, 1940-42**. New York: Continuum, 2010.

DIAZ, Brigitte. **L'épistolaire ou la pensée nomade**. Paris: PUF, 2002.

DIMAS, Antonio. "Um jardimzinho enganoso". **Blickwechsel XI Aleg-Kongress**, 2003, v. 1, pp. 104-111.

DINES, Alberto. **Morte no paraíso: a tragédia de Stefan Zweig**. Rio de Janeiro: Rocco, 1981.

_____. "Estevão Ramos na mídia brasileira: últimos encontros e desencontros de Stefan Zweig com a imprensa da capital". *Blickwechsel*, XI Aleg-Kongress, v. 1, pp. 116-119, 2003.

_____. *Tod im Paradies: die Tragödie des Stefan Zweig*. Frankfurt: Büchergilde, 2010.

ECKL, Marlen. **A busca de uma nova orientação no exílio**. Out. 2008; Disponível em: <http://www.casastefanzweig.com.br/sec_texto_view.php?id=57> Acesso em 20 jun. 2013.

FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque; PEIXOTO, Maria do Carmo de Lacerda; SILVA, Ana Elisa Gerbasi da. "Professores estrangeiros na Faculdade Nacional de Filosofia, RJ." **Cad. Pesq. São Paulo**, 78, ago 1991, pp. 59-71. Disponível em <educa.fcc.org.br/pdf/cp/n78/n78a06.pdf> Acesso em 20 jun. 2013

FEDER, Ernst. "My last conversations with Stefan Zweig". **Books Abroad**, vol. 17, no. 1, 1943, pp. 2-9. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/40083108>>. Acesso em 10 jan. 2010.

FRIEDENTHAL, Richard. **Stefan Zweig: Briefe an Freunde**. Frankfurt: S. Fischer, 1978.

FRANCO, Afonso Arinos Melo. **A alma do tempo: formação e mocidade**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1961.

_____. “Revelação de Stefan Zweig”. In: _____. **O espírito e a ação: ensaios inéditos**. Rio de Janeiro, ABL, 2005.

FRIEDENTHAL, Richard. **Zeit und Welt: gesammelte Aufsätze und Vorträge 1904 – 1940**. Estocolmo: Bermann-Fischer, 1946.

FRÜHWALD, Wolfgang; VAJDA, Petar. “Vier Briefe an Emil Ludwig“. **Österreich in Geschichte und Literatur**, n.14, 1970, pp. 86-94.

GAMPERT, Christian. **Bibliotheca Mundi**. 2013. Disponível em <<http://www.dradio.de/dlf/sendungen/kulturheute/1503835/>> Acesso em 20 jun. 2013.

GRIN, Monica. “Modernidade, identidade e suicídio: o judeu Stefan Zweig e o mulato Eduardo de Oliveira e Oliveira”. **Topoi**, Rio de Janeiro, dez. 2002, pp. 201-220.

GUSDORF, Georges. **Les écritures du moi : lignes de vie 1**. Paris: Éditions Odile Jacob, 1991.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. **L'épistolaire**. Paris, Hachette, 1995.

HEYER, Astrid. “Suicide in the fiction of Georges Bernanos and Stefan Zweig: the death of two female adolescents”. **Christianity and Literature**, 2007, p. 1-10.

JONAS, Klaus W. “Stefan Zweig und Thomas Mann: Versuch einer Dokumentation.“ **Modern Austrian literature: a journal devoted to Austrian literature and culture**, n.14, vl.3/4, 1981, p. 99-135,

KAUFMANN, Vincent. **L'equivoque épistolaire**. Paris: Éditions de Minuit, 1990.

KESTLER, Izabela Maria Furtado. **Exílio e literatura: escritores de fala alemã durante a época do nazismo**. São Paulo: EDUSP, 2003.

KESTLER, Izabela Maria Furtado. “Stefan Zweig, Brasil, e o Holocausto”. **Estudios Interdisciplinarios de America latina y el Caribe**. Vl. 3, n° 2, jul.-dez. 1992. Disponível em : <http://www.tau.ac.il/eial/III_2/kestler.htm> Acesso em 20 jun. 2013.

KLAWITTER, Randolph J. (org). **Stefan Zweig: an international bibliography**. Riverside/Califórnia: Ariadne Press, 1991.

KUSCHEL, Karl-Josef; MANN, Frido; SOETHE, Paulo A. **Mutterland: die Familie Mann und Brasilien**. Düsseldorf: Artemis & Winkler, 2009.

LAFAYE, Jean-Jacques. **Una vida de Stefan Zweig: nostalgias europeas**. Barcelona: Alrevés, 2009.

LEJEUNE, Philippe. **Pour l'autobiografie**. Paris: Seuil, 1998.

LESSER, Jeffrey. **Welcoming the Undesirables: Brazil and the Jewish question**. Berkeley/EUA: University of California Press, 1995

LEVINE, Robert M. **Father of the poor? Vargas and his era**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

LOMNE, Georges. **Le chevalier d'El Dorado: suivi d'une correspondance inédite entre l'auteur et Stefan Zweig**. Montpellier: Espaces 34, 1995.

_____. “Le renoncement à l’utopie sud-américaine”, **Magazine littéraire**, fev, 1997, n° 351.

MANN, Golo. “Der Brief in der Weltliteratur“. In: **Jb Deutsche Akademie für Sprache und Dichtung Darmstadt**, 1975, pp. 77-99.

MILGRAM, Avraham. **Os judeus do vaticano**. Rio de Janeiro: Imago, 2002

MORTREUIL, Hélène. “Ethique et esthétique”. **Europe: revue littéraire mensuelle**, nº 8, 1995, p. 55-60.

NEVES, Luiz Felipe Baeta. “Para uma teoria da carta – Notas de pesquisa”. In: _____. **As máscaras da totalidade totalitária: memória e produção sociais**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988, pp.191-195.

NEVEU, Erick. **Sociologia do jornalismo**. São Paulo: Loyola, 2006.

PRATER, Donald; MICHELS, Volker. **Stefan Zweig: Leben und Werk im Bild**. Frankfurt: Insel Verlag, 2006.

_____. **European of yesterday: a biography of Stefan Zweig**. Teaneck/EUA: Holmes & Meier, 2010.

PRUTSCH, Ursula; ZEYRINGER, Klaus. *Die Welten des Paul Frischauer: ein literarischen Ebenteuer im historischen Kontext – Wien-London-Rio-New York-Rio*. Wien: Böhlau, 1997.

RAMOS, Silvana de Souza. “O vigor crítico da sagesse montaigniana”. **Cadernos espinosanos**, São Paulo, n. XVII, jul. – dez. 2007, pp. 80-91.

RINSER, Luise. “Der Brief des Schriftstellers”. **Jb Deutsche Akademie für Sprache und Dichtung Darmstadt**, 1975, pp.107-112.

ROCHA, Clara Crabbé. **Máscaras de Narciso: estudos sobre a literatura autobiográfica em Portugal**. Porto: Almedina, 1992.

ROVEDO, Salomão; KESTLER, Izabela Maria Furtado. **Stefan Zweig: pensamentos e perfis**. Rio de Janeiro: s/e, 2006. Disponível em: <http://www.livrosgratis.com.br/arquivos_livros/ea000171.pdf> Acesso em 20 jun. 2013.

SAID, Edward. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. São Paulo: Schwarz, 2003.

SCHWABORN, Ingrid. “Stefan Zweig, Getúlio Vargas und Brasilien”. **Blickwechsel, XI Aleg-Kongress**, v. 1, pp. 120-132, 2003.

SCHEWE, Eva; SCHEWE, Gerhard; GERSCH, Christel; SCHWARZE, Waltraud. **Stefan Zweig und Romain Rollan: Briefwechsel 1910-1940**. Berlin: Rütten & Loening, 1987.

SCHMID, Irmtraut. “Was ist ein Brief? zur Begriffsbestimmung des Terminus Brief als Bezeichnung einer quellenkundlichen Gattung“. **Editio**, v. 2, 1988, pp. 1-7.

SILVA, Deonísio da. **Suicídio, assassinato coletivo**. mar. 2008, ed. 478. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/suicidio_assassinato_coletivo> Acesso em 20 jun. 2013.

STEIMAN, L. B., “The agony of humanism in World War I: the case of Stefan Zweig”, **Journal of European Studies**, jun. 1976, p.100-125.

STOOSS-HERBERTZ, Adelaide Maristela. *Xeque-mate no país do futuro: Stefan Zweig e o exílio no Brasil*. Universidade Federal do Paraná, Mestrado em Letras, 2001.

_____. “Os leitores e as leituras da obra de Stefan Zweig no Brasil.” **Fênix – Revista de História e Estudos Culturais**, abr., mai., jun. 2007, Vol. 4, Ano IV nº 2. Disponível em: <<http://www.revistafenix.pro.br>> Acesso em 20 jun. 2013.

_____. *O espaço brasileiro e as (im)possibilidades utópicas nas obras de Stefan Zweig e Hugo Loetscher*. Universidade Federal do Paraná. Doutorado em Letras, 2009.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo, porque as notícias são como são**. V.1 Florianópolis: Insular. 2005.

VIERTEL, Berthold. "Abschied von Stefan Zweig," In ARENS, Hanns. **Stefan Zweig Im Zeugnis seiner Freunde**. Munique: Langen-Müller 1968, pp. 195-201.

ZWEIG, Stefan. **Zeit und Welt: Gesammelte Aufsätze und Vorträge 1904-1940**. Estocolmo: Bermann-Fischer, 1946.

_____. "Dank an Brasilien". In: FRIEDENTHAL, Richard (org). *Stefan Zweig Zeit und Welt: gesammelte Aufsätze und Vorträge*. Frankfurt: Fischer, 1946.

_____. **Encontro com homens, livros e países**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1953.

_____. **Begegnung mit Menschen, Büchern, Städten**. Frankfurt: Fischer, 1955.

_____. "Die Kunst des Briefes". **Blätter der Internationalen Stefan-Zweig-Gesellschaft**, n. 15, Viena, jan. 1963, pp. 8-9.

_____. **Die Welt von gestern**. Frankfurt: Fischer, 1975.

_____. **Tagebuch**. Frankfurt: Fischer, 1984.

_____. **Montaigne**. Paris: Quadrige, 1982.

_____. **O mundo que eu vi**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

_____; ZWEIG, Friderike. **Wenn einen Augenblick die Wolken weichen**. Frankfurt: S. Fischer, 2006.

_____. **Brasilien, ein Land der Zukunft**. Frankfurt: Insel Verlag, 2009.

ANEXOS

CARTAS COLETADAS NO DLA, MARBACH – ALEMANHA

De: Stefan Zweig

Para: Siegfried Burger

Local: Rio de Janeiro

Data: 22/08/1940

Mídia: manuscrito

A:Zweig - 75.795/1

Característica: papel com impressão do Hotel Paysandú: PAYSANDÚ HOTEL / FLAMENGO à esquerda; End. Teleg.: “Paysandú” / Tel (Rede Particular) 25-7270 / 23, Rua Paysandú à direita; sem indicação de data; assina apenas “Stefan”; 1 página; em alemão; Contém Envelope

Publicação: não

De: Stefan Zweig

Para: Siegfried Burger

Local: Rio de Janeiro

Data: 1940

Mídia: manuscrito

A:Zweig - 75.795/3

Característica: papel com logo da “American Republics Line” e do S.S. Argentina; abaixo da assinatura está anotado com a letra de Stefan “Hotel Paysandu”; sem indicação de data; assina “Stefan Zweig”; 1 página; em alemão

Publicação: não

De: Stefan Zweig

Para: Siegfried Burger

Local: Rio de Janeiro

Data: 11/09/1940

Mídia: manuscrito A:Zweig - 75.795/4

Característica: papel com logo da “American Republics Line” e do S.S. Argentina, rabiscado; acima anotado com a letra de Stefan “Hotel Paysandu”; sem indicação de data; assina “Stefan”; 2 páginas; em alemão. Contém envelope.

Publicação: não

De: **Stefan Zweig**

Para: **Siegfried Burger**

Local: Rio de Janeiro

Data: 1940

Mídia: manuscrito A:Zweig - 75.795/6

Característica: papel com o logo do “Hotel Central Rio de Janeiro”; sem indicação de data; assina apenas “Stefan”; 2 páginas; em alemão; Contém envelope,

Publicação: não

De: **Stefan Zweig**

Para: **Siegfried Burger**

Local: Rio de Janeiro

Data: 27/11/1940

Mídia: manuscrito A:Zweig - 75.795/8

Característica: papel com o logo do “Hotel Central Rio de Janeiro”; sem indicação de data; assina apenas “StefanZ”; 2 páginas; em alemão; Contém envelope

Publicação: não

De: Stefan Zweig

Para: Siegfried Burger

Local: Rio de Janeiro

Data: 19/09/1940

Mídia: manuscrito

A:Zweig - 75.795/9

Característica: papel com o logo do Hotel Paysandu: PAYSANDÚ HOTEL / FLAMENGO à esquerda; End. Teleg.: “Paysandú” / Tel (Rede Particular) 25-7270 / 23, Rua Paysandú à direita; sem indicação de data; assina apenas “Stefan”; 1 página; em alemão; há comentário ao lado; Contém envelope.

Publicação: não

De: Stefan Zweig

Para: Siegfried Burger

Local: Rio de Janeiro

Data: 24/09/1940

Mídia: manuscrito

A:Zweig - 75.795/10

Característica: papel com o logo do “Hotel Central – Rio de Janeiro”; sem indicação de data; assina apenas “Stefan”; 1 página; em alemão; Contém envelope

Publicação: não

De: Stefan Zweig

Para: Siegfried Burger

Local: Rio de Janeiro

Data: 23/10/1940

Mídia: manuscrito

A:Zweig - 75.795/11

Característica: papel com o logo do Hotel Paysandu: PAYSANDÚ HOTEL / FLAMENGO à esquerda; End. Teleg.: “Paysandú” / Tel (Rede Particular) 25-7270 / 23,

Rua Paysandú à direita; sem indicação de data; assina “StefanZweig”; 2 páginas; em alemão; Contém envelope

Publicação: não

De: **Lotte Zweig**

Para: **Siegfried Burger**

Local: Petrópolis

Data: 03/10/1941

Mídia: manuscrita

A: Zweig - 75.793/2

Características: papel com endereço: PETROPOLIS / 34 Rua Gonçalves Dias / Tel: 4316; 1 página; em alemão; contém envelope.

Publicação: não

De: **Stefan Zweig**

Para: **Siegfried Burger**

Local: Rio de Janeiro

Data: 18/12/40

Mídia: manuscrito

A:Zweig - 75.795/12

Característica: papel com o logo do Hotel Paysandu: PAYSANDÚ HOTEL / FLAMENGO à esquerda; End. Teleg.: “Paysandú” / Tel (Rede Particular) 25-7270 / 23, Rua Paysandú à direita; sem indicação de data; assina “Stefan”; contém comentário no final; 2 páginas; em alemão; Contém envelope;

Publicação: não

De: **Stefan e Lotte Zweig**

Para: **Siegfried Burger**

Local: Petrópolis

Data: 21/09/1941

Mídia: manuscrito

A:Zweig - 75.795/14

Característica: papel sem logo ou marca; há manuscrito as informações de Petrópolis: “Tel 4316 / 34 rua Goncalves Dias”; não há indicação de data na carta de Stefan, apenas na de Lotte; assinam “Stefan” e “LotteZweig”; 2 páginas (1 página para cada um); em alemão; Contém envelope

Publicação: não

De: **Stefan Zweig**

Para: **Siegfried Burger**

Local: Petrópolis

Data: 24/12/1941

Mídia: manuscrito

A:Zweig - 75.797/17

Característica: papel sem logo ou impressão; no final da carta há manuscrito o endereço de Petrópolis: “34, rua Goncalves Dias”; sem indicação de data; assina apenas “Stefan”; 1 página; em alemão; Contém envelope

Publicação: não

De: **Stefan und Lotte Zweig**

Para: **Siegfried Burger**

Local: Rio de Janeiro

Data: 03/09/1941

Mídia: manuscrito

A: Zweig - 75.793/1

Características: papel do Hotel Central; assinada por ambos; 2 paginas; em alemão

Publicação: não

De: Stefan Zweig

Para: Ferdinand Burger

Local: Londres

Data: 18/11/1938

Mídia: datiloscrito

A:Zweig - 75.794/1

Característica: papel sem logo ou cabeçalho; data e local datilografados; assina “StefanZ”; 2 páginas; em alemão

Publicação: não

De: Stefan Zweig

Para: Ferdinand Burger

Local: Londres

Data: 30/05/1939

Mídia: datiloscrito

A: Zweig - 75.794/2

Característica: papel com endereço de Londres impresso; 1 página; em alemão

Publicação: não

De: Stefan Zweig

Para: Ferdinand Burger

Local: Bath

Data: 24/11/39

Mídia: datiloscrito

A: Zweig - 75.794/3

Características: carta timbrada (cabeçalho de Bath): à esquerda o telefone (Telephone: Bath 4983) e à direita o endereço (Lyncombe Hill, Bath); 1 página; em alemão; Contém envelope.

Publicação: não

De: **Stefan Zweig**

Para: **Ferdinand Burger**

Local: Petrópolis

Data: 11/12/1941

Mídia: datiloscrito

A:Zweig - 75.794/5

Característica: papel sem logo ou marca; endereço e data estão datilografados; assina apenas “Stefan”; 1 página; em alemão

Publicação: não

De: **Stefan Zweig**

Para: **Ferdinand Burger**

Local: Petrópolis

Data: 22/02/1942

Mídia: manuscrito

A:Zweig - 75.794/6

Característica: bilhete sem data, num pedaço de papel; letra corrida; ½ página; em alemão. Contém envelope

Publicação: não

De: **Stefan Zweig**

Para: **Max Brod**

Local: Bath

Data: 16/12/1939

Mídia: datiloscrito

A: Brod - 86.1117/18

Características: papel com impressão: endereço e telefone de Bath: à esquerda o telefone (Telephone: Bath 4983) e à direita o endereço (Lyncombe Hill, Bath); 2 páginas; em inglês; Contém envelope

Publicação: não

De: **Max Brod**

Para: **Stefan Zweig**

Local: Tel-Aviv

Data: 06/12/1939

Mídia: datiloscrito

A:Zweig x - x87.46.1

Característica: cópia da carta original, que está em posse de Frau Esther Hoffe, em Tel-Aviv; cabeçalho com o endereço de Brod datilografado: Dr. Max Brod Tel-Aviv / Bet Josefstreet 25; 1 página; em inglês

Publicação: não

De: **Stefan Zweig**

Para: **Berthold Viertel**

Local: Rio de Janeiro

Data: 1941

Mídia: datiloscrito

A:Viertel - 68.2882/2

Característica: cartão postal enviado aos amigos; tradução de “Os Lusíadas” de Camões assinada por Zweig; endereçado a Berthold Viertel / Hotel Lamelton/ 147 West 55th Street / New York

Publicação: não

De: **Stefan Zweig**

Para: **Berthold Viertel**

Local: Petrópolis

Data: 30/01/1942

Mídia: manuscrita A:Viertel - 69.2882/4

Característica: papel vegetal em péssimo estado, com remendos; Local – Petropolis (Brasil) / 34 rua Gonçalves Dias – e data manuscritos com a letra de Zweig; 3 páginas; em inglês

Publicação: não

De: Berthold Viertel

Para: Stefan Zweig

Local: New York

Data: 02/10/1940

Mídia: datiloscrito

A:Viertel, Salka

Característica: papel com cabeçalho datilografado do Hotel Laurelton: 147 W 55 Str. / New York City / U.S.A; 2 páginas; em alemão

Publicação: não

De: Stefan Zweig

Para: Alfons Sondheimer

Local: Nova Iorque

Data: 23/5/1941

Mídia: datiloscrito

A: Hermann-Neisse - 60.771

Características: papel vegetal; data e local: C/o Viking Press, também datilografadas; em inglês; 1 página;

Publicação: não

De: Stefan Zweig

Para: Paul Zech

Local: Londres

Data: 10/02/1939

Mídia: datiloscrito

A: Zech - 63.409/3

Característica: papel com impressão com o endereço de Londres – 49, HALLAM STREET / LONDON, W.1 / LANGHAM 3693; data e assinatura manuscritas; 2 páginas; em alemão.

Publicação: não

De: Stefan Zweig

Para: Siegfried Burger

Local: S.S Argentina (on board)

Data: 1940

Mídia: manuscrito

A:Zweig - 75.795/2

Característica: papel com “American Republics Line” à esquerda; “Via air mail / On Board / S.S.Argentina à direita; sem indicação de data; assina “Stefan Zweig”; 4 páginas; em alemão

Publicação: BECK; BERLIN, 2005, p. 284-5

De: Stefan Zweig

Para: Siegfried Burger

Local: Petrópolis

Data: 29/11/1941

Mídia: manuscrito

A:Zweig - 75.795/15

Característica: folha de caderno sem logo ou impressão em bom estado de conservação; no final da folha há manuscrito o endereço de Petrópolis: “34, rua Goncalves Dias”; sem indicação de data; assina apenas “Stefan”; 1 página; em alemão; Contém envelope.

Publicação: BECK; BERLIN, 2005, p. 327-328

De: Stefan Zweig

Para: Leni Herrmann-Neisse

Local: Petrópolis

Data: 10/02/1942

Mídia: manuscrita (cópia)

A: Herrmann-Neisse - 60.762

Características: só a cópia está disponível; em inglês; 1 página (pequena), folha sem logo ou endereço: local e data foram colocados à mão; editada e publicada em alemão

Publicação: FRIEDENTHAL, 1978, pp. 349

De: Stefan Zweig

Para: Max Herrmann-Neisse

Local: sem

Data: sem

Mídia: manuscrito

A: Herrmann-Neisse - 60.759/2

Características: folha vegetal; sem data, logotipo ou indicação de local; assinatura apenas de “Stefan”; 2 páginas; em alemão

Publicação: BECK; BERLIN, 2005, pp. 276-277

De: Stefan Zweig

Para: Max Herrmann-Neisse

Local: Bath

Data: 18/10/1940 (à lapis)

Mídia: manuscrita

A: Herrmann-Neisse - 60.759/1

Características: folha de caderno; endereço de Bath marcado à tinta: Lyncombe Hill,

Bath / Rosemount; data à lápis; 2 páginas; em alemão

Publicação: BECK; BERLIN, 2005

De: **Stefan Zweig**

Para: **Berthold Viertel**

Local: Teresópolis

Data: 11/10/1940

Mídia: datiloscrito

A: Viertel - 69.2882/1

Característica: papel vegetal, com cabeçalho do endereço da Editora Guanabara, à mão: c/o Editora Guanabara / 132 Rua Ouvidor / Rio de Janeiro; 2 páginas; em alemão

Publicação: BECK; BERLIN, 2005, pp. 289-290

De: **Stefan Zweig**

Para: **Berthold Viertel**

Local: Petrópolis

Data: 28/10/1941

Mídia: manuscrito

A: Viertel - 69.2882/3

Característica: papel vegetal amarelado em péssimas condições de manuseio, com impressão com endereço da Editora Guanabara à esquerda, riscado e à direita endereço de Petrópolis: 34 Rua Gonçalves Dias / Petrópolis, no final comentário de Lotte; 3 páginas; em alemão

Publicação: FRIEDENTHAL, 1978, p. 335-338

De: **Lotte e Stefan Zweig**

Para: **Berthold Viertel**

Local: Rio de Janeiro Data: 08/09/1941

Mídia: manuscrito A:Viertel - 69.2881

Característica: papel com impressão com o logo do Hotel Central e “Rio de Janeiro” (à direita), data à mão; comentário de Stefan no final; em alemão; 4 páginas

Publicação: FRIEDENTHAL, 1978, pp. 327-328

De: Stefan Zweig

Para: Paul Zech

Local: New York Data: 22/04/1941

Mídia: datiloscrito A: Zech - 63.409/4

Característica: papel vegetal com o endereço datilografado da Editora de New York: C/O Vikingpresse / 18East 48th Street / Newyork; 1 página; em alemão.

Publicação: BECK; BERLIN, 2005, pp. 302-303

De: Stefan Zweig

Para: Viktor Fleischer

Local: Bath Data: 30/01/1940

Mídia: manuscrita A:Zweig - 62.324/277

Característica: papel com impressão com o cabeçalho de Bath: Telephone: Bath 4983 / “ROSEMOUNT”/ Lyncombe Hill, Bath – anotações extras em cima e em baixo da folha; 2 páginas; em alemão

Publicação: BECK; BERLIN, 2005, p. 269-60

De: Stefan Zweig

Para: Friderike Zweig

Local: Petrópolis

Data: 18/02/1942

Mídia: manuscrito

A:Zweig - 56.6.2775

Característica: cópia da carta manuscrita, com endereço de Petrópolis e data manuscritos em cima; assina apenas “Stefan”; 1 página; em inglês

Publicação: BECK; BERLIN, 2005, p. 339

De: Stefan Zweig

Para: Emil Ludwig

Local: Bath

Data: 30 ou 31/05/1940

Mídia: manuscrito

A:Ludwig - 60.741/6

Característica: papel com impressão com o cabeçalho de Bath: Telephone: Bath 4983 / “Rosemount” / Lyncombe Hill, Bath; sem indicação de data (à lápis, marcação do DLA); toda grifada à lápis; 2 páginas; em alemão

Publicação: FRÜHWALD; VAJDA, 1970, p. 93

De: Stefan Zweig

Para: Victor Wittkowski

Local: Petrópolis

Data: 20/10/1941

Mídia: manuscrito

A:Wittkowski - 64.417/3

Característica: papel sem logo, sem indicação de data ou endereço; comentário no final, manuscrito; 2 páginas; em alemão; Contém envelope.

Publicação: BECK; BERLIN, 2005, p.318-319

De: **Stefan Zweig**

Para: **Victor Wittkowski**

Local: Petrópolis

Data: 28/11/1941

Mídia: manuscrito

A:Wittkowski - 64.417/5

Característica: folha de caderno, com a data à lápis; assina "Stefan Zweig"; 1 página; em alemão; Contém envelope.

Publicação: BECK; BERLIN, 2005, p. 329

De: **Stefan Zweig**

Para: **Victor Wittkowski**

Local: Petrópolis

Data: 11/12/1941

Mídia: manuscrito

A:Wittkowski - 64.417/6

Característica: papel sem logo; sem indicação de endereço ou data; 2 páginas; em alemão; Contém envelope.

Publicação: BECK; BERLIN, 2005, pp. 332-333

De: **Stefan Zweig**

Para: **Victor Wittkowski**

Local: Petrópolis

Data: 31/12/1941

Mídia: manuscrito

A:Wittkowski - 64.417/8

Característica: papel sem logo; sem indicação de endereço ou data; 2 páginas; em

alemão; Contém envelope

Publicação: BECK; BERLIN, 2005, p. 335

De: Stefan Zweig

Para: Victor Wittkowski

Local: Petrópolis

Data: 22/02/1942

Mídia: manuscrito

A:Wittkowski - 64.417/14

Característica: papel com cabeçalho de Petrópolis: “34 rua Gonçalves Dias / Petrópolis”; sem indicação de data; assina “Stefan Zweig”; 2 páginas; em francês;

Publicação: BECK; BERLIN, 2005, pp. 343-344

De: Stefan Zweig

Para: Viktor Fleischer

Local: sem

Data: 1939

Mídia: manuscrita

A:Zweig - 62.324/269

Característica: pedaço de papel vegetal; sem marca, logo ou indicação de data e/ou local (arquivo a mantém junto com as de 1939); há recado de Lotte; 1 página; em inglês.

Publicação: não

De: Stefan und Lotte Zweig

Para: Victor Fleischer

Local: Bath

Data: 22/12/1939

Mídia: manuscrito

A: Zweig - 62.324/273

Característica: cartão postal; “Stefan Zweig” impresso; carimbo de Bath de 22/12/1939; endereço de Viktor Fleischer: Tuon Count/ Upper Lancaster Places / London NW 1

Publicação: não

De: **Stefan Zweig**

Para: **Viktor Fleischer**

Local: Bath

Data: 10/12/1939

Mídia: datiloscrito

A: Zweig - 62.324/271

Característica: papel com impressão com endereço de Bath; 2 páginas; em alemão

Publicação: não

De: **Stefan Zweig**

Para: **Viktor Fleischer**

Local: Bath

Data: 23/12/39

Mídia: manuscrita

A:Zweig - 62.324/274

Característica: papel com impressão do cabeçalho de London riscado; cabeçalho de Bath à mão – Bath Lyncombe Hill –; assina apenas “Stefan”; 2 páginas; em alemão

Publicação: não

De: **Stefan Zweig**

Para: **Viktor Fleischer**

Local: Bath

Data: 15/01/1940

Mídia: datiloscrito A: Zweig - 62.324/276

Características: papel com cabeçalho de Bath – Telephone: Bath 4983 / Lyncombe Hill, Bath –; observação manuscrita de Zweig; assina “Stefan”; 1 página; em alemão.

Publicação: não

De: **Stefan Zweig**

Para: **Viktor Fleischer**

Local: Bath

Data: 15/02/1940

Mídia: manuscrita

A:Zweig - 62.324/281

Característica: papel com impressão com o endereço de Bath: Telephone: Bath 4983 / Lyncombe Hill, Bath; recado de Lotte ao final; 2 páginas; em inglês. Contém envelope

Publicação: não

De: **Stefan Zweig**

Para: **Viktor Fleischer**

Local: Bath

Data: 16/02/1940

Mídia: manuscrita

A:Zweig - 62.324/282

Característica: papel com impressão com o endereço de Londres riscado; endereço de Bath manuscrito; sem data; assinada apenas “Stefan”; 1 página; em alemão. Contém Envelope.

Publicação: não

De: Stefan Zweig

Para: Viktor Fleischer

Local: Bath

Data: 19/02/1940

Mídia: datiloscrito

A: Zweig - 62.324/283

Característica: papel com impressão de Bath – Telephone: Bath 4983 / Lyncombe Hill, Bath –; assina “Stefan”; 2 páginas; em alemão

Publicação: não

De: Stefan e Lotte Zweig

Para: Viktor Fleischer

Local: Bath

Data: 24/02/1940

Mídia: manuscrita

A:Zweig - 62.324/284

Característica: papel com impressão com endereço de Londres riscado; assinatura diferente “StefanZweigbark”; carta de Lotte ao lado 2 páginas; em alemão; Contém envelope.

Publicação: não

De: Stefan e Lotte Zweig

Para: Viktor Fleischer

Local: Bath

Data: 21/3/1940

Mídia: manuscrita

A:Zweig - 62.324/286

Característica: papel com endereço de Londres riscado; 2 páginas; em alemão. Contém envelope.

Publicação: não

De: **Stefan Zweig**

Para: **Viktor Fleischer**

Local: New York

Data: 22/07/1940

Mídia: manuscrita

A:Zweig - 62.324/290

Característica: papel sem logo, marca; local e data anotados à mão; com recado de Lotte ao final; assina “StefanZweig”; 2 páginas; em inglês

Publicação: não

De: **Stefan e Lotte Zweig**

Para: **Viktor Fleischer**

Local: Rio de Janeiro

Data: 09/09/1940

Mídia: manuscrito

A:Zweig - 62.324/291

Característica: papel com impressão com o Hotel Paysandú, no Rio de Janeiro; Lotte escreve com tinta preta; Zweig com tinta azul; 4 páginas; em inglês

Publicação: não

De: **Stefan Zweig**

Para: **Viktor Fleischer**

Local: New Haven

Data: 22/02/1941

Mídia: datiloscrito

A:Zweig - 62.324/292

Característica: papel vegetal com o cabeçalho datilografado: Stefan Zweig; c/o Viking

Press / 18 East 48th Street / New York; recado manuscrito de Lotte; 1 página; em inglês

Publicação: não

De: **Stefan Zweig**

Para: **Viktor Fleischer**

Local: New York

Data: 26/5/1941

Mídia: manuscrito

A:Zweig - 62.324/294

Característica: papel vegetal com cabeçalho manuscrito: C/o The Viking Press / 18 East 48 Street; 2 páginas; em inglês

Publicação: não

De: **Stefan Zweig**

Para: **Viktor Fleischer**

Local: New York

Data: 25/6/1941

Mídia: manuscrito

A:Zweig - 62.324/295

Característica: papel vegetal com cabeçalho manuscrito: The Viking Press / 18 East 48 Street; com recado de Lotte; 2 páginas; em inglês

Publicação: não

De: **Stefan Zweig**

Para: **Viktor Fleischer**

Local: New York

Data: 07/08/1941

Mídia: manuscrito

A:Zweig - 62.324/296

Característica: papel de carta mais espesso; sem cabeçalho; sem indicação de endereço; com comentário de Lotte; 2 páginas; em inglês

Publicação: não

De: **Lotte Zweig**

Para: **Viktor Fleischer**

Local: New York

Data: 01/04/1941

Mídia: datiloscrito

A:Zweig - 62324/293

Característica: papel vegetal com endereço datilografado: c/o Viking Press / 18 Ea 48, Newyork; comentário de Stefan manuscrito; 1 página; em inglês

Publicação: não

De: **Stefan Zweig**

Para: **Hans Elsass**

Local: Rio de Janeiro

Data: 23/09/1940

Mídia: datiloscrito

A: Wertheimer - 89.60.5

Características: papel amarelado sem marca ou logo; endereço datilografado “Hotel Paysandu / Rio de Janeiro”; no papel do DLA aparece entre parênteses “Psend. José Antonio Bentos”; 1 folhas; em alemão

Publicação: não

De: **Stefan Zweig**

Para: **Käthe Prager-Braun**

Local: Londres Data: 12/06/1939

Mídia: datiloscrito A:Zweig - 68.497

Característica: papel com impressão com o endereço de Londres: LANGHAM 3693 / 49, HALLAM STREET / London, W 1; comentário "PS" datilografado; 4 páginas; em alemão

Publicação: não

De: **Stefan Zweig**

Para: **Paul Hirsch**

Local: Bath Data: 06/02/1940

Mídia: datiloscrito A: Zweig - 69.74

Característica: papel com impressão com o endereço de Bath; comentário manuscrito no final da carta; 1 página; em alemão

Publicação: não

De: **Stefan Zweig**

Para: **Fritz Homeyer**

Local: Londres Data: sem

Mídia: manuscrito A:Zweig - 74.302

Característica: papel sem marca, logo ou indicação sobre local e data, manuscrito o endereço de Londres; há comentário "PS" no final; 1 página; em alemão

Publicação: não

De: **Lotte Zweig**

Para: **Claire Goll**

Local: New York

Data: 17/6/1941

Mídia: datiloscrito

A:C. Goll - 73.3918

Característica: papel de carta mais espesso; logo do “Hotel Wyndham / 42 West 58th Street / New York City”; data datilografada em cima, à direita; 1 página; em alemão

Publicação: não

De: **Stefan Zweig**

Para: **Erich Ebermayer**

Local: San Francisco

Data: 09/11/1939

Mídia: manuscrito

A:Zweig - 74.321

Característica: cartão postal; assinado por “Erasmus” (referência direta à Erasmus de Roterdã); endereços: De: 1654 Taylor Street / San Francisco; Para: Herrn/ Erich Ebermayer / Berlin – Grunewald / Herbersstr. 16 / Germany

Publicação: não

De: **Stefan Zweig**

Para: **Antonina Valentina**

Local: Londres

Data: 22/5/1939

Mídia: datiloscrito

A:Zweig - 92.130.6/1

Característica: papel com cabeçalho de Londres: 49, Hallam Street / London, W. 1 / Langham 3693; assina “Stefan Zweig”; 2 páginas; em alemão

Publicação: não

De: **Stefan Zweig**

Para: **Antonina Vallentin**

Local: Londres

Data: 01/06/1939

Mídia: datiloscrito

A:Zweig - 92.130.6/2

Característica: papel com cabeçalho de Londres: 49, Hallam Street / London, W. 1 / Langham 3693; assina apenas “Stefan”; 2 páginas; em alemão

Publicação: não

De: **Stefan Zweig**

Para: **Antonina Vallentina**

Local: Bath

Data: 19/11/1939

Mídia: manuscrito

A:Zweig - 92.130.6/3

Característica: cartão postal; carimbo com endereço de Bath: Stefan Zweig / Lyncombe Hill / Bath; em francês; Para: Madame Antonina Ladaire / Paris / 96 avenue des Armes

Publicação: não

De: **Stefan Zweig**

Para: **Victor Wittkowski**

Local: Rio de Janeiro

Data: 17/09/1941

Mídia: manuscrito

A:Wittkowski - 64.417/1

Característica: papel com o logo do “Hotel Central – Rio de Janeiro”; sem indicação de

data; assina “Stefan Zweig”; 2 páginas; em alemão; Contém envelope.

Publicação: não

De: Stefan Zweig

Para: Victor Wittkowski

Local: Petropolis

Data: 09/10/1940

Mídia: manuscrito

A:Wittkowski - 64.417/2

Característica: papel sem logo, sem indicação de data; endereço de Petrópolis (34 rua Goncalves Diaz), manuscrito; 1 página; em alemão; Contém envelope.

Publicação: não

De: Stefan Zweig

Para: Victor Wittkowski

Local: Petrópolis

Data: 21/11/1941

Mídia: datiloscrito

A:Wittkowski - 64.417/4

Característica: papel sem logo; datilografado endereço de Petrópolis e data; 1 página; em alemão; Contém envelope.

Publicação: não

De: Stefan Zweig

Para: Victor Wittkowski

Local: Petrópolis

Data: 29/01/1942

Mídia: datiloscrito

A:Wittkowski - 64.417/7

Característica: telegrama

Publicação: não

De: Stefan Zweig

Para: Victor Wittkowski

Local: Petrópolis

Data: 29/01/1942

Mídia: manuscrito

A:Wittkowski - 64.417/9

Característica: papel sem logo; sem indicação de endereço ou data; com comentário; 1 página; em alemão; Contém envelope.

Publicação: não

De: Stefan Zweig

Para: Victor Wittkowski

Local: Petrópolis

Data: 11/1941 (?)

Mídia: manuscrito

A:Wittkowski - 64.417/11

Característica: papel sem indicação de data, sem cabeçalho, sem endereço; 1 página; em alemão; Contém envelope.

Publicação: não

De: Stefan Zweig

Para: Victor Wittkowski

Local: Petrópolis

Data: sem

Mídia: manuscrito

A:Wittkowski - 64.417/12

Característica: papel com impressão com o endereço de Petrópolis: “34 rua Gonçalves Dias / Petrópolis”; com comentário no final; assina apenas “S.Z.”; 2 páginas; em alemão; Contém envelope.

Publicação: não

De: **Stefan Zweig**

Para: **Victor Wittkowski**

Local: sem

Data: sem

Mídia: manuscrito

A:Wittkowski - 64.417/13

Característica: papel sem logo; sem indicação de data ou endereço; assina “Stefan Zweig”; 2 páginas; em alemão

Publicação: não

De: **Lotte Zweig**

Para: **Victor Wittkowski**

Local: Petrópolis

Data: 12/11/1941

Mídia: manuscrito

A:Wittkowski - 64.414

Característica: papel sem logo; sem indicação de endereço; com indicação de data; 2 páginas; em alemão; Contém envelope.

Publicação: não

De: **Lotte Zweig**

Para: **Victor Wittkowski**

Local: Petrópolis

Data: 20/11/1941

Mídia: datiloscrito

A:Wittkowski - 64.414

Característica: pedaço de papel; mesma numeração do manuscrito anterior; com indicação de data; sem indicação de endereço; ½ página; em alemão.

Publicação: não

De: Stefan Zweig

Para: Maudslay

Local: Bath

Data: 15/2/1940

Mídia: manuscrito

A:Zweig

Característica: papel com impressão com o endereço de Bath: Telephone: Bath 4983 / Hausen "ROSEMOUNT" / Lyncombe Hill, Bath; 2 páginas; em inglês

Publicação: não

De: Stefan Zweig

Para: Wolfram Gottlieb

Local: Bath

Data: 23/10/1939

Mídia: datiloscrito

A:Zweig - 75.182.2/7

Característica: papel com cabeçalho de Bath datilografado: Neue Adresse: / "Rosemount" / Lyncombe Hill / Bath; 2 páginas; em alemão; Contém envelope.

Publicação: não

De: Stefan Zweig

Para: Wolfram Gottlieb

Local: Bath

Data: 16/12/1939

Mídia: datiloscrito

A:Zweig - 75.182.2/9

Característica: papel com impressão com cabeçalho de Bath (sem o “Rosemount”); 2 páginas; em alemão

Publicação: não

De: Stefan Zweig

Para: Wolfram Gottlieb

Local: Bath

Data: 23/12/1939

Mídia: datiloscrito

A:Zweig - 75.182.2/10

Característica: cartão postal; o final é manuscrito; 1 página pequena; em inglês; Contém Envelope.

Publicação: não

CARTAS COLETADAS NA BN – RIO DE JANEIRO

De: **Stefan Zweig**

Para: **Zorán Ninitch**

Local: Salzburg

Data: s/d

Mídia: fac-símile de datiloscrito

Característica: impresso símbolo “SZ” à esquerda, com endereço de Salzburg: Kapuzinnerber, 5; em português; 1 página

Publicação: não

De: **Stefan Zweig**

Para: **L.B. FISCHER Publising Company**

Local: Petrópolis

Data: 21/02/1942

Mídia: fac-símile de manuscrito

Característica: carta com impresso da Editora Guanabara à direita 132 Rua Ouvidor / Rio de Janeiro; à esquerda impresso o endereço de Petrópolis (34, rua Gonçalves Dias); em inglês; 1 página

Publicação: não

De: **Stefan Zweig**

Para: **D’Almeida Vitor**

Local: Nova Iorque

Data: 08/05/1941

Mídia: datiloscrito

I-45, 12, 5

Característica: carta com indicação de envio datilografada (C/o Viking Press / 18 East)

48th Street / Newyork); comentário manuscrito ao final; em francês; 1 página

Publicação: não

De: **Stefan Zweig**

Para: **Abrahão Koogan**

Local: Buenos Aires

Data: s/d

Mídia: manuscrito

Característica: carta com impresso do logo do “City Hotel”, endereço (Bolívar 160 / Buenos Aires) e telegrama (CITYHOTEL); recado de Lotte ao final; em alemão; 2 páginas

Publicação: não

De: **Stefan Zweig**

Para: **Abrahão Koogan**

Local: a bordo da Air France

Data: sem

Mídia: manuscrito

Característica: carta escrita a bordo do avião da Air France; papel com logo; assinatura manuscrita; em alemão; 1 página

Publicação: não

De: **Stefan Zweig**

Para: **Abrahão Koogan**

Local: Londres

Data: sem

Mídia: manuscrito

Característica: provavelmente em agosto de 1940; em inglês e francês; 2 páginas

Publicação: não

De: **Stefan Zweig**

Para: **Abrahão Koogan**

Local: Nova Iorque

Data: 30/07/1940

Mídia: manuscrito

I-45,9,206

Característica: carta em papel vegetal sem logo; indicação de endereço (Hotel Wyndham Newyork 42 West 58 Street); em francês; 2 páginas

Publicação: não

De: **Stefan Zweig**

Para: **Abrahão Koogan**

Local: sem

Data: 10/1941

Mídia: manuscrito

I-45, 9, 226

Característica: carta sem logo ou indicação de endereço ou data; a data à tinta azul com letra diferente; em francês; 2 páginas

Publicação: não

De: **Stefan Zweig**

Para: **Abrahão Koogan**

Local: sem

Data: sem

Mídia: manuscrito I-45, 9, 225

Característica: papel vegetal, sem indicação de endereço ou data; em francês; 2 páginas

Publicação: não

De: **Stefan Zweig**

Para: **Abrahão Koogan**

Local: sem

Data: sem

Mídia: manuscrito

I-45, 9, 229

Característica: carta sem impressão de logo, endereço ou indicação de data; em francês; 2 páginas.

Publicação: não

De: **Stefan Zweig**

Para: **Abrahão Koogan**

Local: sem

Data: sem

Mídia: manuscrito

I-45,9, 227

Característica: papel sem indicação de endereço ou data; em francês; 2 páginas

Publicação: não

De: **Stefan Zweig**

Para: **Abrahão Koogan**

Local: sem

Data: sem

Mídia: manuscrito I-45, 9, 228

Característica: folha de caderno sem indicação de local ou data; em francês; 1 página.

Publicação: não

De: **Stefan Zweig**

Para: **Abrahão Koogan**

Local: Bath

Data: 25/07/1939

Mídia: datiloscrito

I-45,9,202

Característica: carta com endereço de Londres datilografado (49 Hallam Street); assinatura manuscrita; recado manuscrito ao final; em francês; 2 páginas

Publicação: não

De: **Stefan Zweig**

Para: **Abrahão Koogan**

Local: Bath

Data: 04/07/1939

Mídia: datiloscrito

I-45, 9, 201

Característica: carta com endereço de Londres datilografado (49 Hallam Street); assinatura manuscrita; em francês; 2 páginas

Publicação: não

De: **Stefan Zweig**

Para: **Abrahão Koogan**

Local: Nova Iorque

Data: 09/07/1940

Mídia: manuscrito I-45,9,203

Característica: papel vegetal com a indicação de endereço datilografada (C/o The Viking Press 18 East 48 Street Newyorkcity); data marcada com letra diferente; carta incompleta; sem assinatura; em francês; 1 página

Publicação: não

De: Stefan Zweig

Para: Abrahão Koogan

Local: Nova Iorque

Data: 11/06/1941

Mídia: manuscrito

I-45, 9, 223

Característica: papel vegetal com indicação de endereço manuscrita (C/o The Viking Press / 18 East 48 Street Newyork); em francês; 1 página

Publicação: não

De: Stefan Zweig

Para: Abrahão Koogan

Local: Nova Iorque

Data: 19/05/1941

Mídia: datiloscrito

Característica: papel vegetal com indicação de endereço do remetente (C/o Viking Press / 18 East 48th Street / New York) e do destinatário (Monsieur A. Koogan, / Editora Guanabara, / 132 Rua Ouvidor, / Rio de Janeiro); recado manuscrito de Stefan no rodapé; em francês; 1 página

Publicação: não

De: Stefan Zweig

Para: Abrahão Koogan

Local: Nova Iorque

Data: 22/04/1941

Mídia: datiloscrito

I-45,9,221

Característica: carta com indicação de endereço da Viking Press; ao final endereço do destinatário (M. A. Koogan, / Editora Guanabara, / Rio de Janeiro); em francês; 1 página

Publicação: não

De: Stefan Zweig

Para: Abrahão Koogan

Local: **New Haven**

Data: 21/03/1941

Mídia: **datiloscrito**

I-45, 9, 219

Característica: papel vegetal, com indicação de endereço datilografada (Hotel Taft / Newhaven, Conn.); recado de Stefan ao final; em francês; 1 página

Publicação: não

De: Stefan Zweig

Para: Abrahão Koogan

Local: New Haven

Data: 28/03/1941

Mídia: datiloscrito

I-45,9,220

Característica: papel vegetal, com indicação de endereço datilografada (C/o Viking Press / 18 East 48th Street / Newyork.); em francês; 1 página

Publicação: não

De: Stefan Zweig

Para: Abrahão Koogan

Local: New Haven

Data: 22/02/1941

Mídia: datiloscrito

I-45,9,218

Característica: papel vegetal, com indicação de endereço datilografada (Taft Hotel / Newhaven, Conn.); recado manuscrito ao final; em francês; 1 página

Publicação: não

De: Stefan Zweig

Para: Abrahão Koogan

Local: Nova Iorque

Data: 23/06/1941

Mídia: datiloscrito

Característica: papel vegetal, com indicação de endereço (C/o Viking Press / 18 East 48th Street / Newyork.); recado manuscrito de Stefan; em francês; 1 página

Publicação: não

De: Stefan Zweig

Para: Abrahão Koogan

Local: Nova Iorque

Data: 08/02/1941

Mídia: datiloscrito

I-45, 9, 213

Característica: papel vegetal, com indicação de endereço datilografada (C/o Viking Press / 18 East 48th Street / Newyork.); assinatura manuscrita; em francês; 1 página

Publicação: não

De: Stefan Zweig

Para: Abrahão Koogan

Local: Ossining

Data: 11/07/1941

Mídia: datiloscrito

I-45, 9, 215

Característica: papel vegetal, com indicação de endereço (C/o Viking Press / 18 East 48th Street / Newyork.); recado de Lotte manuscrito ao final; em francês; 1 página

Publicação: não

De: Edmundo Correa

Para: Stefan Zweig

Local: Mendoza

Data: 24/07/1940

Mídia: datiloscrito

Característica: carta com impresso de “Rectorado”; carimbo da “Universidad Nacional de Cuyo” e de “E. C. Rector”; anotação em azul de Lotte; em francês; 1 página

Publicação: não

De: Luis Guimarães

Para: Stefan Zweig

Local: Rio de Janeiro

Data: 06/09/1940

Mídia: datiloscrito

Característica: cabeçalho da folha de “A Gazeta” (Rua Conceição, 6, São Paulo-Brasil, Caixa Postal I), telefone (4|4134; 4|4135; 4|4136; 4|4137) e telegrama: GAZETA; em francês; 1 página

Publicação: não

De: Alfred Hirschberg

Para: Stefan Zweig

Local: São Paulo

Data: 19/12/1940

Mídia: datiloscrito

Característica: papel com cabeçalho da “Congregação Israelita Paulista”, endereço da sede (Rua Brigadeiro Galvão, 181), telefone (5-4824) e caixa postal (4091); em alemão; 1 página

Publicação: não

De: Asociación Filantrópica Israelita

Para: Stefan Zweig

Local: Montevideo

Data: 13/08/1940

Mídia: datiloscrito

I-45, 8, 105

Característica: papel com cabeçalho da “Asociación Filantrópica Israelita”, com endereço da sede (San Salvador 2067), telegrama: AFILANTIS e “U.T.E. 4.84.09; assinado pelo Diretor Geral (Léon Kirchheim) e Sub-Secretário; em alemão; 1 página

Publicação: não

De: Kultus-Gemeinschaft

Para: Stefan Zweig

Local: Santiago

Data: 12/08/1940

Mídia: datiloscrito I-45, 8, 116

Característica: carta com impresso da “Kultus-Gemeinschaft ‘B’ne Jisroel” da “Sociedad Cultural Israelita”, com endereço da sede (Casilla 2487); assinada pelo diretor (Fernando F.); em alemão; 1 página

Publicação: não

De: José Bento Monteiro Lobato

Para: Stefan Zweig e Paul Frischauer

Local: São Paulo

Data: 13/11/1941

Mídia: datiloscrito I-45, 8, 119

Característica: carta com cabeçalho da “Companhia Editora Nacional”, com endereço sede (Rua dos Gusmões, 639 – Caixa 2734 – São Paulo), telefone (4-67-30) e telegrama (EDITORA); diretores: Octalles Marcondes Ferreira e Themistocles Marcondes Ferreira; em português; 1 página

Publicação: não

De: Leon Nathanson

Para: Stefan Zweig

Local: Santiago

Data: 02/11/1940

Mídia: datiloscrito I-45, 8, 122

Característica: carta com o impresso de “Leon Nathanson” advogado e ex-tabelião alemão; com indicação de endereço (VIÑA DEL MAR / Calle Valparaiso 215 – Cas. 55 / Santiago / Avenida Santa Maria / Dep. 36 A.; em alemão; 1 página

Publicação: não

De: Siegmundo Mewe

Para: Stefan Zweig

Local: Santiago

Data: 04/11/1940

Mídia: datiloscrito

I-45, 8, 120

Característica: cabeçalho com o endereço do remetente (Casilla 2379 / Santiago);
endereçado ao City Hotel, em Buenos Aires; em alemão; 1 página

Publicação: não

De: Ministry of Information

Para: Stefan Zweig

Local: Londres

Data: 30/05/1940

Mídia: datiloscrito

Característica: carta não oficial; cabeçalho impresso com as informações do Ministério:
endereço do “Director General” (Male Street, London, W.C1), telefone (EUSTon 4321)
e telegrama (MINIFORM, LONDON); ao final endereço de Stefan em Bath; em inglês;
1 página

Publicação: não

De: Fernando Ortiz

Para: Stefan Zweig

Local: Havana

Data: 04/06/1941

Mídia: datiloscrito

Característica: carta com impresso ao lado esquerdo logo da instituição, com endereço
(Manzana de Gomes nº 329), telefone (M-9071) e telegrama (CULTURA); em

espanhol; 1 página

Publicação: não

De: Nueva Comunidad Israelita en el Uruguay

Para: Stefan Zweig

Local: Montevideo

Data: 05/09/1940

Mídia: datiloscrito

Característica: carta com logo e impresso da “Nueva Comunidad Israelita en el Uruguay”, reconhecido pelo governo uruguaio; assinada pelo presidente da instituição; em alemão; 1 página

Publicação: não

De: A. Uslar Pietri

Para: Stefan Zweig

Local: Caracas

Data: 07/09/1940

Mídia: datiloscrito

Característica: carta com impresso dos “Estados Unidos de Venezuela” e logo do Ministro da Educação; em espanhol; 1 página

Publicação: não

De: Harold R. Peat

Para: Stefan Zweig

Local: Nova Iorque

Data: 07/08/1940

Mídia: datiloscrito

Característica: carta com impresso do “Management of Distinguished Personalities”, com endereço (2 West 45th Street / New York N.Y.) e telegrama (MARPEAT); em inglês; 1 página.

Publicação: não

De: Herbert W. Schneider

Para: Stefan Zweig

Local: Nova Iorque

Data: 12/08/1940

Mídia: datiloscrito

Característica: carta com impresso da “Columbia University”, Departamento de Filosofia em Nova Iorque; assinatura do Diretor Executivo (Herbert Schneider); em inglês; 1 página.

Publicação: não

De: J. B. Souza Filho

Para: Stefan Zweig

Local: São Paulo

Data: 30/08/1940

Mídia: datiloscrito

Característica: cabeçalho da folha de “A Gazeta”: informações sobre endereço da matriz (Rua Conceição, 6, São Paulo-Brasil, Caixa Postal I), telefone (4|4134; 4|4135; 4|4136; 4|4137) e telegrama: GAZETA; assinatura manuscrita; em francês; 1 página

Publicação: não

De: **DeWitt Wallace**

Para: **Stefan Zweig**

Local: **Pleasantville, N.Y**

Data: 31/07/1940

Mídia: **datiloscrito**

I-45,10,034

Característica: carta com impresso da “The Reader’s Digest”, contendo o local (The Rider’s Digest Association – Pleasantville, N.Y), o corpo de diretores (DeWitt Wallace / Lila Acheson Wallace) e o Editor Geral (Kenneth W. Payne); em inglês; 1 página

Publicação: não

De: **Franz Süß**

Para: **Stefan Zweig**

Local: La Paz

Data: 01/11/1940

Mídia: datiloscrito

Característica: carta com impresso do endereço do remetente (Cassila 003 / La Paz – Bolívia); endereço de Buenos Aires de Stefan (City Hotel); em alemão; 1 página

Publicação: não

De: **S. Tocker**

Para: **Stefan Zweig**

Local: Assunção

Data: 06/11/1940

Mídia: datiloscrito

Característica: carta com impresso de “Dr. S. Tocker”, com endereço em Assunção, aos cuidados de “Gumpert / 14 de Julio 110”; em alemão; 2 páginas

Publicação: não

De: Eugen Kerpel

Para: Stefan Zweig

Local: Budapeste

Data: 04/09/1941

Mídia: datiloscrito

I-45, 8, 168

Característica: telegrama enviado pela “The Western Union”; envio para a “Viking Press Inc”; em inglês; 1 página

Publicação: não

De: José Carlos Macedo Soares

Para: Stefan Zweig

Local: Petrópolis

Data: 08/11/1941

Mídia: datiloscrito

Característica: telegrama; o remetente foi Ministro das Relações Exteriores; em português; 1 página

Publicação: não

De: Abrahão Koogan

Para: Stefan Zweig

Local: Rio de Janeiro

Data: 26/08/1939

Mídia: datiloscrito

I-45, 8, 168

Característica: papel vegetal com endereço de Londres datilografado (49, Hallam Street

/ LONDON – ENGLAND); sem assinatura; em francês; 1 página

Publicação: não

De: Abrahão Koogan

Para: Stefan Zweig

Local: Rio de Janeiro

Data: 17/06/1939

Mídia: datiloscrito

I-45,8, 167

Característica: papel vegetal com endereço de Londres datilografado (49, Hallam Street / LONDON-W.1 – ENGLAND); sem assinatura; em francês; 2 página

Publicação: não

De: Abrahão Koogan

Para: Stefan Zweig

Local: Rio de Janeiro

Data: 28/01/1939

Mídia: datiloscrito

I-45,8, 166

Característica: papel vegetal com endereço de Londres datilografado (49, Hallam Street / London); na 2ª. página há novamente “Mr. Stefan Zweig” e a data; em francês; 2 páginas

Publicação: não

De: Abrahão Koogan

Para: Stefan Zweig

Local: Rio de Janeiro

Data: 01/06/1940

Mídia: datiloscrito I-45, 8, 169

Característica: papel vegetal com endereço de Londres datilografado (49, Hallam Street / LONDON W.1 - ENGLAND); sem assinatura; em francês; 2 páginas

Publicação: não

De: **Ben Huebsch**

Para: **Governo dos EUA**

Local: Nova Iorque

Data: 05/06/1941

Mídia: datiloscrito

I-45, 8, 111

Característica: Carta de recomendações Stefan Zweig emigrar para os EUA; impresso da "Publishers The Viking Press", com endereço (18 East 48th Street), telefone (Plaza 5-4330) e telegrama (Viking); em inglês; 1 página

Publicação: não

De: **Stefan Zweig**

Para: **Abrahão Koogan**

Local: New York

Data: 31/01/1941

Mídia: impressa

Característica: recado de Lotte ao final; 2 páginas; em francês

Publicação: BECK; BERLIN, 2005, pp. 296-297

De: **Stefan Zweig**

Para: **Abrahão Koogan**

Local: New Haven

Data: 11/02/1941

Mídia: impressa

Característica: reforço do novo endereço: New Haven, em Connecticut; 2 páginas; em francês

Publicação: BECK; BERLIN, 2005, pp. 297-298

De: **Stefan Zweig**

Para: **Abrahão Koogan**

Local: Petrópolis

Data: 21/02/1942

Mídia: manuscrito

Característica: carta com endereço de Petrópolis manuscrito (34 Rua Goncalves Dias); em francês; 1 página

Publicação: BECK; BERLIN, 2005, p. 342

De: **Stefan Zweig**

Para: **Abrahão Koogan**

Local: Petrópolis

Data: 21/02/1942

Mídia: manuscrito

Característica: carta com endereço de Petrópolis manuscrito (34 Goncalves Dias); em francês; 4 páginas; Contém o testamento; Contém envelope.

Publicação: BECK; BERLIN, 2005, pp. 341-343

De: Stefan Zweig

Para: Abrahão Koogan

Local: Petrópolis

Data: 18/02/1942

Mídia: manuscrito

Característica: carta com endereço de Petrópolis manuscrito (34 Rua Goncalves Dias); data marcada também à mão; em francês; 2 páginas

Publicação: BECK; BERLIN, 2005, pp. 338-339

De: Stefan Zweig

Para: Abrahão Koogan

Local: Nova Iorque

Data: 01/08/1941

Mídia: manuscrito

I-45,9,224

Característica: papel vegetal sem indicação de endereço; em francês; 1 página

Publicação: BECK; BERLIN, 2005, p. 311

De: Stefan Zweig

Para: Abrahão Koogan

Local: Nova Iorque

Data: 31/01/1941

Mídia: datiloscrito

I-45, 9, 212

Característica: papel vegetal com indicação do endereço datilografado (C/o Viking Press / 18 East 48th Street / Newyork); com recado manuscrito de Stefan e de Lotte; em francês; 1 página

Publicação: BECK; BERLIN, 2005, pp. 296-7

De: **Stefan Zweig**

Para: **Abrahão Koogan**

Local: New Haven

Data: 11/02/1941

Mídia: manuscrito

I-45, 9, 217

Característica: papel de carta azul, com indicação do endereço datilografado (New Haven (Connec) / Taft Hotel); indicação manuscrita ao final (New Haven / Taft Hotel); em francês; 1 página

Publicação: BECK; BERLIN, 2005, pp. 297-8

De: **Stefan Zweig**

Para: **Abrahão Koogan**

Local: Nova Iorque

Data: 22/07/1940

Mídia: datiloscrito

Característica: carta com indicação de endereço datilografado (Wyndham Hotel / 42 West 58th St. / New York, N.Y); comentário de Stefan ao final; em francês; 2 páginas

Publicação: BECK; BERLIN, 2005, pp. 278-279

De: **Stefan Zweig**

Para: **Abrahão Koogan**

Local: Teresópolis

Data: sd

Mídia: impressa

I-45, 9, 208

Característica: 2 páginas; em alemão; a parte final não foi editada, com o recado de Lotte e o comentário sobre o “Brasilienbuch”. – encontrados no original

Publicação: BECK; BERLIN, 2005, pp. 286-287

De: **Stefan e Lotte Zweig**

Para: **Abrahão Koogan**

Local: à bordo da Panair

Data: 03/11/1940

Mídia: manuscrito

Característica: aerograma enviado à bordo da Panair (logo da empresa impresso); com recado de Stefan ao final; em francês; 2 páginas

Publicação: BECK; BERLIN, 2005, pp. 293-4

De: **Stefan Zweig**

Para: **Abrahão Koogan**

Local: sem

Data: sem

Mídia: manuscrito

I-45, 9, 216

Característica: papel vegetal, sem indicação de endereço ou data; com recado ao final; em francês; 1 página

Publicação: BECK; BERLIN, 2005, pp. 311-12

De: **Stefan Zweig**

Para: **Abrahão Koogan**

Local: Buenos Aires

Data: s/d

Mídia: manuscrito

Característica: carta com impresso do logo do “City Hotel”, endereço (Bolívar 160 /

Buenos Aires) e telegrama (CITYHOTEL); recado de Lotte ao final; em alemão; 2 páginas

Publicação: não

CARTAS COLETADAS NA ABL – RIO DE JANEIRO

De: Stefan Zweig

Para: Afonso Arinos de Melo Franco

Local: Petrópolis

Data: sem

Mídia: manuscrito

Característica: carta impressa com endereço de Petrópolis (Petropolis (Brazil) / 34 Rua Gonçalves Dias); provavelmente foi escrita no dia 21/02/1942; anexado estava o rascunho de Montaigne”; em francês; 1 página

Publicação: não

De: Stefan Zweig

Para: Afonso Arinos de Melo Franco

Local: Petrópolis

Data: 03/12/1941

Mídia: datiloscrito

Característica: carta impressa com endereço de Petrópolis (Petropolis (Brazil) / 34 Rua Gonçalves Dias); em francês; 1 página

Publicação: não
